



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
NÚCLEO DE ALTOS ESTUDOS AMAZÔNICOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO PÚBLICA
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO PÚBLICA**

SORAYA FEIO YOSHIOKA

**IMPACTOS DA ATIVIDADE PRODUTIVA DE FLORES E PLANTAS
ORNAMENTAIS NO DESENVOLVIMENTO LOCAL NO MUNICÍPIO DE SANTA
BÁRBARA DO PARÁ**

**BELÉM
2017**

SORAYA FEIO YOSHIOKA

**IMPACTOS DA ATIVIDADE PRODUTIVA DE FLORES E PLANTAS
ORNAMENTAIS NO DESENVOLVIMENTO LOCAL NO MUNICÍPIO DE SANTA
BÁRBARA DO PARÁ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão Pública do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará, em cumprimento às exigências para obtenção do grau de Mestre em Gestão Pública.

Orientador: Prof. Dr. Carlos André Corrêa de Mattos.

Linha de pesquisa: Gestão Pública do Desenvolvimento.

BELÉM

2017

Dados Internacionais de Catalogação de Publicação (CIP)

Yoshioka, Soraya Feio, 1988-

Impactos da atividade produtiva de flores e plantas ornamentais no desenvolvimento local no Município de Santa Bárbara do Pará / Soraya Feio Yoshioka. – 2017

134 f.: il.; 29 cm
Inclui bibliografias

Orientador: Carlos André Corrêa de Mattos

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Programa de Pós-Graduação em Gestão Pública, Belém, 2017.

1. Flores - Cultivo - Santa Bárbara do Pará. 2. Plantas ornamentais - Santa Bárbara do Pará. 3. Produtividade agrícola - Santa Bárbara do Pará. 4. Desenvolvimento econômico - Santa Bárbara do Pará. I. Mattos, Carlos André Corrêa de, orientador. II. Título.

CDD 22 ed.: 635.9098115

Elaborada por
Maria do Socorro Barbosa Albuquerque
CRB-2/871

SORAYA FEIO YOSHIOKA

**IMPACTOS DA ATIVIDADE PRODUTIVA DE FLORES E PLANTAS
ORNAMENTAIS NO DESENVOLVIMENTO LOCAL NO MUNICÍPIO DE SANTA
BÁRBARA DO PARÁ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão Pública do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará, em cumprimento às exigências para obtenção do grau de Mestre em Gestão Pública.

Data de aprovação: ____/____/____

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Carlos André Corrêa de Mattos
Orientador – NAEA/UFPA

Prof. Dr. José Almir Rodrigues Pereira
Examinador Interno – NAEA/UFPA

Prof. Dr. Carlos Alberto Batista Maciel
Examinador Externo – ICESA/UFPA

*À minha mãe, que me deu todos os exemplos de
amabilidade, competência e dedicação.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, por Sua graça, e todas as oportunidades que me foram concedidas.

A meus pais que durante meu crescimento estiveram presentes no incentivo para que eu buscase conhecimento. Registro meus agradecimentos ao Sr. Jorge Yoshioka e à Sra. Rosilda Feio, os primeiros e mais importantes suportes para que eu seja quem me tornei.

À Universidade Federal do Pará, pela oferta deste curso de Mestrado. Aos meus colegas de turma, que foram confidentes e parceiros, e ajudaram a tornar esta caminhada mais leve e feliz. Ao meu competente orientador, Prof. Dr. Carlos André, com seus conselhos e discussões valorosas e uma humanidade admirável; e também pela amizade construída ao longo da pesquisa. E aos membros da banca avaliadora, Prof. Dr. José Pereira e Prof. Dr. Carlos Maciel, que aceitaram contribuir com este projeto. Meu muito obrigada.

À todas as produtoras e familiares que abriram seus lares para receber a mim, com simpatia e boa vontade, e contribuíram assim, para a construção deste trabalho, meus agradecimentos. Esta pesquisa só foi possível por causa delas, e a partir de suas participações espontâneas e sinceras.

A meus familiares, amigos, minha chefia, Prof. Dr. Edmar Costa, e colegas de trabalho, pela compreensão com relação às minhas ausências em função das atividades deste curso, agradeço, pois, este espaço foi essencial para a conclusão desta caminhada.

Por fim, meu afetuoso agradecimento ao meu companheiro, Robson Júnior, que esteve ao meu lado em todos os momentos em que precisei de sua presença, seu apoio, e sua conversa amiga.

RESUMO

As relações produtivas, comerciais e sociais entre os diversos agentes do aglomerado de municípios podem contribuir para desenvolver uma região. No caso de atividades produtivas agrícolas, a proximidade geográfica entre produtor e mercado consumidor pode contar tanto para a viabilidade econômica do negócio, quanto para a qualidade percebida pelo consumidor que obtém produtos mais frescos. O negócio de flores e plantas ornamentais no Brasil concentra-se no mercado interno, estratégia que ocorre na maioria dos estados brasileiros, incluindo o Estado do Pará. A presente investigação teve como objetivo analisar como esta atividade produtiva tem impactado para o desenvolvimento local, a partir de suas contribuições e limitações para a melhoria da qualidade de vida dos produtores envolvidos, e sob a perspectiva dos próprios produtores. A metodologia desta pesquisa é classificada como exploratória e descritiva, com tratamento de dados de abordagem qualitativa, e se concentrará sob a perspectiva dos produtores de flores e plantas ornamentais da região periurbana de Belém, particularmente o município de Santa Bárbara. Os resultados encontrados são de que o modelo de produção vigente apresenta a limitação de ser de baixa escala e variedade de espécies, fato que dificulta a capacidade dos produtores locais para atender a demanda dos canais de distribuição, relegando-os a obter rendimentos financeiros por meio de vendas diretamente para o consumidor final em feiras e eventos do setor, que ocorrem de forma espaciais e, além disso, a renda oriunda da atividade, apesar de ser considerada complementar pelos produtores, contribui para o desenvolvimento local na medida em que se mostra como de importância relevante para a percepção de qualidade de vida das entrevistadas, melhorando seu acesso a alimentação, remédios, vestuário, mobilidade e, principalmente, promovendo autonomia para as mulheres produtoras. Conclui-se que a atividade contribui para o desenvolvimento local, porém com contribuição muito limitada, devido a fatores de ordem competitiva, baixo capital social, carência de experiência associativa e deficiência de políticas públicas adequadas e de longo prazo.

Palavras-chave: Desenvolvimento Local. Qualidade de vida. Flores e Plantas ornamentais. Agrofloricultura. Agricultura Urbana e Periurbana.

ABSTRACT

The productive, commercial and social relations between the different agents of the agglomeration of municipalities may develop the region in a truly way. In the case of agricultural productive activities, the geographic proximity between producer and consumer market may help on the economic viability of the business and increase quality perception on the consumers whose obtain fresh products. The business of flowers and ornamental plants grows all over the world and Brazil has focused on the domestic market. This strategy is occurring in most Brazilian states, and in the state of Pará it is not different. The main objective of this research is analyzing the conditioning factors of this activities and their capacity of providing the local development. The methodology of this research is classified as exploratory and descriptive, with qualitative approach for the data treatment; besides it will focus on the agents involved in the production of flowers and ornamental plants in the Guajará region of the State of Pará, covering the city of Santa Bárbara, peri-urban area of Belém - PA. The results show that the model of production found has the limitation of being a low scale production, and covering a variety of species, fact that hinders the capacity of local producers to supply the demand of the distribution channels, relegating them to obtain financial income through sales directly to the final consumer at trade fairs and industry events; besides, the income obtained from the activity is considered complementary by the producers, but it contributes to local development insofar as it is shown to be of relevant importance for the interviewees' perception of quality of life, improving their access to food, medicines, clothing, mobility, and mainly promoting autonomy for women producers. It is concluded that the activity contributes to local development, but with a very limited contribution, due to competitive factors, low social capital, lack of association and lack of adequate public policies.

Keywords: Local Development. Quality of life. Flowers and Ornamental Plants. Urban and Peri-urban Agriculture.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Estrutura da Cadeia Produtiva de Flores e Plantas Ornamentais da Mesorregião de Belém em 2006	18
Figura 2 - Cadeia produtiva do agronegócio	27
Figura 3 - Fluxograma de trabalho	53
Figura 4 - Mapa de Região Metropolitana	57
Figura 5 - Aptidão agrícola	60
Figura 6 - Estrada para acesso a parte das propriedades produtoras de flores e plantas ornamentais .	75
Figura 7 - Utilização de caroços de açaí na preparação de substrato para plantas envasadas	80
Figura 8 - Reutilização de materiais plásticos para reprodução de mudas	81
Figura 9 - Impactos da atividade de flores e plantas ornamentais para a qualidade de vida das produtoras	96

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Identificação da cadeia produtiva de flores e plantas ornamentais na mesorregião de Belém	29
Quadro 2 - Ambientes organizacional e institucional da cadeia produtiva de flores e plantas ornamentais na região periurbana de Belém.....	30
Quadro 3 - Dimensões de Análise.....	55
Quadro 4 - Caracterização dos Entrevistados.....	62
Quadro 5 - Importância da atividade para o gênero feminino.....	64
Quadro 6 - Ambientes organizacional e institucional da cadeia produtiva de flores e plantas ornamentais no município de Santa Bárbara	65
Quadro 7 - Dimensão Econômica	67
Quadro 8 - Importância atribuída pelas entrevistadas às feiras e eventos	69
Quadro 9 - Dimensão de Infraestrutura.....	71
Quadro 10 - Dimensão Biológica.....	76
Quadro 11 - Depoimentos quanto à categoria de análise da Sustentabilidade	78
Quadro 12 - Dimensão Educacional.....	82
Quadro 13 - Dimensão Cultural	84
Quadro 14 - Reforços positivos sobre aspectos culturais no âmbito da atividade produtiva de flores e plantas ornamentais	88
Quadro 15 - Dimensão Psicológica.....	89
Quadro 16 - Dimensão Institucional	91
Quadro 17 - Percepção das entrevistadas quanto a atuação das instituições.....	92
Quadro 18 - Categorias emergentes	94
Quadro 19 - Depoimentos sobre o início da atividade comercial	97
Quadro 20 - Depoimentos sobre o relacionamento com os canais de distribuição	100
Quadro 21 - Limitações da cadeia produtiva sob a perspectiva dos produtores	101
Quadro 22 - Contribuições para o desenvolvimento local sob a perspectiva dos produtores	107

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Famílias Atendidas e Valor Total Empregado no Programa Bolsa Família, Pará e microrregião do Guajará - 2015	58
Tabela 2 - Produto Interno Bruto a preços correntes (Mil Reais), Pará e municípios - 2011 a 2014.....	58

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APL	Arranjo Produtivo Local
CEASA	Centrais de Abastecimento do Pará
EMATER	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado do Pará
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
FAEPA	Federação da Agricultura e Pecuária do Pará
FAO	Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura
FAPESPA	Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas
IBRAFLOR	Instituto Brasileiro de Floricultura
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agraria
MAPA	Ministério de Agricultura, Pecuária e Abastecimento
MPEG	Museu Paraense Emilio Goeldi
OMS	Organização Mundial de Saúde
PRONAF	Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
SEBRAE	Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SEDAP	Secretaria de Estado de Desenvolvimento Agropecuário e da Pesca
SENAR	Serviço Nacional de Aprendizagem Rural

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	Problema de pesquisa	15
1.2	Objetivos	18
1.2.1	Objetivo Geral	18
1.2.2	Objetivo Específico	18
1.3	Justificativa	19
1.4	Estrutura do trabalho	20
2	REFERENCIALTEÓRICO	22
2.1	Contexto da atividade agrícola de flores e plantas ornamentais ..	22
2.1.1	Agronegócio e cadeias de produção	23
2.1.2	Cadeia produtiva de flores e plantas ornamentais da região periurbana de Belém.....	27
2.1.3	Agricultura urbana e periurbana.....	29
2.2	Desenvolvimento local: conceituação e endogeneização	32
2.2.1	Qualidade de vida	40
2.3	Estudos anteriores	42
2.3.1	A atividade no Estado do Pará.....	43
2.3.2	A atividade nas demais regiões	45
3	METODOLOGIA	48
3.1	Procedimentos metodológicos	51
3.2	Caracterização da região estudada	55
4	RESULTADOS	59
4.1	Caracterizações	59
4.1.1	Caracterização dos Entrevistados	60
4.1.2	Ambientes Identificados.....	63

4.2	Percepção dos produtores sobre sua qualidade de vida	64
4.2.1	Percepção Objetiva	65
4.2.1.1	<i>Dimensão Econômica</i>	65
4.2.1.2	<i>Dimensão de Infraestrutura</i>	69
4.2.1.3	<i>Dimensão Biológica</i>	74
4.2.1.4	<i>Dimensão de Sustentabilidade</i>	76
4.2.1.5	<i>Dimensão Educacional</i>	80
4.2.2	Percepção Subjetiva.....	82
4.2.2.1	<i>Dimensão Cultural</i>	82
4.2.2.2	<i>Dimensão Psicológica</i>	87
4.2.2.3	<i>Dimensão Institucional</i>	88
4.3	Categorias emergentes	92
4.4	Síntese do capítulo.....	93
5	DISCUSSÃO.....	95
5.1	Breve histórico.....	95
5.2	Limitações da atividade produtiva.....	99
5.3	Contribuições para o desenvolvimento local.....	105
6	CONCLUSÃO.....	115
6.1	Recomendações.....	118
	REFERÊNCIAS.....	120
	APÊNDICE	135
	APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA PRODUTORES	133

1 INTRODUÇÃO

Em todo o mundo, a floricultura comercial contribui tanto para o aumento da qualidade de vida das pessoas quanto para influenciar seus sentimentos, movimentando um negócio lucrativo, e que continuará crescendo (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A AGRICULTURA E ALIMENTAÇÃO – FAO, 1998). Internacionalmente, o maior mercado de flores e plantas ornamentais é a União Europeia, onde a Holanda se destaca como maior país em números de importação e exportação. Na América Latina destacam-se Colômbia, Equador e Costa Rica como grandes exportadores de flores e plantas ornamentais para países, além da própria Holanda, como Estados Unidos, Reino Unido, Alemanha e outros países europeus. Já o Brasil, apesar de gerar alguns produtos para exportação, consome praticamente toda a sua produção (BUAINAIN; BATALHA, 2007; SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS - SEBRAE, 2015).

A atividade está inserida no contexto do agronegócio¹ no Brasil, e este é percebido como de grande relevância econômica e social, visto que gera pelo menos um em cada três empregos do país (ECOAGRO, 2017; FACHINI et al., 2006). A cadeia produtiva de flores e plantas ornamentais é considerada prioritária no planejamento estratégico dentro do Ministério de Agricultura, Pecuária e Abastecimento - MAPA (2011). Tsuboi e Tsurushima (2009, p. 17) apontam que “a floricultura é um segmento da produção agrícola, concorrendo com outros segmentos da agricultura na divisão de recursos como pessoal, terra etc.”.

Numa abrangência nacional, a floricultura comercial se destaca como segmento promissor do agronegócio, com crescimentos anuais aproximados em 10% nos valores movimentados no mercado interno (BUAINAIN; BATALHA, 2007; JUNQUEIRA; PEETZ, 2014; JUNQUEIRA; PEETZ, 2006). O principal destino da produção é o mercado interno, que consome 96,5% do total produzido (JUNQUEIRA; PEETZ, 2014); mas para Buainain e Batalha (2007) o setor apresenta grande potencial de crescimento no mercado externo. Na região norte, o Estado do Pará é o principal produtor e consumidor dos produtos ornamentais, com concentração principalmente na região metropolitana de Belém (BUAINAIN; BATALHA, 2007; SEBRAE, 2015). E a nível nacional, o Pará é o 5º maior estado exportador Brasileiro na área da floricultura (SEBRAE, 2015).

¹ Também conhecido como *agribusiness*, “é o conjunto de negócios relacionados à agricultura e pecuária dentro do ponto de vista econômico” (MENDES, 2014, p. 115).

O relatório “Caracterização do setor produtivo de flores e plantas ornamentais no Brasil 1995-1996” reforçou a relevância econômica e social da atividade quando considera que “embora percentualmente o setor de flores e plantas ornamentais brasileiro seja muito pequeno em relação à totalidade do setor agropecuário, ele pode ser bastante significativo para a economia do País, porque as flores e plantas ornamentais são produtos de alto valor agregado” (IBGE, 2004, p.20).

Dados do Instituto Brasileiro de Floricultura – IBRAFLOR (2015) estimam que o negócio movimentou nacionalmente, somente no ano de 2014, algo em torno de R\$5,7 bilhões, a nível de consumidor, sendo que a macrorregião Sudeste se destaca em maior número de produtores e maior área cultivada, alcançando 132.962 empregos ao longo da cadeia produtiva, enquanto que a macrorregião Norte aparece em último lugar, com 7.985 trabalhadores.

Um estudo do Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE – realizado em 2006 verificou uma expansão da floricultura brasileira e da cadeia produtiva de flores e plantas ornamentais da região metropolitana de Belém, mas ainda em fase de estruturação e com dificuldades de variadas naturezas: técnica, administrativa, econômica, política e econômica. Apesar disso, houve reconhecimento de que a atividade florícola pode cumprir um relevante papel econômico-social no âmbito da produção agrícola ao gerar renda para as famílias do campo, e assim diminuindo o êxodo para os centros urbanos (JUNQUEIRA; PEETZ, 2006), fatos que também são percebidos no estudo de abrangência nacional de Buainain e Batalha (2007) a respeito do tema.

Sobre o Estado do Pará, dados do IBRAFLOR (2015) mostram que o consumo per capita de flores do Estado foi de R\$11,62, e que a atividade emprega pelo menos 3.769 pessoas ao longo da cadeia produtiva. Entre os produtores estão principalmente pequenos agricultores familiares, mas também trabalhadores de outros segmentos que se interessam pela atividade como complementação de renda (EMPRESA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL - EMATER, 2015).

Essa atividade é exercida na forma de agricultura urbana e periurbana, visto que se trata de uma produção que pode se aproveitar tanto de espaços urbanos sem uso quanto da conveniência de proximidade geográfica entre produção agrícola e mercado consumidor (EMATER, 2012; SANTOS; SENA, 2006). Mougeot (2005), em um estudo em 24 cidades pelo mundo, aponta que milhares de trabalhadores rurais e outras dezenas de milhares de trabalhadores em geral se engajam em atividades produtivas agrícolas, mesmo em seu tempo livre. Este autor observa também que quanto maior o valor de mercado do produto, maior será

a contribuição para a renda daquela família, o que traz mais uma teoria a respeito das motivações dos produtores em investir no setor de flores e plantas ornamentais.

Nas considerações do planejamento estadual (PARÁ, 2016), levanta-se a hipótese de que haja uma baixa formalização nos negócios do campo, principalmente no que tange a agricultura familiar, com um número desconhecido de trabalhadores envolvidos sazonalmente na produção. Becker (2003) já afirmava que a maior parte da massa de trabalhadores urbanos que lidavam com produtos de origem rural atuava na economia informal. Adicionalmente, Mougeot (2005), em estudos da agricultura urbana e periurbana, afirma que os dados apontam uma grande associação entre essa produção e o mercado “de rua” e informal.

E embora haja pouca precisão de dados estatísticos devido à informalidade de atividades econômicas tradicionais no Pará no âmbito da agricultura familiar, o planejamento econômico do Estado do Pará considera que elas representam uma dimensão bastante expressiva quanto à ocupação da mão de obra local e com uma movimentação em torno de R\$5 bilhões (PARÁ, 2016). Esta importância dada à agricultura familiar no Estado do Pará também é destacada em outros estudos, como de Figueiredo (2001), e Junqueira e Peetz (2006).

Durante fase de pesquisa exploratória do presente trabalho, a partir dos relatos dentre os canais de distribuição, os lojistas apontam que os principais produtos comercializados nas lojas de flores e plantas ornamentais são oriundos da região sudeste do país, e a produção local ou integra as vendas secundárias dos estabelecimentos ou inexistente, ratificando a pesquisa realizada por Junqueira e Peetz (2006) no trabalho de levantamento do perfil da cadeia produtiva de flores e plantas ornamentais em Belém. Porém, na área de serviços (decoreação; eventos etc) parece haver uma maior relação comercial com os produtores regionais, ainda a ser verificada. Dentre os produtos locais mais conhecidos e citados pelos canais de distribuição em Belém estão as flores e folhagens tropicais.

Com base no exposto, constata-se que é importante compreender os diferentes fatores que podem influenciar o desenvolvimento local a partir de uma atividade produtiva, no caso desta pesquisa, a partir do negócio de flores e plantas ornamentais. Este trabalho abordará o desenvolvimento endógeno, com destaque para o desenvolvimento local; assim como fará uma abordagem de análise a partir do fenômeno da agricultura urbana e periurbana e a percepção dos produtores envolvidos.

1.1 Problema de pesquisa

Os conceitos mais recentes sobre desenvolvimento incluem perspectivas construídas a partir de planejamento *botton up*, proposição de novas soluções e tecnologias e projetos inovadores (PARÁ, 2016; CASSIOLATO; LASTRES, 2003), e processos de aprendizagem coletiva e cooperação (CASSIOLATO; LASTRES, 2003; FERRAZ et al., 2010). Além do mero conceito econômico, o desenvolvimento deve incluir o conhecimento e envolvimento da população local (MACHADO, 2003).

O planejamento do governo estadual prevê, desde a década de 2000, políticas públicas que apoiem cadeias produtivas com potencial de competitividade² tanto no mercado local quanto nacional e global, com espaço para inovações tecnológicas, e oportunidades de articulação de atores sociais e governamentais (AGÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO DA AMAZÔNIA - ADA, 2004; PARÁ, 2016). Para Costa (2010), este processo de reorientação estratégica no âmbito do governo estadual do Pará ocorre para acompanhar as políticas federais da época, até que nos anos de 2007 e 2008 o governo estadual implementa o Sistema Estadual de Arranjos Produtivos Locais³, onde se institui o APL de Floricultura da Microrregião de Belém, na época. Segundo o autor, nesta época esta atividade contava com algum apoio institucional da SEDECT – Secretaria de Estado para o Desenvolvimento, Ciência e Tecnologia.

Pactos coletivos para investimento em determinados atividades econômicas, neste caso os APLs, teoricamente têm mais potencial para gerar resultados também coletivos e que alterem os ciclos econômicos da região. As “regras do jogo” são ditadas pelas instituições e influenciam as organizações (PIAIA, 2013; SANTANA, 2014; SOUZA, 2007) que, por sua vez, também podem vir a influenciar de volta as instituições (PIAIA, 2013). Portanto, há base teórica para concluir que escolhas e ações conscientes de atores e organizações podem, coletivamente, alterar um ciclo vicioso para ciclo virtuoso.

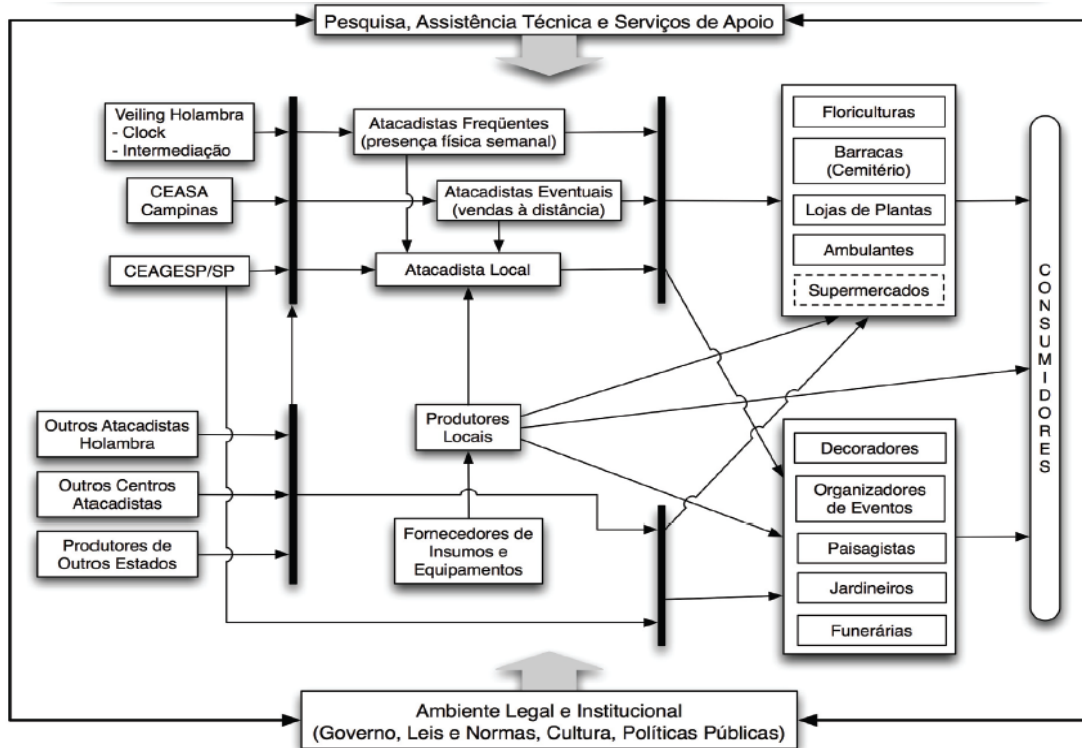
² Para Santana (2001, p. 86), a competitividade está relacionada à avaliação de ameaças e oportunidades do ambiente para as empresas. A importância dessa análise está na avaliação da atratividade econômica da organização e seus produtos e serviços. Essa atratividade “é determinada pelo desempenho médio das empresas na economia, ou seja, depende das empresas que apresentam baixas ameaças e alta oportunidade em relação ao conjunto de empresas concorrentes”.

³ No conceito da RedeSist, APLs são “aglomerações territoriais de agentes econômicos, políticos e sociais – centrados em um conjunto específico de atividades econômicas que apresentam vínculos, mesmo que incipientes” (CASSIOLATO; LASTRES, 2003, p.2).

Porém, na análise de Costa et al., (2010), noções relacionadas aos APLs não têm sido, de fato, orientadoras das políticas públicas estaduais no Pará, nas quais ainda persistem problemas de descontinuidade de ações. Em um estudo a respeito da gestão pública do Estado do Pará, Vidal (2011) também aborda a questão da descontinuidade administrativa, juntamente com outros fatores como paternalismo, autoritarismo e burocratismo, como obstáculos para a introdução de um modelo de gerência pública moderno. A fraca articulação entre os órgãos governamentais e não-governamentais em torno dos territórios seria outra hipótese para o fraco desempenho inicial da estratégia de planejamento (COSTA, 2010).

Estudos dos anos 2000 (BUAINAIN; BATALHA, 2007; JUNQUEIRA; PEETZ, 2006), revelam uma cadeia produtiva de flores e plantas ornamentais em expansão na região periurbana de Belém, principalmente devido: (a) ao aumento da demanda interna dos produtos; e (b) a atividade se apresentar como uma alternativa dos produtores familiares em busca de uma produção mais rentável; em contrapartida, tais estudos também elencaram características limitantes, como as dificuldades de financiamento da produção; de disponibilidade de assistência técnica, e de acesso à mudas, sementes e material genético de qualidade; infraestrutura precária; escassez de capacitação e assessoria especializada. Fatores estes, que à época, limitavam a melhoria da qualidade e da regularidade de entrega dos produtos regionais nos canais de distribuição e contribuía para que o abastecimento da região de Belém fosse eminentemente de origem do estado de São Paulo (JUNQUEIRA; PEETZ, 2006).

Figura 1- Estrutura da Cadeia Produtiva de Flores e Plantas Ornamentais da Mesorregião de Belém em 2006



Fonte: Junqueira e Peetz (2006, p. 185)

Os produtores locais, pequenos em sua maioria, disputam mercados com produtores nacionais especialmente localizados no Estado de São Paulo, e que fazem uso de mais tecnologia, produzem em grande escala e desenvolvem sua logística de distribuição, entre outras coisas. Desta forma, verificando-se a Figura 1, tais produtores de fora do Estado mostram-se mais competitivos. Neste contexto, há de se verificar se os produtores locais têm qualidade de vida e se atribuem isso a atividade florística. Se sim, poder-se-á dizer que existe contribuição para o desenvolvimento local, caso contrário, não.

Desta maneira, a presente pesquisa visa investigar as possíveis contribuições da atividade produtiva de flores e plantas ornamentais para o desenvolvimento local, na medida em que possa ser uma atividade de relevância para promover a qualidade de vida e incluir produtivamente as populações rurais que migraram para as cidades, além logicamente de parte da população local que percebe na atividade uma oportunidade para formação de renda. Sendo assim, este trabalho pretende responder ao seguinte questionamento: De que forma a atividade produtiva de flores e plantas ornamentais influencia no desenvolvimento local do município de Santa Bárbara (PA)?

1.2 Objetivos

A partir desta questão, foram definidos os objetivos que nortearam o trabalho, conforme apresentado a seguir.

1.2.1 Objetivo Geral

Analisar as limitações e as potencialidades da atividade produtiva da floricultura no município de Santa Bárbara, no estado do Pará, sob a perspectiva dos produtores e quanto sua contribuição para o desenvolvimento local.

1.2.2 Objetivo Específico

Quanto ao objetivo específico, foi estabelecido:

- Identificar os aspectos relacionados à atividade produtiva de flores e plantas ornamentais no município de Santa Bárbara (PA) que influenciam na qualidade de vida dos produtores e, conseqüentemente, para o desenvolvimento local.

1.3 Justificativa

Aprimorar maneiras mais evoluídas de intervenção no ambiente é necessário para promover o desenvolvimento (BOISIER, 2001), e a floricultura tem ganhado espaço em razão de sua crescente demanda no Pará (AGÊNCIA PARÁ, 2016; EMATER, 2012; SANTOS; SENA, 2006; JUNQUEIRA; PEETZ, 2006), no Brasil (BUAINAIN; BATALHA, 2007), e no mundo (BUAINAIN; BATALHA, 2007; YONG, 2010). Neste contexto, o estudo sobre a atividade produtiva de flores e plantas ornamentais no município de Santa Bárbara, na região periurbana de Belém, capital do Estado do Pará, é importante do ponto de vista produtivo e econômico, pois a atividade florícola a nível nacional e regional visa principalmente atender ao mercado interno, conforme já constatados em estudos anteriores (EMATER, 2012; IBRAFLOR, 2015; JUNQUEIRA; PEETZ, 2014; SANTOS; SENA, 2006; SEBRAE, 2015), e ainda trata-se de uma atividade produtiva que se desenvolve mais fortemente quando realizada próxima aos mercados consumidores (TSUBOI; TSURUSHIMA, 2009). Destaca-se também, e principalmente, por seu aspecto social, devido seu potencial de contribuir para a distribuição de renda (FRANÇA; MAIA, 2008). Portanto, é uma atividade com potencial para dinamizar as relações produtivas e comerciais locais.

Por envolver questões ligadas à redução da pobreza e das desigualdades, agricultura e cidades sustentáveis, dignidade no trabalho e crescimento econômico inclusivo, o presente estudo está alinhado também aos desafios propostos pela agenda internacional liderada pela Organização das Nações Unidas em 2015 com os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS - ONU, 2015); uma iniciativa pós-Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, em que tais questões se mostram como objetos de estudo e campo de ação. Serão analisados nesta pesquisa as oportunidades de que os agentes envolvidos na atividade produtiva de flores e plantas ornamentais possam se beneficiar no sentido de obter melhoria na qualidade de vida, inclusão produtiva de produtores que migraram para as cidades, redução de pobreza etc.

A importância do ponto de vista dos agentes envolvidos na atividade produtiva é a principal, pois se pretende apontar os pontos fortes e fracos da “corrente” em que estão envolvidos, considerando as percepções dos elos formadores da governança⁴. Assim, com mais conhecimento a respeito da atividade, um planejamento mais efetivo poderá ser trabalhado pelos interessados tanto na área privada quanto pública.

Figueiredo (2001) também enfatiza que o planejamento de ações que visam o desenvolvimento precisa considerar os rebatimentos de tais intervenções nos estabelecimentos familiares; principalmente no que tange as atividades relacionadas à agricultura familiar, responsável por suprir as necessidades básicas desses núcleos.

O enfoque da pesquisa em Santa Bárbara do Pará justifica-se por ser um dos principais municípios produtores de flores e plantas ornamentais apontados no Estado do Pará, e por apresentar os maiores índices de vulnerabilidade em relação às demais cidades (quando considerados o número percentual de famílias cadastradas no Programa Bolsa Família e o PIB dos municípios, conforme Caracterização da Região, no Cap. 3), sendo também o mais afastado da capital, mas ainda pertencente à microrregião.

Diante do exposto, considera-se importante a investigação na busca da compreensão das relações desta atividade produtiva para o desenvolvimento local e, por conseguinte, melhoria de qualidade de vida dos trabalhadores envolvidos, geração de renda e redução das desigualdades. Pretende-se que este estudo possa servir de base para os produtores envolvidos, assim como os demais elos da cadeia conheçam o potencial de desenvolvimento da atividade e com isso possam traçar futuras estratégias de negócio e, por consequência, para o desenvolvimento local.

⁴ Aqui entendido como “relações entre empresas dentro de uma cadeia produtiva, onde os melhores posicionados exercem o controle sobre as cadeias de produção” (SOUZA, 2007, p. 59)

A pesquisa é oportuna, pois segue as tendências da Agenda Estratégica do Setor de Flores e Plantas Ornamentais, criada pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento quando prevê entre outros itens, estudos a respeito de mercados potenciais e sobre esta atividade produtiva em regiões de baixo consumo per capita (MAPA, 2011).

Já a viabilidade do estudo advém da própria agenda governamental do Estado do Pará, que inclui a temática da produção comercial de flores e plantas ornamentais como parte de seu planejamento estratégico para o desenvolvimento local (PARÁ, 2016). O presente estudo pode, assim, contribuir para aumentar o conhecimento das redes de relacionamento dos produtores locais.

1.4 Estrutura do trabalho

Com o intuito de encontrar uma resposta adequada ao problema apresentado, esta pesquisa está estruturada em seis seções, sendo esta introdução a primeira, com a contextualização do tema a nível internacional e nacional, sua importância dentro da temática do desenvolvimento local e delimitação dos objetivos da presente investigação.

Na segunda seção encontra-se a revisão bibliográfica, abordando os conceitos relacionados ao problema de pesquisa, e os autores e organizações de destaque na área. Nesta seção também são levantados estudos anteriores que mostram a importância teórica das pesquisas relacionadas à atividade de flores e plantas ornamentais e à agricultura urbana e periurbana. Conforme abordado nesta seção, teoricamente, esta atividade produtiva possui variadas características de que contribui para o desenvolvimento local.

A terceira seção é composta pela metodologia que norteou este estudo, com apresentação das informações do planejamento de ações para pesquisa, sua caracterização e estratégias para coleta e análise dos dados. Neste espaço constam as dimensões de análise consideradas para a consecução do objetivo da pesquisa. O estudo foi exploratório e qualitativo, tendo sido priorizado o aprofundamento dos temas relacionados à qualidade de vida dos produtores e o desenvolvimento local do município, mesmo com um número limitado de amostragem.

A quarta seção apresenta os resultados da pesquisa aplicada entre os produtores do município de Santa Bárbara no estado do Pará, tendo sido analisadas as respostas das entrevistadas a partir das dimensões de análise definidas na metodologia do trabalho. Por

tratar-se de pesquisa exploratória, foi possível levantar categorias emergentes, não previstas anteriormente no referencial teórico.

A quinta seção é dedicada a discutir os achados da pesquisa, e é dividida em três partes: um breve histórico da atividade no município de Santa Bárbara, na visão das produtoras; apontamento das contribuições da atividade produtiva de flores e plantas ornamentais para o desenvolvimento local; e apontamento das limitações deste negócio para a qualidade de vida das produtoras e para o desenvolvimento local do município.

Por fim, a sexta seção aborda a conclusão e considerações possíveis após realização da pesquisa, e traz uma apresentação geral dos resultados encontrados e sua interpretação pela pesquisadora. Por fim, esta última seção também sugeri novas pesquisas relacionadas ao tema.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A finalidade desta seção é apresentar os conceitos acerca dos estudos sobre cadeias produtivas, agricultura urbana e periurbana e desenvolvimento local. A abordagem desses conceitos centrais se faz necessária para compreender os principais aspectos relacionados à atividade produtiva de flores e plantas ornamentais e de que forma pode ocorrer sua contribuição para o desenvolvimento local.

2.1 Contexto da atividade agrícola de flores e plantas ornamentais

Tsuboi e Tsurushima (2009) relatam o contexto histórico da região próxima à capital paulista, que durante na década de 1920 somente considerava agricultores os produtores de batata e, numa escala menos importante, os produtores de tomate. A produção exclusiva de hortaliças à época nem era considerada agricultura; no entanto, com o crescimento da população urbana, aumentou a demanda do consumo da horticultura e, na década de 1940, tanto a horticultura quanto a fruticultura já haviam adquirido importância no contexto agrícola. O mesmo processo de reconhecimento para a floricultura demorou mais algumas décadas, e até 1960 e 70 a atividade ainda era segregada.

Um dos resquícios encontrados na pesquisa de Tsuboi e Tsurushima (2009) a respeito da história da indústria nacional de flores e plantas ornamentais é de que ainda existe a influência da agricultura familiar nos produtores de descendência japonesa, e de produção de larga escala nos de origem holandesa. Na região periurbana de Belém, grande parte dos produtores rurais de flores e plantas ornamentais é composta por agricultores familiares (EMATER, 2015; SANTOS; SENA, 2006; JUNQUEIRA; PEETZ, 2006).

O uso da expressão agricultura familiar, a partir da década de 1990, visava desassociar essa atividade de noções relacionadas a atraso e ineficiência (“pequeno produtor”) ou não inserção no mercado (“produção para subsistência”), conceitos antigos que buscam ser desagregados tanto do atual mercado de flores e plantas ornamentais quanto das demais culturas. O novo termo ganhou consolidação nos espaços governamentais e acadêmicos, principalmente a partir da criação do PRONAF – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – em 1996, primeiro programa voltado para o segmento (SAUER, 2008; LOPES; ROCHA, 2005), e que continua sendo até hoje o seu principal apoiador governamental financeiro (SEAD, 2017).

Belik (2003) analisa tais ações governamentais da década de 1990 conjuntamente, no contexto de um esforço internacional promovido pela Organização das Nações Unidas –

ONU para a redução da situação de fome em seus territórios e até hoje a (FAO, 2017) reúne esforços para este propósito, agora com enfoque na agricultura urbana e periurbana.

Segundo Sauer (2008), o fortalecimento da agricultura familiar e a consequente geração de empregos na área rural ampliam perspectivas para inovações que vão além da modernização tecnológica, e implica em mudanças no padrão de desenvolvimento, resultando na melhoria das condições de vida da população rural. Porém, o autor afirma que para que essas contribuições de fato ocorram, é vital que a atividade produtiva dessas famílias seja competitiva, apresente qualidade e custo atrativo. Tanto para Dürr (2001) quanto para Fachini et al. (2006), uma das principais dificuldades do agricultor familiar é desenvolver a mentalidade de “produzir para o mercado” cada vez mais exigente, já Anjos (2003), aponta a necessidade do protagonismo da intervenção estatal no sentido de articular políticas públicas dinamizadoras.

2.1.1 Agronegócio e cadeias de produção

A concepção de agronegócio (*agribusiness*) foi desenvolvida na *Harvard University* (EUA), na década de 1950 e serviu para “definir sistemas produtivos de base agropecuária em geral” (MATTOS, 2012, p. 34). Para autores como Batalha e Scarpelli (2009) e Araújo (2011), entende-se por agronegócio o conjunto de todas as operações, do início da produção à sua distribuição, incluindo processos de gestão de suprimentos, produção, armazenamento.

No âmbito dos estudos relacionados ao agronegócio, já na década de 1960, foi definida a cadeia de produção agroindustrial, uma expressão útil para “identificar sistemas de produção estabelecidos a partir de uma única matéria-prima” (MATTOS, 2012, p. 34). Batalha e Scarpelli (2009) explicam que esta concepção é capaz de abordar os encadeamentos que partem de uma matéria-prima específica (leite ou soja, por exemplo), e podem proporcionar uma variedade de produtos através de diferentes processos de transformação.

Com o avanço da compreensão das cadeias de produção, diferentes autores (MATTOS, 2012; SOUZA, 2007; TOLEDO, et al., 2004; TSUBOI; TSURUSHIMA, 2009) depõem sobre a importância de que as empresas não atuem isoladamente, e atribuem maior efetividade à organização das redes de empresas, cuja coordenação em diversos campos, como produtivo, estratégico, relacional podem vir a fortalecer posições competitivas no mercado. Mendes (2014) também identifica que a pouca ineficiência e baixa competitividade de alguns tipos de agronegócios é fruto da desarticulação entre os diferentes elos que compõem as suas cadeias produtivas.

Por outro lado, no campo da gestão pública brasileira, Silva e Coto (2015) relatam que a Constituição Federal de 1988 possibilitou, a partir dela, maior visibilidade e envolvimento da sociedade civil e da esfera privada com as diferentes instâncias governamentais para a formulação e execução das políticas públicas, fazendo com que tais atores possam vir a atuar conjuntamente. Para Mendes (2014) é crescente a importância dos estudos de cadeias produtivas, visto que a identificação dos seus pontos fortes e fracos é crucial na definição de políticas voltadas para a competitividade de um país ou região, tanto na disputa pelo mercado interno como pelo comércio internacional.

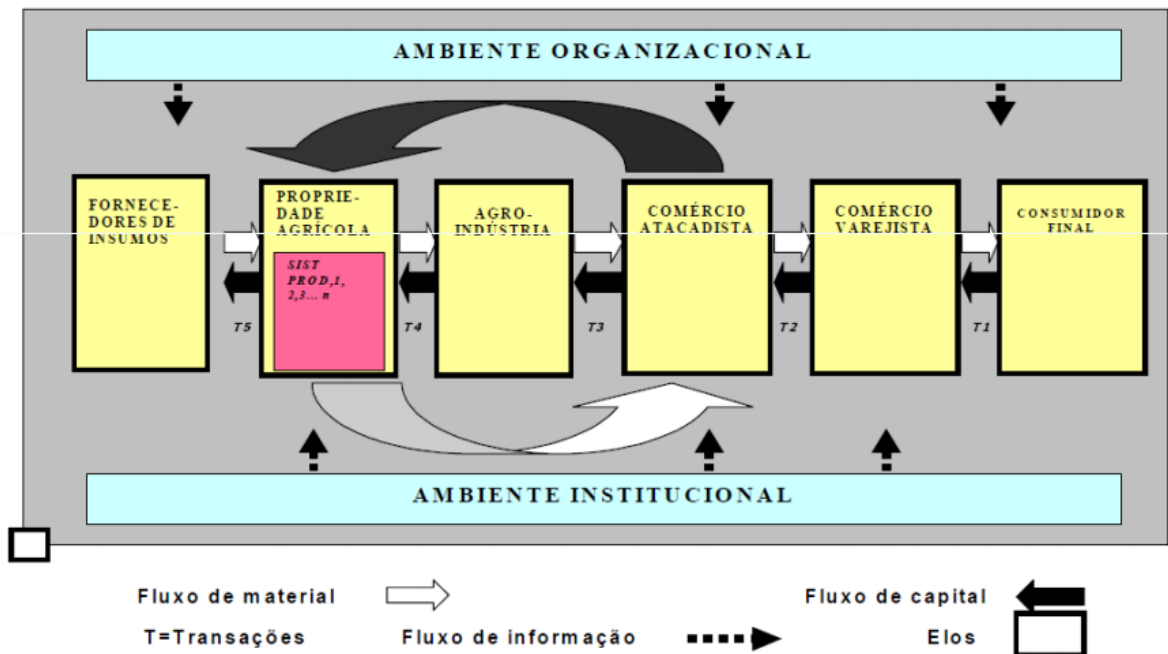
Uma cadeia produtiva é uma rede de atividades funcionando integradamente e cobrindo todos os estágios de uma atividade produtiva, “desde a transformação de matérias-primas, passando pelos estágios intermediários de produção, até a entrega do produto acabado ao mercado” (MENDES, 2014, p.116). Já Mariluce Souza (2007, p. 35) conceitua que:

Cadeia produtiva é um conjunto de ações econômicas que regulam a valorização dos meios de produção e asseguram a articulação das operações [...] Sua visualização se dá como uma sucessão de operações de transformação dissociáveis, capazes de serem separadas e ligadas entre si por um encadeamento técnico.

Souza (2007) continua e identifica três ambientes que integram a cadeia produtiva e nos quais serão identificados os agentes a serem pesquisados: (1) Ambiente Institucional: cria as “regras do jogo”, formado pela legislação, cultura, costume e tradições da sociedade; (2) Ambiente Organizacional: é formado por estruturas de suporte ao funcionamento da cadeia, incluem órgãos de pesquisa, de normalização, de fiscalização, associações, sindicatos, universidades etc.; (3) Ambiente Empresarial: são os subsistemas internos às empresas, seu capital humano, material, financeiro, tecnológico e o tipo de gestão e procedimentos operacionais. Em consonância com tais conceitos, encontra-se na Figura 1 um modelo representativo geral de uma cadeia produtiva do agronegócio, utilizado pelo Ministério de Agricultura, Pecuária e Abastecimento – MAPA.

No âmbito da esfera das políticas federais, o Ministério de Agricultura, Pecuária e Abastecimento – MAPA instalou a partir na década de 2000 as Câmaras Setoriais, com a missão de “atuar como foro consultivo na identificação de oportunidades ao desenvolvimento das cadeias produtivas, articulando agentes públicos e privados, definindo ações prioritárias de interesse comum, visando à atuação sistêmica e integrada dos diferentes segmentos”. Seus requisitos de criação foram a legitimidade social, importância econômica, existência de organizações representativas e importância social, esta verificada pela capacidade de geração de emprego e renda da atividade e de fixação das pessoas ao campo (MAPA, 2016).

Figura 2- Cadeia produtiva do agronegócio



Fonte: MAPA (2016)

Buainain e Batalha (2007) enfatizam que a cadeia produtiva de flores tem sido incluída, no âmbito das políticas federais, como prioridade desde o ano 2000 nos planos plurianuais do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, que mantém desde o ano de 2003 a Câmara Setorial da Cadeia Produtiva de Flores e Plantas Ornamentais. O termo Agrofloricultura é utilizado pelos autores para designar “todos os elos da cadeia produtiva de flores e plantas ornamentais” (BUAINAIN; BATALHA, 2007, p. 51).

Tsuboi e Tsurushima (2009) analisam que a indústria nacional de flores se deparava com a diversificação do público consumidor, vindo de um histórico de crescimento acelerado desde a década de 1980, e que vem se estabilizando a partir da década de 1990. Para os autores “a base da indústria é formada por pessoas e estruturas que fazem parte da produção, fornecedores de matéria-prima e transporte de bens”; neste sentido, explicam que um produto é considerado industrializado quando “sua produção cria um mercado consumidor de certo peso, e dá oportunidade a qualquer um – com vontade e conhecimento – para entrar no sistema” (TSUBOI; TSURUSHIMA, 2009, p. 7).

A concepção utilizada por Tsuboi e Tsurushima (2009) entende por industrialização o estado sistematizado das atividades que englobam produção, insumos, mercado atacadista e varejista, logística de fluxo e transporte até a chegada ao consumidor. Em detrimento a este estado industrializado, poderá haver situações “em processo de industrialização”, que poderão

ou não evoluir da fase pré-industrial. Os autores destacam, por exemplo, que na atividade de flores e plantas ornamentais persiste ainda a dificuldade de que “os canais de venda e distribuição tem sido para muitos produtores, um verdadeiro gargalo para se obter eficiência administrativa” (TSUBOI; TSURUSHIMA, 2009, p. 245), e apontam ainda que a cooperação tanto entre produtores quanto com os canais de distribuição é indispensável para a criação de novas demandas e para o futuro da atividade.

A produção empresarial brasileira de flores e afins é focada para atender principalmente o mercado interno e, por este motivo, a cadeia produtiva sofreu impactos reduzidos com as crises internacionais de mercado dos anos 2000 até então (SEBRAE, 2015). A cadeia produtiva nacional até 2013 era composta em grande parte pelo segmento de plantas ornamentais e paisagens com 41,55% da movimentação financeira, seguido pelo setor de flores e folhagens de corte com 34,33%, e flores e plantas envasadas com 24,12%; sendo que este primeiro setor foi impulsionado em grande parte com o crescimento da indústria de construção civil que incrementou áreas verdes e projetos paisagísticos em contextos urbanos com vistas à melhoria da qualidade de vida das pessoas (SEBRAE, 2015).

São inúmeras as vantagens comparativas que o Brasil possui para o desenvolvimento da produção de flores. As mais significativas envolvem a diversidade de climas e microclimas favoráveis, a disponibilidade de terra, água, mão-de-obra barata e melhoria nas tecnologias agronômicas. Esses fatores, determinantes diretos da quantidade e da qualidade da produção, podem tornar-se ganhos competitivos via preços baixos no mercado interno e, principalmente, no mercado externo, desde que haja melhoras nos canais de comercialização, na logística e no marketing estratégico para os produtos (BUAINAIN; BATALHA, 2007).

Como resultado de um estudo nacional sobre a cadeia produtiva de flores, Buainaim e Batalha (2007) identificam algumas características gerais da atividade, como as de que: (a) em geral, os produtores desenvolvem a atividade em pequenas propriedades, com média nacional de 1,9 hectare; (b) o clima e solo são apropriados à produção tanto de flores temperadas quanto tropicais; (c) o combate à informalidade e aumento das estatísticas oficiais são importantes para melhorar o desempenho do setor; (d) necessidade de profissionalização do setor e capacitações em maior número e melhor qualidade; (e) em relação à geração de postos de trabalho, há predominância nos que ocorrem “depois da porteira”; (f) infraestrutura logística precisa ser melhorada tanto para atendimento do mercado interno quanto para viabilizar exportações; (g) consumo *per capita* considerado baixo, mas com potencial de

expansão; (h) cultura de consumo voltado para eventos determinados; (i) atividade vem permitindo inclusão social, principalmente de mulheres e jovens.

2.1.2 Cadeia produtiva de flores e plantas ornamentais da região periurbana de Belém

A região norte é a mais recente na introdução da atividade produtiva e comercial de flores e plantas ornamentais, onde o Estado do Pará se mostra como principal produtor e com maior consumo *per capita*, de R\$11,99 contra a média regional de R\$9,31 (SEBRAE, 2015). A movimentação de valores no mercado regional norte é composta em primeiro lugar pelas plantas ornamentais e paisagísticas, seguido pelas flores e folhagens ornamentais e posteriormente pelas flores de corte e envasadas (SEBRAE, 2015). A produção paraense se concentra principalmente na região periurbana de Belém, com destaque para Benevides que apresenta a maior produção (EMATER, 2012)

Em 2006, um estudo publicado pelo Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE/PA, intitulado “Perfil da cadeia produtiva de flores e plantas ornamentais da mesorregião metropolitana de Belém (PA)”, identificou dentro do ambiente empresarial, os segmentos desta cadeia, conforme Quadro 1.

Quadro 1- Identificação da cadeia produtiva de flores e plantas ornamentais na mesorregião de Belém

Segmentos da Cadeia	Componentes Principais
Fornecedores de insumos	Máquinas, implementos e equipamentos; adubos, fertilizantes e utensílios; vasos, bandejas, caixas e contentores; sementes, mudas e matrizes; defensivos agrícolas; embalagens, ferramentas, equipamentos e produtos pós-colheita; acondicionamento, transporte e refrigeração; outros.
Produção Agrícola de flores e plantas ornamentais	Produtores de flores e folhagens de corte e envasadas; produtores de arbustos, palmeiras, forrações e plantas ornamentais diversas para jardinagem e paisagismo; produtores de grama.
Comércio e distribuição atacadista	Empresários atacadistas formais e informais dos segmentos de flores e folhagens de corte e envasadas, de arbustos, palmeiras e plantas ornamentais diversas para jardinagem e paisagismo e de gramas.
Comércio e distribuição varejista	Floriculturas, viveiros, <i>garden centers</i> .
Setor de serviços	Paisagistas, decoradores, artistas e designers florais, fornecedores de acessórios para jardins, funerárias, serviços de entrega de mensagens, embalagens e cestas comemorativas especiais
Consumidor final	Público de diversas categorias sócio econômicas e faixas etárias

Fonte: Junqueira e Peetz (2006, p. 16)

Já uma pesquisa nacional mais recente do SEBRAE (2015) aponta que a desorganização da base produtiva é determinante para a limitação de desenvolvimento do setor de flores e plantas ornamentais, pois a cadeia de produção e escoamento necessitaria de melhor coordenação, evitando problemas como desconfiança e inadimplência entre os agentes, ausência de transparência e padrões de qualidade.

Souza (2007), em seu estudo sobre governança no agronegócio no contexto da Amazônia, destaca a importância da análise do ambiente empresarial da cadeia da produtiva pela sua possibilidade de identificação dos pontos fortes e fracos da atividade. No entanto, a autora cita o ambiente organizacional, com suas estruturas de suporte, como um tipo de coordenação que pode trazer mais eficiência à cadeia produtiva, visto que a ação coletiva poderia trazer resultados melhores que as ações individuais. Já a análise do ambiente institucional traz a relevância do contexto histórico local para a atividade produtiva, e pode diferenciar a sociedade na conjuntura local/regional ou regional/nacional e que, inclusive, pode vir a influenciar os demais ambientes (SOUZA, 2007). No Quadro 2 encontram-se identificados alguns objetos de análise dos ambientes institucional e organizacional da cadeia produtiva de flores e plantas ornamentais da região periurbana de Belém.

Quadro 2-Ambientes organizacional e institucional da cadeia produtiva de flores e plantas ornamentais na região periurbana de Belém

	Segmentos	Componentes Identificados
Ambiente Organizacional	<i>Órgãos de pesquisa, apoio; universidades.</i>	Museu Paraense Emilio Goeldi; Universidade do Estado do Pará, Universidade Federal Rural da Amazônia; Secretaria de Estado da Agricultura (SAGRI, Atual SEDAP); Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente (SECTAM, atual SECTET); Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE/PA); Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (APEX-BRASIL).
	<i>Órgãos de normalização e fiscalização</i>	Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA); Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Pará (ADEPARÁ)

	<i>Associações</i>	Associação dos Floricultores de Benevides (AFORBEN); Associação dos Produtores de Flores Tropicais e Plantas Ornamentais de Santa Bárbara (TROPISAN); Cooperativa Santo Antônio (COOPSANT); Associação Paraense de Floricultura (PARAFLOR); Associação Paraense de Orquidófilos; Cerâmica Chicano; Associação Paraense de Paisagismo (APP).
	<i>Órgãos de representação setorial; Sindicatos.</i>	Instituto Brasileiro de Floricultura (IBRAFLOR); Câmara Setorial da Cadeia Produtiva de Flores e Plantas Ornamentais do Brasil; Federação da Agricultura e Pecuária do Pará (FAEPA); Sindicato dos Produtores Rurais de Ananindeua; Sindicato dos Produtores Rurais de Benevides; Sindicato dos Produtores Rurais de Santa Barbara do Pará.
	<i>Apoio Técnico</i>	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Amazônia Oriental (EMBRAPA); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado do Pará (EMATER).
	<i>Crédito e financiamento</i>	Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – PRONAF (Governo Federal); Programa de Agricultura Sustentável (Banco do Brasil); Programa Banpará Comunidade (Banco do Estado do Pará); Crédito Produtor (Governo do Estado do Pará).
Ambiente Institucional	<i>Legislação</i>	Lei de Proteção de Cultivares; Lei da Pequena Empresa no Brasil; Planos Diretores de Arborização e Paisagismo Urbanos, etc.
	<i>Tradições; cultura local</i>	Existência de tradição familiar em atividades de agricultura na região urbana e periurbana de Belém; Demanda interna em crescimento como no restante do país, e adicionalmente em razão das festividades religiosas no Estado.

Fonte: Da autora, elaborado com base em Agência Pará (2017); Buainain e Batalha (2007); Federação da Agricultura e Pecuária do Pará - FAEPA (2017); Junqueira; Peetz (2006); PARÁ (2017).

2.1.3 Agricultura urbana e periurbana

Nesse contexto de análise, inicialmente tratada como um fenômeno menor, a agricultura urbana passou a se mostrar quase como norma em número cada vez maior de cidades e uma estratégia privilegiada de sobrevivência da população mais pobre (FAO, 2017; MOUGEOT, 2005), na qual as mulheres parecem desempenhar um papel decisivo (FAO, 2017; MOUGEOT, 2000; MOUGEOT, 2005, SANTOS; SENA, 2006).

A agricultura urbana em diferentes estudos (EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA - EMBRAPA, 2002; SANTOS, 2011; MACHADO, 2014) apresenta características comuns como sendo uma atividade própria de pequenas áreas, localizada dentro de uma cidade ou no seu entorno, e com produção voltada para consumo próprio e/ou para a venda em pequena escala, a nível local.

Mougeot (2000) diz ainda que a agricultura urbana e periurbana é complementar à agricultura propriamente rural; no entanto, para além dos fatores já citados, o autor reforça o princípio da integração desta agricultura ao sistema urbano, no sentido de que serve para

consumo próprio das famílias, abastece o mercado local mesmo em baixas temporadas da produção rural e apresenta custos menores para produtores, comerciantes e consumidores, em comparação com a produção tradicional.

Desta forma, a revisão de estudos sobre a agricultura urbana e periurbana se mostra fundamental para tentar entender a dinâmica de relações existentes entre a produção e distribuição do setor de flores e plantas ornamentais na microrregião de Belém, que abrange oficialmente cinco municípios do Estado do Pará: Ananindeua, Belém, Benevides, Marituba e Santa Bárbara. Tsuboi e Tsurushima (2009) explicam que a atividade de produção de flores e afins geralmente se desenvolve nos grandes centros urbanos e seus arredores devido, além da perecibilidade dos produtos, da necessidade de capital e mão-de obra que se exige por unidade de área de produção. Para Mougeot (2000, p.10):

Urban agriculture is an industry located within (intraurban) or on the fringe (periurban) of a town, a city or a metropolis, which grows or raises, processes and distributes a diversity of food and non-food products, (re-)using largely human and material resources, products and services found in and around that urban area, and in turn supplying human and material resources, products and services largely to that urban area.

Para a FAO (2017) a agricultura urbana e periurbana pode ser definida como “the growing of plants and the raising of animals within and around cities”. Este tipo de agricultura pode prover produtos alimentícios de diferentes tipos (frutas, raízes, hortaliças, cogumelos etc.), animais (porco, cabras, porcos, peixes etc.), assim como produtos não alimentícios (plantas medicinais e aromáticas, flores e plantas ornamentais etc.).

A produção familiar agrícola no entorno das cidades, ao se reproduzir ao longo das gerações, contribui tanto para diminuir as tensões sociais campo-cidade, como também para a oferta de alimentos e matérias-primas para abastecimento dos centros urbanos (ANJOS, 2003; FACHINI et al., 2006; TROIAN et al., 2011), pois ao conseguir sua renda na atividade agrícola, os membros desta família se mantêm na produção do campo e contribuem para diminuir as tensões sociais nos centros urbanos e, ademais, passam a oferecer sua produção a este público. Kämpf e Daudt (1999) corroboram esta análise quando afirmam que a atividade produtiva de flores e plantas, além de auxiliar a continuidade sustentável da população na atividade produtiva rural, gera empregos, ocupação e dá ao floricultor o status de empresário rural. Já Tsuboi e Tsurushima (2009) destacam a importância atribuída à agricultura intensiva

de pequena escala que permite autonomia para os agricultores assentados nas regiões periféricas às cidades.

No mundo todo são estimadas 800 milhões de pessoas envolvidas nessas atividades (FAO, 2017), levando a agricultura urbana e periurbana a ser considerada uma das estratégias que vem transformando as relações entre o espaço urbano-rural (MACHADO, 2014). Pessoas com motivações diversas como subsistência, renda, terapia, recreação etc., têm se dedicado a essas atividades integral ou parcialmente (ANJOS, 2003; MOUGEOT, 2005).

Yong (2010) destaca a importância que o movimento de agricultura urbana e periurbana trouxe ao contexto cubano para: (a) o incremento da atividade de flores e plantas ornamentais, (b) a incorporação de maior diversidade de espécies no mercado local, (c) a agregação da biodiversidade aos sistemas agrícolas existentes e (d) o aumento dos ganhos dos produtores.

Anjos (2003) destaca que o caso brasileiro é emblemático na demonstração de que as regiões que apresentam os maiores índices de desenvolvimento são justamente aquelas onde a agricultura familiar aparece enquanto forma social de produção, tanto no campo quanto na periferia das grandes cidades, como o caso de Holambra, no Estado de São Paulo, região considerada o principal centro da atividade nacional de flores e plantas ornamentais no Brasil e na América do Sul (BUAINAIN; BATALHA, 2007; SEBRAE, 2015).

Para Farah (2003), a articulação urbano-regional é evidenciada através de iniciativas intermunicipais para abastecimento de centros urbanos, com objetivos simultâneos no desenvolvimento de pequenos produtores rurais e em levar preços mais acessíveis à população urbana. Há também programas mais abrangentes que investem na verticalização na produção e fornecem apoio à cadeia desde a produção, passando pela comercialização até a chegada às gôndolas dos canais de distribuição.

No caso da região amazônica brasileira, sua ocupação foi impulsionada desde a década de 1960, com a abertura dos grandes eixos rodoviários, o que aumentou a presença humana cada vez maior às margens das estradas (COELHO et al., 2003; HOMMA, 2014). Este movimento migratório de famílias significou uma jornada em busca de alternativas econômicas, e fuga da pobreza e escassez de terras em seus locais de origem (HOMMA, 2014). No entanto, ocorre que quando uma população é atraída aos centros urbanos e não sendo absorvida nas atividades empregatícias buscadas, acaba por se estabelecer ao redor dessas áreas, criando uma rede rural-urbana de circulação mercadorias e informação (BECKER, 2003).

No entanto, Becker (2003) também enfatiza que não somente a localização de uma organização importa na dinâmica do território, mas principalmente questões relacionadas ao desenvolvimento local dos recursos humanos, sua iniciativa política e seu patrimônio natural e cultural. Adicionalmente, Santos e Sena (2006) afirmam que a proximidade entre a produção de flores e plantas ornamentais do município de Benevides e o mercado consumidor da capital, Belém, não era por si só suficiente para a concretização das vendas, mas que era preciso investir no conhecimento e relacionamento entre os agentes produtores, comercializadores e consumidores finais.

Neste sentido, Anjos (2003) menciona a necessidade de fortalecimento da atividade agrícola como forma de ocupação da mão-de-obra familiar e mecanismo de composição de renda de grupos domésticos, e parte do entendimento de que modernização e industrialização não implicam necessariamente em “desruralização”. Um estudo a respeito da produção de flores e plantas ornamentais no município de Benevides, na região metropolitana de Belém, ratifica o estudo de Anjos (2003) e apresenta como resultados que 94% dos produtores entrevistados estavam na atividade em razão da tradição familiar, e que para 76.5% desses produtores a atividade florícola era útil para a complementação da renda familiar, sendo que para os outros 23.5%, ela era responsável pela renda total da família (SANTOS; SENA, 2006).

2.2 Desenvolvimento local: conceituação e endogeneização

A mudança de pensar o desenvolvimento da Amazônia com foco estratégico territorial tem o desafio de construir uma competitividade que seja capaz de construir uma “trajetória de crescimento sustentável” para a região, bem diferente das iniciativas e planos que foram implementados até então (ADA, 2004; MACHADO, 2003). Válido ressaltar a diferença entre competitividade aqui mencionada de uma ideia ultrapassada do conceito que o vinculava à política de “baixos salários e exploração intensiva e predatória de recursos naturais” (CASSIOLATO; LASTRES, 2003, p. 5).

O conceito de desenvolvimento esteve há muito tempo vinculado de forma restrita à crescimento (BOISIER, 2001). E no caso da Amazônia Brasileira, as relações de comercialização têm sido estimuladas constantemente para desenvolvimento de atividades que se aproveitam dos recursos naturais da região (HOMMA, 2014). No Estado do Pará, historicamente, desde a economia baseada na borracha, passando pelo fortalecimento do setor

agropecuário, da agricultura até a mineração, constata-se que os modelos de desenvolvimento pensados para a região objetivaram o intenso crescimento econômico, sem levar em conta o desenvolvimento humano (COELHO et al., 2003).

O crescimento econômico consiste na “aplicação do conhecimento aos processos produtivos e da utilização das economias externas geradas nos sistemas produtivos das cidades, o que resulta em rendimentos crescentes”. Já no caso do desenvolvimento econômico outros fatores são incluídos na análise além das transformações econômicas, como as organizacionais, tecnológicas, políticas e institucionais (VÁZQUEZ BARQUERO, 2002, p. 10).

Para Boisier (2001), em caso de uma expansão territorial, inicialmente processos de crescimento podem ser induzido tanto “de cima” quanto “de baixo”. Porém, o desenvolvimento necessita de um desencadeamento endógeno, nascido de um processo local e capilarizado no território (BOISIER, 2001; APOLINÁRIO; SILVA, 2010).

Buarque (2002) enfatiza que o conceito de desenvolvimento não se limita ao campo da economia, porém não deixa de considerar o dinamismo econômico, principalmente nas regiões mais pobres, onde mais se concentram esforços para elevar renda e riquezas locais. Para o autor, a sociedade tem a capacidade de construir seu próprio futuro a partir de suas raízes históricas, seu passado recente e da atual situação.

Para Vasconcellos Sobrinho et al. (2015, p.184), desenvolvimento é entendido como: “the ability to promote favorable conditions for planning and social accountability, through new forms of organization involving social participation that was introduced as part of the political space”. Este conceito já introduz outras dimensões além da econômica para o cenário, como a participação social e a conjuntura política.

Ao longo do tempo, o conceito de desenvolvimento ganhou múltiplos significados, dependendo do adjetivo que o acompanha (territorial, regional, local, endógeno, sustentável, humano etc.) e do autor ou organização que o traduz, como se fossem categorias independentes (BOISIER, 2001). No entanto, Buarque (2002) destaca que três são os pilares fundamentais para quaisquer estratégias de desenvolvimento: organização da sociedade, agregação de valor à cadeia produtiva e modernização do setor público local. No presente trabalho, a abordagem adotada será a partir da ótica do desenvolvimento endógeno e local.

O paradigma do desenvolvimento endógeno surge a partir da ideia de que a utilização do potencial existente no próprio território pode transformar e expandir os sistemas produtivos de regiões e países, quando os atores privados e públicos agem conjuntamente e sob controle da comunidade local. Assim, o desenvolvimento endógeno se apresenta como

uma forma de interpretar a realidade de transformações econômicas e um instrumento para análise e ação sob essas dinâmicas. (VÁZQUEZ BARQUERO, 2002).

Mais do que obter ganhos em termos de posição ocupada pelo sistema produtivo local na divisão internacional ou nacional do trabalho, o objetivo é buscar o bem-estar econômico, social e cultural da comunidade local em seu conjunto [...] Isto leva a diferentes caminhos de desenvolvimento, conforme as características e as capacidades de cada economia e sociedade locais (VÁZQUEZ BARQUERO, 2002, p. 39).

Vázquez Barquero (2002, p. 41) resume desenvolvimento endógeno como um “processo de crescimento econômico e de mudança estrutural, liderado pela comunidade local ao utilizar seu potencial de desenvolvimento, que leva à melhoria do nível de vida da população”. E para analisar esse processo, o autor identifica três dimensões: uma econômica (que garanta competitividade), uma sociocultural (que promova a relação de cooperação entre os atores), e uma política (materializada nas iniciativas locais).

Boisier (2001) já destacava que o conceito de Desenvolvimento Local ficou popularizado pela sua flexibilidade de aplicação a territórios de tamanhos variados, mas não em todos. Segundo o autor, dependendo do nível de complexidade do desenvolvimento, deve-se perceber o desenvolvimento “de fora e por cima”, visto que ele pode ser analisado, por exemplo, do país em relação à região, ou da região em relação às cidades.

Assim, comumente o desenvolvimento local é associado ao desenvolvimento municipal (VÁZQUEZ BARQUERO, 2002; BOISIER, 2001), uma vez que as cidades são o território em que os atores públicos, privados e a sociedade interagem para tomar as decisões de investimentos e de suas localizações (VÁZQUEZ BARQUERO, 2002); além disso, o conceito de desenvolvimento local traz uma possibilidade de relacionar diferentes construções como local/global e local/regional (BOISIER, 2001).

No início das discussões sobre APLs no Estado do Pará, a Agência de Desenvolvimento para a Amazônia (ADA, 2004) descreve a intenção das políticas federais em fomentar o desenvolvimento endógeno, com bases nas raízes locais, como forma de reduzir as desigualdades sociais e induzir à sustentabilidade ambiental. Para tanto, acredita-se ser necessário produzir e difundir tecnologias apropriadas, assim como criar condições favoráveis à cooperação estratégica entre empresas, de forma a reforçar resultados coletivos

(ADA, 2004), fomentar o capital social⁵ (DANIEL, 2003), valorizar o papel que as micro e pequenas empresas podem ter na reestruturação produtiva (CASSIOLATO; LASTRES, 2003) e investir na capacidade de inovação produtiva como fator chave para o aumento da competitividade a longo prazo de empresas e nações (VÁZQUEZ BARQUERO, 2002; CASSIOLATO; LASTRES, 2003; ARÉVALO; PONTE; LIMA, 2016).

Neste contexto que se busca analisar a atividade produtiva de flores e plantas ornamentais na região periurbana de Belém, considerando as relações existentes entre produtores, agentes de apoio, agentes comerciais e consumidores, sob a perspectiva dos produtores locais situados no município de Santa Bárbara, assumindo que haja uma conexão estabelecida com base no encadeamento produtivo (PARÁ, 2016). Para Buarque (2002, p. 33) o “elemento importante dessa identidade socioeconômica e cultural são as cadeias produtivas dominantes em conjunto de municípios, que os integram e articulam e criam uma identidade comum”.

Buarque (2002, p. 25, grifo do autor) conceitua o desenvolvimento local como “um *processo endógeno* de mudança, que leva ao *dinamismo econômico* e à *melhoria da qualidade de vida* da população em pequenas unidades territoriais e agrupamentos humanos”. Neste sentido, a floricultura vem ao encontro do enunciado, pela necessidade de atender principalmente ao crescente mercado interno, ao mesmo tempo em que se constitui como uma atividade produtiva ligada mundialmente à modernização e dinamização de técnicas agrícolas, e também por ter uma natureza intensiva tanto em mão de obra quanto em insumos e capital (BUANAIN; BATALHA, 2007, JARDIM, 2015; JUNQUEIRA; PEETZ, 2006; TSUBOI; TSURUSHIMA, 2009).

Dessa forma, a floricultura passa a ser uma alternativa produtiva agrícola com capacidade para gerar mais ocupação e renda às famílias, ao mesmo tempo em que demanda uma maior dedicação desses produtores em termos de aprendizagem, capacitação e investimentos financeiros (JUNQUEIRA; PEETZ, 2006).

Vázquez Barquero (2002, p. 29) apresenta o desenvolvimento local como um instrumento capaz de viabilizar “uma resposta local aos desafios da globalização”. Buarque (2002) explica mais detalhadamente que o desenvolvimento de uma localidade deve apresentar um evidente componente endógeno, e também que desenvolvimento local não se trata de isolamento da localidade ou falta de relacionamento com os processos globais, mas,

⁵ Bascolo e Yavich (2016, p. 46), destacam que a análise de capital social não está isolada das ações de políticas públicas, e que “las formas de relación entre Estado y Sociedad determinan las formas de reproducción económica y social”.

pelo contrário, esses fatores externos podem contribuir para processos locais de inovação. Portanto, “globalização⁶ e desenvolvimento local não são alternativas opostas e excludentes” (BUARQUE, 2002, p. 34).

Em detrimento a uma ideia reducionista de que o fenômeno da globalização gera uma única forma padrão para o desenvolvimento das nações, Buarque (2002, p.37) aponta que somente a “valorização do local e da diversidade” podem diferenciar as regiões e pólos com “diferencial de qualidade e competitividade”. E sobre a diferenciação competitiva, diversidade e valorização da região é fácil constatar que a região Norte tem a seu favor os apelos crescentes da mídia por produtos com a “marca Amazônia⁷”.

Amaral Filho, Castro e Costa (2015), no entanto, defendem que apesar da constante invocação dos termos amazônicos em produtos e serviços, muitas vezes estes não se propõem de fato a beneficiar as comunidades locais ou a sua qualidade de vida; tratando-se apenas de mais uma estratégia de grandes organizações para tomar vantagem dos conhecimentos e recursos locais, sem a devida preocupação ambiental ou humana. Mostra-se assim, mais uma razão para que as comunidades locais se empoderem⁸ de sua biodiversidade e suas potencialidades comerciais.

As possibilidades de que a atividade produtiva e comercial de flores e plantas ornamentais possibilite o desenvolvimento local da região periurbana de Belém advém de algumas considerações encontradas em estudos e relatórios anteriores, a serem comentadas. Para além do fato de que atividade produtiva das flores e plantas ornamentais gera uma elevada ocupação de mão de obra, pois a atividade em geral não pode ser mecanizada, sendo considerada de natureza intensiva (BUANAIN; BATALHA, 2007, JARDIM, 2015; JUNQUEIRA; PEETZ, 2006; TSUBOI; TSURUSHIMA, 2009); Homma (2014), Junqueira e Peetz (2006), Tsuboi e Tsurushima (2009) destacam que as perspectivas de tais cultivos são atrativos para os pequenos produtores, justamente por empregar mais mão de obra com ganhos relativamente maiores.

⁶ Entende-se por globalização o processo acelerado de internacionalização do capital, intimamente relacionado à revolução científica e tecnológica e integração dos mercados de bens, serviços e de capital (BUARQUE, 2002; VÁZQUEZ BARQUERO, 2002), difundido um novo paradigma baseado em fatores como domínio do conhecimento e excelência dos produtos e serviços (BUARQUE, 2002).

⁷ “Na perspectiva publicitária, a marca Amazônia é uma ideia que se desdobra em conceitos de produtos a que se agregam valores estéticos alinhados aos componentes do imaginário saídos da floresta e particularizados no anúncio publicitário através das cores, sons e, imagens ligadas à riqueza da região” (AMARAL FILHO; CASTRO; COSTA, 2015, p. 117)

⁸ Vasconcellos Sobrinho et al. (2015) utilizam o verbo *empower* para explicar a situação em que pessoas antes sem acesso ao poder de decisão passam a ter participação ou controle sobre o contexto de governança.

A atividade florícola tem sido opção para os agricultores de pequenas propriedades, em razão da crescente modernização e mecanização da produção brasileira no âmbito do cultivo de grãos, oleaginosas, café, além de outras culturas mais extensivas. Entende-se que as pequenas e médias propriedades que, anteriormente exploravam tais lavouras mais tradicionais, passaram a buscar novas alternativas de produção, onde a floricultura aparece como atividade promissora para o incremento da renda e melhoria da qualidade de vida dessas famílias (BUAINAIN; BATALHA, 2007; SEBRAE, 2015).

Tsuboi e Tsurushima (2009) relatam que, até a década de 1950, a horticultura, floricultura e a avicultura disputavam espaço de cultivo no entorno das cidades, onde as duas últimas apresentavam maiores lucratividades por área, apesar da horticultura prover bens de primeira necessidade. Segundo os autores, com a melhoria das malhas rodoviárias na década de 1960, no caso do Estado de São Paulo, a horticultura foi sendo deslocada para áreas mais longínquas, e nas grandes cidades e adjacências permaneceu a floricultura, de natureza mais intensiva e rentável.

Ademais, estudos do SEBRAE (2015) apontam que pela natureza perecível dos produtos, e pelo crescente nível de exigências de padrões de qualidade dos consumidores finais, a produção periurbana de flores e plantas ornamentais se beneficia de sua proximidade das áreas urbanas, onde se concentram os principais mercados dos produtos, fato que já é percebido e divulgado localmente na região periurbana de Belém (AGÊNCIA PARÁ, 2016).

Para Buainain e Batalha (2007) e SEBRAE (2015) também pode ser verificado no caso de pessoas que migraram do campo para as cidades, a possibilidade de sua inclusão produtiva na atividade, em razão desta ser viável em espaços pequenos de terra, podendo ser desenvolvida tanto na área rural quanto urbana, e apresentar boa rentabilidade e quantidade relevantes de empregos. Informações publicadas no portal de notícias do Governo do Estado apontam que existem aproximadamente 300 floricultores formalizados no Pará (AGÊNCIA PARÁ, 2016).

Buarque (2002) afirma a importância de que o investimento seja feito em cadeias produtivas adequadas às condições locais, pois “o local não é sustentável se não encontrar espaços de competitividade e depender, de forma continuada e persistente, de subsídios e transferência de fora da região” (BUARQUE, 2002, p. 29). Neste aspecto, observa-se a importância das pesquisas e estudos relacionados à produção de flores e plantas ornamentais; sendo que na região metropolitana de Belém conta-se com a presença de instituições e órgãos como o Museu Paraense Emílio Goeldi, Universidade do Estado do Pará, Universidade Federal Rural da Amazônia, Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Amazônia

Oriental, e Secretarias Estaduais do Pará (JUNQUEIRA; PEETZ, 2006); e no campo da assistência técnica, a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado do Pará – EMATER.

Entre outros critérios elencados por Buarque (2002) para que o desenvolvimento local seja de fato consistente e de longo prazo estão a mobilização e exploração da vocação local e suas potencialidades, elevação das oportunidades sociais e a competitividade da economia e, ainda, garantias de conservação dos recursos naturais locais, que são fonte para a manutenção das potencialidades e da qualidade de vida da população.

A questão do desenvolvimento local envolve também a identificação comum em algum aspecto das comunidades envolvidas, podendo ultrapassar as arbitrárias linhas municipais (BOISIER, 2001). Assim também diz Buarque (2002, p. 86), quando explica que o corte municipal deve ser complementado e ajustado a uma interação com seu entorno, “formando unidades integradas de municípios com afinidades e homogeneidade, articulando politicamente mais de um município em um aglomerado socioeconômico e ambiental”.

Para além da aplicação do conceito de desenvolvimento local em diferentes recortes territoriais e aglomerados humanos, desde comunidades reduzidas até as microrregiões homogêneas (BUARQUE, 2002), Boisier (2001) enfatiza a importância da modernização das relações dentro do território. Para que as relações tradicionais que ocorrem de forma horizontal passem a coexistir com a lógica do relacionamento vertical, e na mesma linha, Buarque (2002, p. 94) complementa ao destacar o papel dos órgãos públicos e diz que tratamento técnico é fundamental para verificar a viabilidade das decisões da sociedade “dentro dos limites do possível”. Isto posto, reforça a necessidade de investigar se a atividade produtiva de flores e plantas ornamentais da região periurbana de Belém pode ser considerada como indutora do desenvolvimento local, visto que segundo a EMATER (2015) este negócio integra uma gama de atividades tradicionais do Estado do Pará, que se insere no âmbito da agricultura familiar, sendo assim, uma das opções de trabalhadores da área rural da região, e até mesmo das áreas urbanas.

Buarque (2002, p. 29) já afirmava que “Cada região ou município deve procurar espaços de competitividade de acordo com as suas condições e potencialidades, especialmente no entorno imediato e nos setores de maior capacidade e vantagem locacional”, isto inclui setores e atividades simples e ainda não competitivos, porém com real potencial de alcançar maior produtividade e melhor qualidade (BUARQUE, 2002), como pode ser o caso da atividade produtiva de flores e plantas ornamentais da microrregião de Belém, objeto de estudo de Junqueira e Peetz (2006).

Todo município, independentemente do seu porte e de suas condições, pode e, sobretudo, deve planejar, definir prioridades, formular estratégias, pensar o médio e o longo prazos, coordenar e articular as decisões e as ações a um programa de trabalho consistente. O paradoxo do planejamento reside, na realidade, no fato de ser tão mais necessário quanto maiores as dificuldades e restrições, portanto, quanto menor, mais pobre e carente for o município (BUARQUE, 2002, p.85).

Assim, os conceitos contemporâneos de desenvolvimento têm demonstrado o protagonismo dos fatores como cultura, redes sociais, habilidades da força de trabalho em associação ao seu conhecimento tácito, porém codificado e organizado (COSTA; SANTANA, 2002; VALE; CASTRO, 2010). No caso da atividade produtiva de flores e plantas ornamentais na região metropolitana de Belém, ela já é desenvolvida há algumas décadas (JUNQUEIRA; PEETZ, 2006), mas só recentemente ela tem sido expandida e impulsionada tanto pelo crescimento da demanda interna dos centros urbanos quanto pelo interesse de pequenos agricultores familiares e de outros segmentos nas cidades interessados em alternativas para complementação da renda familiar (SANTOS; SENA, 2006; EMATER, 2012).

A respeito dos obstáculos presentes na região norte do Brasil, Santana (2014) elenca fatores que dificultam o desenvolvimento da região: baixa qualificação da mão-de-obra e dos empreendedores, baixa utilização de tecnologias, carência de associativismo e organização entre os produtores, infraestrutura precária, assim como logística de comercialização, insuficiência de assistência técnica, e atuação falha entre as instituições que lidam direta ou indiretamente com a produção rural. Já Homma (2014) ressalta a carência de empresários inovadores, utilização adequada de tecnologia e baixa segurança jurídica e fundiária. Destaque-se que tais fatores permitiriam a manutenção das atividades a longo prazo e só podem ocorrer de forma endógena ao sistema produtivo (HOMMA, 2014).

No que diz respeito de forma específica à atividade florícola da região periurbana de Belém, estudos da última década destacaram, entre outros pontos, a relação de dependência local onde a maior parte do abastecimento de flores e plantas ornamentais é feita com produtos oriundos do Estado de São Paulo (JUNQUEIRA; PEETZ, 2006), o acesso limitado dos produtores a sementes e mudas de boa qualidade genética, e falta de orientação técnica para utilização de defensivos agrícolas (BUAINAIN; BATALHA, 2007; JUNQUEIRA; PEETZ, 2006). Fatos que se somam às dificuldades logísticas de integração e transporte da região norte com o restante do país e contribuem para elevar os custos de produção e concorrer para uma baixa competitividade (JUNQUEIRA; PEETZ, 2006).

Os principais municípios produtores no Estado Pará são Santa Bárbara e Benevides, sendo que este último é responsável pela maior produção do setor de flores e plantas ornamentais na região periurbana de Belém (EMATER, 2012). Em pesquisa de Santos e Sena (2006) nesta cidade, foram elencados fatores como: baixos investimentos dos setores públicos para apoio à atividade, carência de capacitação técnica aos produtores aliado à sua baixa escolaridade, e utilização de procedimentos rudimentares derivados da experiência agrícola familiar, como obstáculos para um crescimento mais expansivo da atividade.

2.2.1 Qualidade de vida

Dentre os fatores abordados a respeito do desenvolvimento local estão as condições de educação, de autonomia, de cooperação com outros atores locais etc. Nesta pesquisa, se estudará a possível contribuição da atividade produtiva de flores e plantas ornamentais para o desenvolvimento local ao analisar as condições de qualidade de vida dessa população.

Assim como o conceito de desenvolvimento veio evoluindo desde a preocupação com o fator eminentemente econômico, Magri e Kluthcovsky (2007) afirmam que também a qualidade de vida ampliou seus conceitos que consideravam somente aspectos materiais como bens, salários e carreira e atualmente abrangem aspectos como satisfação e realização pessoal, relacionamentos, ambiente etc. Herculano (2000, p. 22) propõe a seguinte definição para qualidade de vida: “a soma das condições econômicas, ambientais, científico-culturais e políticas coletivamente construídas e postas à disposição dos indivíduos para que estes possam realizar suas potencialidades”. Já Minayo, Hartz e Buss (2000, p. 8, grifo do autor) apresentam sua concepção de que:

Qualidade de vida é uma noção eminentemente humana, que tem sido aproximada ao grau de satisfação encontrado na vida familiar, amorosa, social e ambiental e à própria estética existencial. Pressupõe a capacidade de efetuar uma síntese cultural de todos os elementos que determinada sociedade considera seu padrão de conforto e bem-estar. O termo abrange muitos significados, que refletem conhecimentos, experiências e valores de indivíduos e coletividades que a ele se reportam em variadas épocas, espaços e histórias diferentes, sendo portanto uma construção social com a marca da relatividade cultural

Magri e Kluthcovsky (2007) ainda destacam que o interesse inicial sobre qualidade de vida nasceu entre filósofos, políticos e cientistas sociais. Apesar de que diferentes autores (FLECK, 2000; MAGRI; KLUTHCOVSKY, 2007; ALMEIDA; GUTIERREZ; MARQUES, 2012; MATTOS; SANTANA, 2014) concordem sobre a falta de consenso de definição sobre

o termo qualidade de vida, em geral ratifica-se a importância da iniciativa da Organização Mundial de Saúde – OMS (1995) em classificar qualidade de vida como sendo, antes de tudo, uma percepção individual. Logo, destaca-se a relevância da subjetividade para o tema que compreende a visão da pessoa em relação ao seu lugar na vida, em sociedade, levando em consideração o contexto cultural e de valores em que vive; suas próprias expectativas e objetivos.

Magri e Kluthcovsky (2007) destacam o Brasil como primeiro lugar (dentre 169 países) em número de publicações que utilizam critérios da OMS em pesquisas no campo da saúde. Porém, destacam que a concepção, assim como os aspectos levantados em pesquisas de qualidade de vida, podem ser aplicados em diferentes campos de estudo e populações. Também para Almeida, Gutierrez e Marques (2012) o debate sobre a qualidade de vida é interdisciplinar e ultrapassa as barreiras do campo da saúde. Magri e Kluthcovsky (2007) continuam e destacam a multidimensionalidade do estudo de qualidade de vida, em que o indivíduo responde conforme sua avaliação quanto aos aspectos cotidianos e suas dimensões econômicas, culturais, psicológicas, biológicas. Como consequência indesejável da falta de conceito exato nos estudos sobre qualidade de vida, Almeida, Gutierrez e Marques (2012, p. 17) apontam que, apesar do senso comum e das mensagens nos veículos publicitários, qualidade de vida não se trata de “algo a ser alcançado e que depende unicamente da boa vontade e da atitude individual do sujeito em mudar seus hábitos”.

Trigo (2012) apresenta o paradoxo que pode parecer o estudo sobre a qualidade de vida, visto que muitas vezes o conceito está ligado ao sentimento subjetivo de felicidade, e sua percepção pelos seres humanos pode variar conforme o meio em que está inserido. O autor pondera que em países de IDH – Índice de Desenvolvimento humano⁹ – satisfatório, os fatores decisivos que qualificam uma boa qualidade de vida estão ligados ao tempo livre, espaço, sossego, meio ambiente equilibrado etc.; e que, no entanto, no restante do mundo predominam preocupações como as crises cíclicas na economia e política, que dificultam o estabelecimento de um padrão mínimo das condições de qualidade de vida ligadas aos aspectos econômicos e materiais. Almeida, Gutierrez e Marques (2012, p. 39) complementam afirmando que “uma boa ou má qualidade de vida depende da percepção que o sujeito toma para seu existir biológico e social, sendo dependente de suas ações e do ambiente que o cerca”.

⁹ Minayo, Hartz e Buss (2000, p. 10) definem IDH como “um indicador sintético de qualidade de vida que, de forma simplificada, soma e divide por três os níveis de renda, saúde e educação de determinada população”. Ainda para os autores, embora tal índice seja amplamente aceito pelos países ao redor do mundo, ele apresenta limitações que o impedem de mostrar a essência da concepção de qualidade de vida.

2.3 Estudos anteriores

A função histórica das flores e plantas ornamentais tem sido satisfazer as demandas estéticas das sociedades. Desde o início da história da agricultura, a humanidade sente a necessidade de cultivar plantas, não somente pela sua utilidade alimentar, mas por seu valor estético em trazer beleza ao ambiente (YONG, 2010).

O setor da floricultura tem um importante peso econômico para várias regiões do mundo (CHANDLER; BRUGLIERA, 2011, YONG, 2010). Mas, apesar do grande potencial de desenvolvimento da atividade florícola no Brasil, o crescimento do setor tem sido irregular e concentrado em alguns poucos estados, e as razões para isso ainda não são totalmente conhecidas (MURARO et al., 2015).

A produção brasileira concentra-se basicamente no Estado de São Paulo, sendo este responsável por mais de 70% do volume total brasileiro (BUAINAIN; BATALHA, 2007; Reetz et al., 2007; SEBRAE, 2015), e por esta razão a maior parte dos estudos encontrados foram desenvolvidos na região sudeste. Tsuboi e Tsurushima (2009) explicam que esta predominância regional da atividade se deu por conta de que a indústria de flores se desenvolveu no Brasil por emigrantes pós-guerras, após a década de 1950, principalmente os holandeses e japoneses que se radicaram no estado de São Paulo, e vinham de países onde a agricultura e a floricultura já apresentavam relevância produtiva e puderam enxergar uma oportunidade de bons negócios para atendimento da demanda latente de flores e plantas ornamentais do mercado brasileiro. Desde os anos 1960, então, esses produtores se empenharam em ampliar a sua distribuição para diferentes regiões fora do Estado de São Paulo.

Tsuboi e Tsurushima (2009) observam que entre as décadas de 1950 e 1980, a produção nacional de flores esteve fortemente vinculada ao processo de urbanização e crescimento populacional do Brasil, promovidos pela industrialização da época. O fortalecimento da produção, como já mencionado anteriormente, se deu em virtude dos imigrantes japoneses e holandeses que à época buscaram inovações, como a introdução de novas variedades de espécies, assiduidade de oferta, adaptação de tecnologias do exterior e desenvolvimento de técnicas de cultivos, assim como utilização de sementes e mudas de boa qualidade genética. Além disso, o contexto nacional de abertura e melhorias da malha rodoviária funcionou como outro fator que beneficiou o estabelecimento da indústria de flores e plantas comerciais no Brasil (TSUBOI; TSURUSHIMA, 2009).

Tsuboi e Tsurushima (2009) enfatizam que o fato de que pelas flores e plantas ornamentais não serem gêneros de primeira necessidade, o seu consumo se beneficia quando o aumento do crescimento demográfico é acompanhado pelo aumento do poder aquisitivo das classes consumidoras. Durante as décadas de 1950 a 1980 houve um crescimento vertiginoso da demanda interna de flores e plantas ornamentais no Brasil, que foi acompanhada pela mudança na produção, que passou a ser de larga escala (TSUBOI; TSURUSHIMA, 2009). Os autores apontam que a urbanização além de aumentar a base de consumo de flores e afins, também cria os seus canais de distribuição, primordiais para o estabelecimento desta indústria.

Geralmente, os fatores sociais que afetam o consumo de flores e plantas ornamentais são analisados pela questão cultural, composição étnica, religião, classes sociais, urbanização, crescimento demográfico, mobilidade social da população, estabilidade social e ambientação da época, pelas mudanças na crença, no estilo de vida, no bem-estar e qualidade de vida etc. (TSUBOI; TSURUSHIMA, 2009).

2.3.1 A atividade no Estado do Pará

No caso do Estado do Pará, Arévalo, Ponte e Silva (2016) enfatizam que o Estado tem o maior bioma da Amazônia Brasileira¹⁰, portanto, a mais ampla biodiversidade a ser aproveitada. Segundo os autores, a floricultura tropical paraense é um “novo e atrativo setor econômico” em busca de seu espaço a nível regional. Homma (2014) aborda também a intensa necessidade, mesmo entre os próprios produtores locais, de valorização de produtos da biodiversidade amazônica, pois são considerados nichos de mercado. E se, por um lado, preexistem no Estado do Pará vantagens locais proporcionadas pelo clima e a experiência tradicional da agricultura, fatores como o uso de tecnologia e a efetividade de uma organização comunitária passariam a fortalecer ainda mais o APL da Floricultura Tropical Paraense (ARÉVALO; PONTE; SILVA, 2016).

As principais espécies nativas produzidas e comercializadas regionalmente são: bromélias e orquídeas da biodiversidade amazônica (HOMMA, 2014; BUAINAIN; BATALHA, 2007), sorriso de Maria, crista de galo, zinas, alpínias, orquídeas e crisântemos (BUAINAIN; BATALHA, 2007). helicônias, shampoo (ARÉVALO; PONTE; SILVA, 2016; BUAINAIN; BATALHA, 2007), bastão do imperador, folhagens diversas, palmeiras, entre

¹⁰ Amazônia Brasileira, ou Amazônia Legal, inclui os Estados do Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Mato Grosso, e parte de Goiás e Maranhão, e abrange uma área em torno de 60% do território nacional (EMBRAPA, 1986).

outras espécies tropicais locais e de outras regiões do planeta (ARÉVALO; PONTE; SILVA, 2016).

Em 2003 teve início os primeiros trabalhos de apresentação de um portfólio de Arranjos Produtivos Locais para os nove Estados da Amazônia Legal. Segunda a Agência para o Desenvolvimento da Amazônia (ADA, 2004), na época responsável pelo estudo da viabilidade no Estado do Pará, a iniciativa do Ministério da Integração era priorizar ações governamentais que fossem pactuadas entre diversos atores sociais, públicos e privados, de modo a favorecer um desenvolvimento social e sustentável, ocasião em que a atividade produtiva de flores e plantas ornamentais se tornou uma das cadeias prioritárias para o planejamento estratégico do Governo do Estado do Pará.

Os Arranjos Produtivos Locais (APL) são “entendidos como aglomerações territoriais de agentes econômicos, políticos e sociais – centrados em um conjunto específico de atividades econômicas que apresentam vínculos, mesmo que incipientes” (ADA, 2004, p. 16; CASSIOLATO; LASTRES, 2003, p.2). No caso da cadeia estudada nesta pesquisa, destaca-se atualmente a Gerência Executiva de Floricultura, Olericultura e Plantas Medicinais, dentro da estrutura da Secretaria de Estado de Desenvolvimento Agropecuário e da Pesca – SEDAP, como possível agente público responsável pelas políticas para a atividade.

As iniciativas para consolidação do APL de Flores e Plantas Ornamentais da Microrregião de Belém encontradas foram: (a) Festival de Chocolate e Flor Pará em Belém, promovido pela Secretaria de Estado de Agricultura – SAGRI, e atual SEDAP, SEBRAE, Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira – CEPLAC e Federação da Agricultura e Pecuária do Pará – FAEPA (AGÊNCIA PARÁ, 2013); (b) Cursos de capacitação de técnicos agrícolas e produtores familiares pela Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado do Pará (EMATER, [2000?]); (c) Feira da Agricultura Familiar da Amazônia Legal – Agrifal, que destacou a comercialização da produção de flores do município de Benevides, em maços e arranjos prontos (EMATER, 2012); (d) Parceria entre EMATER, Casa Civil, Sistema Penitenciário do Pará – SUSIPE e Centrais de Abastecimento do Pará – Ceasa para promoção da qualificação de detentos para o cultivo de plantas ornamentais (EMATER, 2011); (e) Curso de Pós-Graduação *lato sensu* em “Floricultura como Empreendimento”, promovido pela Universidade do Estado do Pará – UEPA (JUNQUEIRA; PEETZ, 2006); (f) Parceria entre Prefeitura Municipal de Benevides, EMATER e Associação de Floricultores de Benevides – Aflorben para realização do Festival de Flores de Benevides – Expoflorben (EMATER, 2012); (g) Projeto experimental para adaptação do cultivo de Crisântemos no Pará, da SAGRI e EMATER no município de Ananindeua (PÁGINA RURAL, 2005); (h)

Festival de Flores e Chocolate – Florcolate, promovida pela Secretaria de Estado de Desenvolvimento Agropecuário e da Pesca – SEDAP em datas comemorativas (AGÊNCIA PARÁ, 2016).

No campo da disponibilidade das operações de crédito, além do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – PRONAF do Governo Federal, no Estado do Pará foram encontrados mais recentemente: (a) o Programa “Banpará Comunidade” que oferece crédito empréstimos para fortalecimento de pequenos negócios familiares (AGÊNCIA PARÁ, 2017); e (b) “Crédito Produtor” do Governo do Estado do Pará, destinado a Projetos inseridos em atividades rurais, florestais, industriais, agroindustriais, minerais e turísticas (PARÁ, 2017). Ressalta-se que tais operações de crédito estão disponíveis para pessoas jurídicas e cooperativas, necessitando assim de uma prévia organização social e jurídica.

No documento mais recente de planejamento estratégico para o Estado do Pará, o Pará 2030, o APL de flores e plantas ornamentais integra a região denominada, que abrange os municípios de Belém, Ananindeua, Benevides, Marituba e Santa Bárbara do Pará (PARÁ, 2016). Já as características gerais da atividade foram: baixa integração econômica, especialização em um grupo de plantas (não especificado no documento), predominância de ações isoladas e alguma propensão para promoção de inclusão social. As vantagens locais foram consideradas superiores às desvantagens e a demanda local superior à oferta de produtos (PARÁ, 2016; ADA, 2004).

2.3.2 A atividade nas demais regiões brasileiras

No estado do Rio Grande do Sul, um estudo do fim da década de 1990 (KAMPF; DAUDT, 1999) apontou que a floricultura viabilizava que pequenas propriedades rurais de ordem familiar, atuassem com rentabilidade e ocupação acima da média por área produzida (em comparação com atividades rurais similares). Neste caso, o abastecimento de flores e plantas ornamentais era oriundo principalmente de outros Estados, em especial São Paulo. Porém, sinais de desenvolvimento foram mostrados a partir da criação da AFLORI – Associação Rio-Grandense de Floricultura em 1994, em que os produtores se organizaram em busca da integração dos diversos elos da cadeia produtiva. Destaque-se que as características climáticas como: baixas temperaturas e baixo percentual de infraestrutura tecnológica (apenas

1% da área cultivada está sob telhado para sombreamento e 10% contam com estufas) foram indicadas como fatores limitantes para o desenvolvimento do setor.

Na cidade de Curitiba, uma pesquisa de 2015 sobre a cadeia produtiva de flores identificou características limitantes para a atividade, mesmo a cidade correspondendo ao 5º lugar em volume de vendas no Brasil. Entre os entraves encontrados estão: a escassez de cooperação e associativismo entre os produtores, baixa variedade das flores e suprimentos, ações isoladas ou sobrepostas entre os agentes da cadeia, onde impera o oportunismo e a competição entre si. Assim como em outras cidades estudadas, no município pesquisado boa parte do abastecimento era oriundo do estado de São Paulo (MURARO et al., 2015).

Em outro estudo sobre as atividades de produção de flores de corte em São Paulo foi identificada uma baixa capacidade de gestão entre os pequenos e médios produtores rurais para o planejamento de médio e longo prazo, muito em razão da falta de capacitação dos produtores e funcionários, e falta de acesso a novas tecnologias (BLISKA JÚNIOR; FERRAZ, 2012).

Na análise de França e Maia (2008) o contexto nacional tem como principais desafios a melhoria das condições de infraestrutura e logística, pelo fato de que se trata de produtos perecíveis, e ainda o incremento dos hábitos de consumo da população. Em consonância com as pesquisas nacionais, estudos publicados pela Organização das Nações Unidas- FAO para a Alimentação e a Agricultura – na Ásia também chegam à conclusão de que mais investimento em cooperação, assim como comprometimento com educação, pesquisa e comunicação são fatores primordiais para o aprimoramento da atividade e o aumento de sua relevância no mercado internacional (FAO, 1998).

Já para Tsuboi e Tsurushima (2009) além dos prognósticos já mencionados, se destacam como desafios para o futuro da atividade: (a) a adoção das regras internacionais de proteção aos direitos de propriedades dos criadores de novos cultivares; (b) a preocupação em produzir causando o mínimo impacto possível ao meio ambiente; e (c) a adequação dos produtores quanto ao “mercado ditado pelo consumidor”. Quanto a este último quesito, os autores explicam que durante a fase de expansão das camadas consumidoras até as décadas de 1980 e 1990, toda a produção era rapidamente absorvida pelo mercado; no entanto, com os cenários mais recentes de crescimento estabilizado da demanda, os consumidores mudaram seu comportamento, e são os produtores que devem se planejar para atender às tendências do mercado.

A fim de melhorar a compreensão de tal temática no âmbito do Estado do Pará, foi realizado um plano metodológico para direcionar a presente pesquisa, que será apresentado no capítulo seguinte, de Metodologia.

3 METODOLOGIA

A finalidade deste capítulo é descrever o método que foi utilizado na investigação e as estratégias escolhidas para abordar as questões propostas pela pesquisa. Nesse contexto, a investigação tem caráter empírico, uma vez que é realizada na forma de pesquisa em campo. Com isso, busca compreender o fenômeno no próprio local de sua ocorrência eminentemente por tratar-se de local privilegiado para tal (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013; YIN, 2016). Desta maneira, busca-se observar a ocorrência das relações entre a atividade produtiva, suas limitações e potencialidades, os aspectos relacionados ao desenvolvimento local, inclusive com a busca por *insights* teóricos não previstos por ocasião da revisão da literatura estudada.

Nessa perspectiva, o presente estudo assume um caráter exploratório e descritivo. A classificação como exploratório justifica-se pelas características emergentes da atividade de produção de flores e plantas ornamentais na região periurbana da cidade de Belém do Pará, aspecto que reforça a necessidade sistematizar e aprofundar o conhecimento quanto sua evolução e principais características, em especial, sua contribuição, ou não, para o desenvolvimento local. Quanto à classificação como descritiva, se fundamenta pela peculiaridade de expor as percepções de determinada população e revelar aspectos que identifiquem as características do fenômeno pesquisado (GIL, 2008). O estudo foi realizado de forma transversal, de tal forma que a coleta de dados ocorreu uma única vez; e a investigação é do tipo *ex post facto*, pois acontece após a ação do fenômeno sob o objeto de estudo (MARTINS; THEÓPHILO, 2009; SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013).

No estudo são utilizados principalmente dados primários, coletados diretamente com os entrevistados durante a pesquisa de campo. Contudo, na fase exploratória foram consultadas fontes secundárias como: estatísticas oficiais do Governo do Estado do Pará, especialmente sobre políticas de planejamento; números do setor do agronegócio e da agricultura familiar, anuários, assim como listagens disponíveis na internet, tanto na perspectiva dos canais de distribuição quanto as investigações realizadas na atividade de produção de flores e plantas ornamentais.

A abordagem adotada para a o tratamento de dados é qualitativa, por permitir interpretações mais aprofundadas com base nas diferentes experiências e perspectivas dos envolvidos (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013; YIN, 2016). A vantagem desta abordagem pode ser explicada por Yin (2016, p. 276), quando diz que a pesquisa qualitativa consegue “revelar os sentidos e interpretações de um participante do ponto de vista do próprio

participante” e é “guardada por um desejo de explicar esses acontecimentos (da vida real), por meio de conceitos existentes ou emergentes” (YIN, 2016, p. 7). Nesse contexto, o instrumento de coleta de dados foi desenvolvido na forma de roteiro semiestruturado de entrevista. Tal opção ocorreu para possibilitar maior flexibilidade na condução das entrevistas e, assim, a oportunidade de aprofundar a investigação revelando aspectos não perceptíveis com outras técnicas de coletas de dados.

O roteiro procurou privilegiar aspectos subjetivos de qualidade de vida levantados em estudos anteriores (HERCULANO, 2000; MINAYO; HARTZ; BUSS, 2000; GONÇALVES; VILARTA, 2004; ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE - OMS, 2006; MAGRI; KLUTHCOVSKY, 2007; YONG, 2010; ALMEIDA; GUTIERREZ; MARQUES, 2012; TRIGO, 2012; MATTOS; SANTANA, 2014; LIMA JUNIOR et al., 2015), em que os produtores possam apontar suas considerações em relação a sua própria satisfação com a vida e seu relacionamento com a sociedade. Desta forma, foram abordadas questões sobre o cotidiano dos produtores e suas dimensões econômicas, culturais, psicológicas, biológicas etc.

Destaque-se que alguns autores (ALMEIDA; GUTIERREZ; MARQUES, 2012; SIQUEIRA et al, 2012), recomendam que as pesquisas que lidem com questões relacionadas à qualidade de vida sejam construídas também com uma abordagem qualitativa. No caso de Siqueira et al. (2012, p. 265) que promoveram uma pesquisa a respeito da produção científica do período de 1966 a 2011 sobre qualidade de vida do produtor rural, finalizam seu trabalho constatando que:

É possível dizer que a produção científica abordada nesta pesquisa foi pouco expressiva no que concerne a qualidade de vida de trabalhadores rurais, uma vez que grande parte das publicações envolve apenas aspectos objetivos e passíveis de medição, não destacando, entretanto, questões de natureza subjetiva a exemplo da percepção do indivíduo de sua posição na vida, no contexto da cultura e sistema de valores em que vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações, o que, por sua vez, está diretamente relacionado com qualidade de vida. Destacou-se, ainda, a ausência de estudos que relacionassem o uso de agrotóxicos à qualidade de vida de trabalhadores rurais.

Yin (2016) aponta a importância de que a escolha metodológica do pesquisador seja feita antecipadamente. No entanto, o autor destaca que o essencial à pesquisa é a credibilidade da investigação que se constitui com por meio da transparência, metodicidade e fidelidade às evidências.

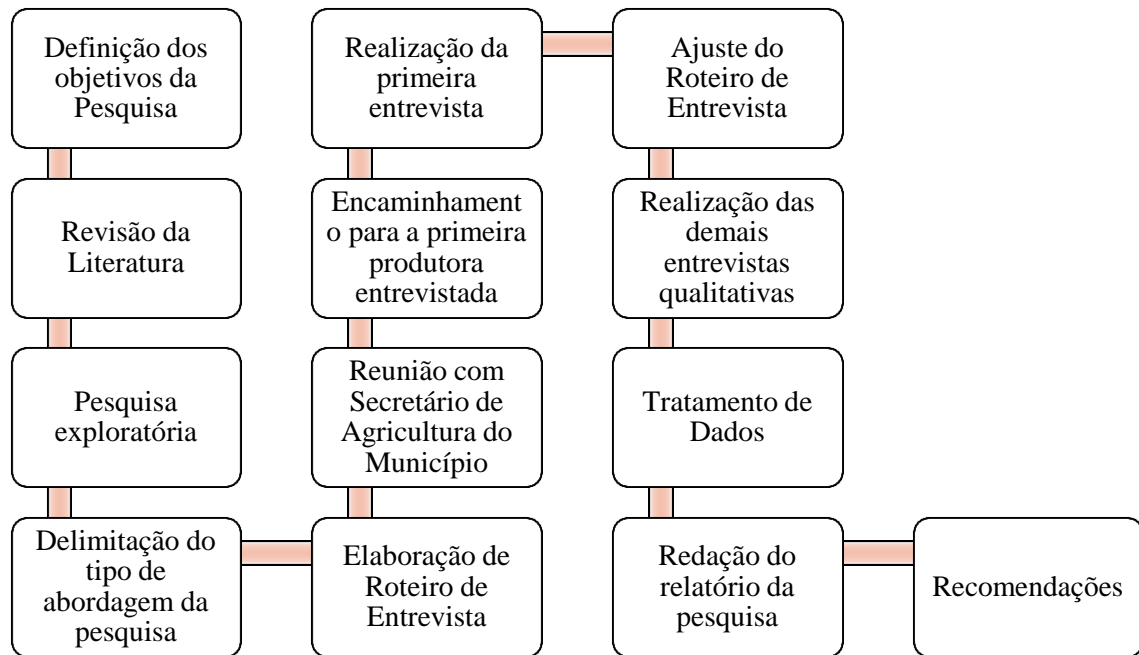
Yin (2016) explica que a transparência deve se estabelecer de forma que os dados estejam disponíveis para exames e que os métodos sejam claros e com procedimentos detalhados. A metodicidade deve consistir na adoção de um “conjunto ordenado de procedimentos de pesquisa” com vistas a proceder a um trabalho completo, sem cortes ou extravagâncias (YIN, 2016, p.17). Já a fidelidade às evidências deve se basear especialmente na linguagem utilizada pelos participantes da pesquisa, e ao contexto em que foi capturada (YIN, 2016). Para o autor, as palavras e enunciados dos respondentes devem servir como o autorretrato de seus comportamentos.

Yin (2016) relata ainda que apesar de que estratégias sejam adotadas na busca de uma menor seletividade do autor, a sua análise final terá reflexos de sua própria “lente de pesquisa” na interpretação da realidade, visto que neste caso o próprio pesquisador é o principal instrumento da pesquisa, e já apresenta uma personalidade condicionada, conforme também abordado por Creswell (2010) e Sampieri, Collado e Lucio (2013). No entanto, para Yin (2016) o mais importante seria a não imposição desta interpretação (externa) do pesquisador em relação à interpretação (interna) dos participantes. Mas, pelo contrário, o reconhecimento dessas múltiplas interpretações e suas confrontações se traduzem em uma oportunidade do que uma limitação da pesquisa qualitativa (CRESWELL, 2010; YIN, 2016).

3.1 Procedimentos metodológicos

De forma sintética, expõe-se na Figura 3, o fluxograma das atividades realizadas nesta pesquisa:

Figura 3- Fluxograma de trabalho



Fonte: Elaborado pela autora.

No primeiro momento da pesquisa, a delimitação dos objetivos da pesquisa e a revisão da literatura foram etapas que foram construídas com pouca diferenciação entre si, pois conforme eram levantadas novas informações e problematizações a respeito do tema, também se foi adaptando os objetivos da pesquisa para que esta se desenvolvesse de forma relevante para contribuir com o conhecimento a respeito da temática. A partir de então foi elaborada uma proposta de roteiro a ser utilizado como apoio para as entrevistas.

O plano para trabalho de coleta de dados iniciou com a consolidação do universo de possíveis participantes da pesquisa, realizada a partir dos estudos sobre esta atividade produtiva já realizados anteriormente (JUNQUEIRA; PEETZ, 2006; SEBRAE, 2015; TSUBOI; TSURUSHIMA, 2009), e pesquisa na internet para identificação dos locais de produção e agentes produtivos que integram a cadeia produtiva de flores e plantas ornamentais na região periurbana de Belém, particularmente no município de Santa Bárbara (PA). Assim como ocorrido, por exemplo, na pesquisa de Landgraf e Paiva (2010) em Minas

Gerais, em Santa Bárbara também não foram encontrados cadastros ou registros unificados dos produtores de flores ornamentais, por isso partiu-se para a pesquisa exploratória.

Realizado o contato com o Secretário de Agricultura do Município de Santa Bárbara, solicitou-se que este estabelecesse o primeiro encaminhamento da pesquisadora com uma produtora de flores e plantas ornamentais do município, considerada como de relevância na atividade. Posteriormente, a seleção dos participantes seguiu a técnica “bola de neve” (YIN, 2016), na qual a primeira participante serviu de fonte de indicação para os demais entrevistados, permitindo assim revelar relacionamentos existentes entre os atores locais. O período de entrevistas ocorreu durante o mês de julho de 2017, durante visitas da pesquisadora às propriedades.

O foco das entrevistas concentrou-se em compreender a partir da visão do produtor e de sua experiência com flores e plantas ornamentais, identificar as possíveis contribuições e limitações que esta atividade produtiva apresenta com relação ao desenvolvimento local e, conseqüentemente, para a melhoria da qualidade de vida dessas pessoas e famílias. A aplicação das entrevistas foi realizada de forma presencial, com opção primeiramente pela seleção intencional, em que foi procurado um participante que se destaque como possível fonte de dados relevantes para o entendimento do problema de pesquisa (CRESWELL, 2010; YIN, 2016).

A seleção da amostra foi não probabilística e teve como critério de interrupção o alcance da saturação teórica (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013). Deste modo, foram realizadas entrevistas até que já não havia mais contribuições percebidas em relação aos discursos anteriores. Portanto, para os produtores (floricultores) não havia tamanho de amostra previamente estabelecido. Neste caso, a abordagem qualitativa dos dados é importante, visto que para Yin (2016) ela supera outros tipos de método ao transpor possíveis limitações como: insuficiência de dados ou falta de abrangência de variáveis; dificuldade de extração de amostragem adequada; ou obtenção de taxa de resposta. Siqueira et al. (2012, p. 265) também defendem a importância da escolha da pesquisa qualitativa para investigação de qualidade de vida, mais precisamente para o caso do trabalhador rural:

Pesquisas qualitativas examinam a compreensão subjetiva das pessoas a respeito de sua vida diária e abordagens deste tipo auxiliam na interpretação e compreensão de dados quantitativos, desvelando áreas que não estão abertas ou receptivas às pesquisas quantitativas. Dessa forma, além de complementar o trabalho quantitativo, permite que informações sejam analisadas de maneira mais completa.

A condução das entrevistas foi auxiliada por um roteiro (ver apêndice), construído a partir de questões relevantes abordadas na pesquisa bibliográfica. O instrumento de pesquisa foi organizado de forma semiestruturada, de modo que o roteiro utilizado apresentou perguntas e assuntos, mas permitiu a liberdade do entrevistador em desenvolver outras perguntas a depender do andamento da entrevista (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013).

E, conforme preconizado por Creswell (2010) e Yin (2016) a respeito das entrevistas qualitativas, a estrutura do roteiro priorizou perguntas abertas em detrimento das fechadas, para permitir liberdade ao participante, reunindo inicialmente informações gerais para identificação do respondente e, posteriormente, assumir tópicos pré-concebidos, constituído com base nas categorias estabelecidas *a priori*. No entanto, as questões puderam ser verbalizadas pelo entrevistador de forma diferente a depender do contexto encontrado junto ao participante, sem adoção de comportamento obrigatoriamente uniforme.

Ao fazer entrevistas qualitativas, o pesquisador tenta compreender o mundo do participante, o que provavelmente inclui esforços concentrados para dominar os significados das palavras e expressões do participante. A linha de questionamento não é controlada por um questionário, mas exige que o pesquisador aplique energia mental constante (YIN, 2016, p. 121).

Conforme demonstrado no quadro 3, para este estudo as categorias de análise estarão divididas em representações objetivas (dimensão econômica, de infraestrutura, biológica e educacional) e subjetivas (dimensão psicológica e cultural) que para Almeida, Gutierrez e Marques (2012, p. 62) tem como referências “a satisfação das necessidades básicas e das necessidades criadas pelo grau de desenvolvimento econômico e social de determinada sociedade”. Ainda para os autores, “o fato de existirem percepções mais voltadas à análise subjetiva e outras ligadas à objetiva são tendências que se complementam e, associadas, configuram o atual campo de conhecimento em qualidade de vida” (ALMEIDA; GUTIERREZ; MARQUES, 2012, p. 33).

Quadro 3- Dimensões de Análise

	Dimensão	Autores	Objeto de análise
<i>Percepção Objetiva</i>	Econômica	Herculano (2000), Organização Mundial de Saúde (2006), Magri e Kluthcovsky (2007), Trigo (2012), Mattos e Santana (2014)	Bens materiais, condições de moradia, rendimentos financeiros
	Infraestrutura	Herculano (2000), Gonçalves e Vilarta (2004), Organização Mundial de Saúde (2006),	Acesso a água tratada, energia elétrica, transporte, comunicação, mecanismo de acesso à produção

		Almeida, Gutierrez e Marques (2012), Mattos e Santana (2014)	– financiamentos.
	Biológica	Gonçalves e Vilarta (2004), Magri e Kluthcovsky Organização Mundial de Saúde (2006), (2007), Almeida, Gutierrez e Marques (2012), Mattos e Santana (2014)	Acesso a cuidados de saúde, exigência física e postural.
	Sustentabilidade	Yong (2010), Lima Junior et al (2015)	Segurança biológica e manejo de agrotóxicos; biodiversidade
	Educacional	Herculano (2000), Organização Mundial de Saúde (2006), Almeida, Gutierrez e Marques (2012), Mattos e Santana (2014)	Acesso à educação, cursos, capacitação
<i>Percepção Subjetiva</i>	Cultural	Minayo, Hartz e Buss (2000), Gonçalves e Vilarta (2004), Magri e Kluthcovsky (2007), Almeida, Gutierrez e Marques (2012), Mattos e Santana (2014)	Relacionamentos sociais, cooperação e solidariedade, sentimento de pertencimento
	Psicológica	Magri e Kluthcovsky (2007), Trigo (2012), Mattos e Santana (2014)	Satisfação com a vida, realização pessoal, bem-estar mental, reconhecimento
	Institucional	Herculano (2000)	Existência de conselhos democráticos deliberativos, participação nas decisões que lhe dizem respeito, recursos financeiros e de pessoal – governamentais ou não-governamentais – para apoiar a gestão dos demais itens.

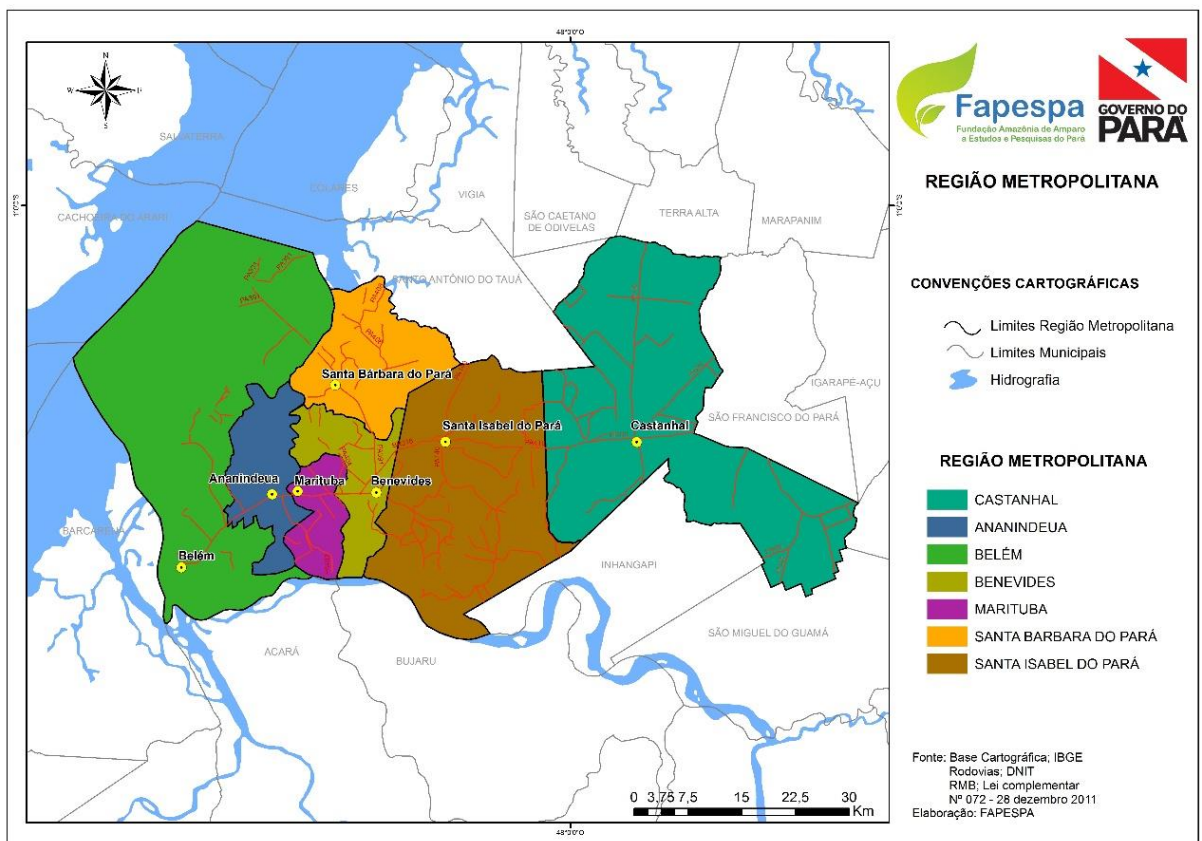
Fonte: Elaborado pela autora

Para tratamento dos dados foi utilizada a análise de conteúdo, com intuito de incluir uma leitura entre os participantes da comunicação verbal e não verbal utilizadas durante a entrevista, incluindo suas entonações, pausas e ênfases (YIN, 2016); e ainda a codificação das respostas (YIN, 2016) com base no referencial teórico demonstrado no quadro 3. A repetida leitura das transcrições das entrevistas, assim como as notas da pesquisadora e a observação feita durante pesquisa de campo tiveram o papel de contribuir para que as respostas dos entrevistados pudessem ser codificadas com fidelidade ao significado atribuído pelo participante, e não somente pela interpretação unilateral da autora da pesquisa. A este respeito, é salutar relacionar ao postulado de Bourdieu (2000, p. 49) de que “a força do pré-construído está em que, achando-se inscrito ao mesmo tempo nas coisas e nos cérebros, ele se apresenta com as aparências da evidência, que passa despercebida porque é perfeitamente natural”.

3.2 Caracterização da região estudada

A região a ser considerada nesta pesquisa é a do município de Santa Bárbara do Pará que compõe a microrregião do Guajará, composta por cinco municípios no Estado do Pará, a saber: Belém (capital), Ananindeua, Marituba, Benevides e Santa Bárbara. Este recorte espacial é considerado para fins de planejamento territorial do Estado, conforme dados da Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas - FAPESPA (2017). Sobre a região metropolitana, para melhor visualização apresenta-se a Figura 4.

Figura 4- Mapa de Região Metropolitana



Fonte: FAPESPA (2016)

De acordo com os dados estatísticos oficiais da FAPESPA (2017), Belém é a cidade mais populosa com 1.446.042 habitantes, seguida por Ananindeua (510.834 habitantes) e Marituba (125.435 habitantes), enquanto Benevides e Santa Bárbara figuram com menos de 72.347 habitantes cada, totalizando 2.162.224 habitantes na microrregião. Essa área de apenas

cinco municípios do total de 144 do estado representa 0,2% do território do Pará, mas abrange 26% da população e aproximadamente 30% do PIB no estado.

Ainda segundo a FAPESPA (2017) que da microrregião, Belém, Ananindeua e Marituba apresentam maiores índices de urbanização, enquanto que Benevides e Santa Bárbara apresentam características mais relacionadas ao ambiente rural. A situação econômica e de vulnerabilidade também oscilam no território da população quanto à inserção da população em programas sociais do governo federal, conforme dados na tabela 1.

Tabela 1- Famílias Atendidas e Valor Total Empregado no Programa Bolsa Família, Pará e microrregião do Guajará - 2015

Estado/Município	População em 2015	2015		% População
		Famílias	Valor Total	
Pará	8206923	890.127	1.957.280.555,00	
Ananindeua	505404	41.064	64.193.213,00	8,12
Belém	1439561	111.324	182.006.262,00	7,73
Benevides	58637	6.053	13.786.589,00	10,32
Marituba	122916	11.928	22.878.617,00	9,70
Santa Bárbara do Pará	19645	2.332	4.678.189,00	11,87
Microrregião de Belém	2146163	172.701	287.542.870	8,05

Fonte: Da autora, elaborado com base em FAPESPA (2017)

A delimitação da pesquisa no município de Santa Bárbara do Pará ocorreu justamente por ser o local com características mais rurais da microrregião e com maiores índices de vulnerabilidade em relação às demais cidades (quando considerados o número percentual de famílias cadastradas no Programa Bolsa Família, e o PIB dos municípios), sendo também o mais afastado da capital.

Tabela 2- Produto Interno Bruto a preços correntes (Mil Reais), Pará e municípios - 2011 a 2014

Estado/Município	2011	2012	2013	2014
Pará	98.710.736	107.080.881	121.224.847	124.584.945
Ananindeua	4.631.459	5.114.549	4.900.297	5.777.643
Belém	21.426.847	26.362.015	27.139.286	28.706.165
Benevides	667.844	794.372	921.749	1.051.903
Marituba	829.289	923.339	1.112.651	1.421.180
Santa Bárbara do Pará	86.139	114.531	102.605	121.341
Microrregião de Belém	27.641.578	33.308.807	34.176.588	37.078.232
% Participação da microrregião no PIB estadual	28,00260571	31,10621265	28,19272491	29,76140637

Fonte: Da autora, elaborado com base em FAPESPA (2017)

A economia da capital Belém e sua região metropolitana está baseada principalmente em uma estrutura produtiva de comércio e serviços. Além disso, também são desenvolvidas atividades industriais nas áreas alimentícias, navais, pesqueiras, têxteis, madeireiras, e ainda atividades relacionadas à construção civil e infraestrutura de mobilidade. No contexto agrícola, são realizadas várias atividades de natureza agropecuária, como avicultura, suinocultura, fruticultura e floricultura, responsáveis pela ocupação de 25% da população da região (FAPESPA, 2015).

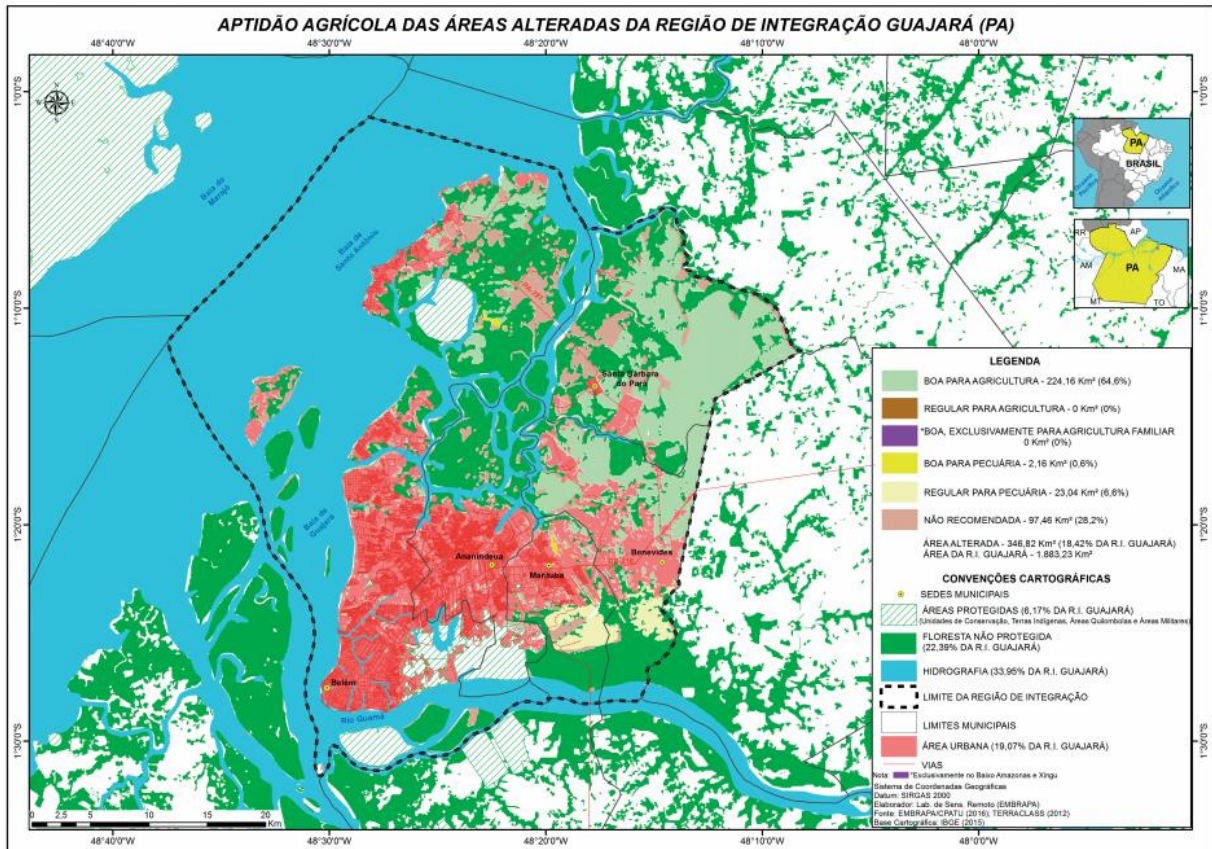
Sobre o tipo de solos da área da microrregião do Guajará, conforme estudo publicado pela EMBRAPA (2016), a maior parte é formada por latossolo amarelo, área urbana e floresta não protegida, respectivamente. Destas áreas, é possível verificar que a maior parte tem aptidão agrícola “Boa Para Agricultura”: 64% da área (ver Figura 5), fato que pode ser considerado como positivo para a atividade agrícola estudada na presente pesquisa.

Destaca-se o potencial de uso da terra na microrregião da pesquisa, ao se verificar que embora 55% do território do Estado do Pará seja de área protegida, na microrregião estudada, esse percentual representa apenas 8% do total, sendo que o município com mais áreas protegidas é Marituba com 31% de sua área (FAPESPA, 2017).

A respeito das condições naturais para a execução dessas atividades de agricultura, a EMBRAPA (PACHECO et al., 2011, p.35) publicou o seguinte em seu Boletim Agrometeorológico:

Pode-se dizer que, em Belém, nesse ano, as condições climáticas para a agricultura, principalmente a oferta de água proveniente das chuvas – elemento meteorológico mais relevante para a agricultura na região, de maneira geral –, foram adequadas aos cultivos e manutenção das espécies originárias e adaptadas à região metropolitana de Belém.

Figura 5- Aptidão agrícola



Fonte: EMBRAPA (2016)

Quanto ao clima da região, a Amazônia Brasileira é também conhecida como região de trópico úmido e apresenta características conhecidas como de: clima quente com temperaturas elevadas durante todo o ano, precipitações consideráveis e ausência de estação fria. E embora nem todas as cidades dentro da Amazônia sejam consideradas úmidas, a microrregião de Belém se enquadra nessa classificação; além de não apresentar variações de comprimento do dia ao longo do ano (EMBRAPA, 1986).

4 RESULTADOS

Esta seção apresenta os resultados da pesquisa obtidos mediante abordagem qualitativa, a partir das técnicas de pesquisa já mencionadas nos procedimentos metodológicos. E ainda quanto às possibilidades da pesquisa exploratória, de que durante o decorrer da pesquisa possam surgir categorias de análise inicialmente não previstas durante a pesquisa de referencial teórico; nesta seção também serão abordadas categorias emergentes que aparecem durante os discursos dos entrevistados.

Em outro estudo a respeito da agricultura urbana e periurbana, Mougeot (2005) alerta que o trabalho de campo pode levar o pesquisador a considerar adequação da metodologia proposta em razão das condições reais encontradas (MOUGEOT, 2005) e, embora Yin (2016) destaque a importância de que a escolha metodológica do pesquisador seja feita antecipadamente, o autor acredita que o essencial à pesquisa é a credibilidade da investigação que se constitui com por meio da transparência, metodicidade e fidelidade às evidências. No caso da presente pesquisa, houve oportunidade para se entrevistar não somente os produtores de flores e plantas ornamentais, mas também um familiar que prestou informações a respeito de sua percepção quanto à contribuição da atividade para o núcleo familiar. No entanto, as respostas não foram consideradas na amostragem, pois a possível fonte não se caracterizou como produtora.

Como limitação da pesquisa, encontrou-se situação similar à que foi relatada por Boisier (2005) que já enfatizava que em todas as cidades onde se promoveu estudos de agricultura urbana e periurbana, a estimativa da população envolvida na atividade foi um desafio aos pesquisadores devido à elevada informalidade. Assim como tal limitação ocorreu na região objeto de estudo, também foi recorrente em outras pesquisas dentro e fora do Brasil (MURARO et al., 2015; FAO, 2017). Desta forma, durante o período das entrevistas, não foi possível estabelecer um número estimado do total de trabalhadores envolvidos nesta atividade no município estudado, visto que os produtores de diferentes comunidades muitas vezes não mantinham contato entre si ou mesmo participavam de algum cadastro.

4.1 Caracterizações

Este tópico visa caracterizar tanto os entrevistados durante a pesquisa quanto os ambientes organizacional e institucional identificados a partir dos depoimentos coletados.

4.1.1 Caracterização dos Entrevistados

Foi realizado um total de 8 entrevistas, no entanto, foram escolhidos somente 7 entrevistas como amostra, tomando o critério de auto declaração do participante como produtor ou como familiar de um produtor. Após análise dos resultados, percebe-se que o total de entrevistados envolvidos com a produção de flores e plantas ornamentais no município de Santa Bárbara do Pará é do sexo feminino. A idade dos entrevistados variou de 27 a 73 anos (média de 47 anos). Com relação à escolaridade formal dos participantes, esta se manteve entre o Ensino Fundamental Incompleto e o Ensino Médio Completo: 2 possuem o Ensino Fundamental Incompleto, 1 possui o Ensino Fundamental Completo, 1 possui o Ensino Médio Incompleto, e 3 participantes possuem o Ensino Médio Completo. Destaque-se que em todos os casos a renda obtida através da produção de flores e plantas ornamentais foi considerada como complementar ao sustento da família, nas quais a renda principal variou entre: pensões, aluguéis de imóveis, fruticultura e horticultura.

Quadro 4- Caracterização dos Entrevistados

Identificação	Função na atividade	Idade	Gênero	Escolaridade	Tempo aproximado na atividade (em anos)	Tamanho declarado da propriedade (m ²)	Classificação da renda obtida com a atividade
E1	Produtor	34	Feminino	Ensino Médio Completo	4	5.000	Complementar
E2	Produtor	55	Feminino	Fundamental Incompleto	16	6.500	Complementar
E3	Produtor	73	Feminino	Ensino Médio Completo	15	4.140	Complementar
E4	Produtor	55	Feminino	Fundamental Incompleto	15	50.000	Complementar
E5	Produtor	31	Feminino	Ensino Médio Incompleto	10	5.000	Complementar
E6	Produtor	71	Feminino	Fundamental Completo	16	4.140	Complementar
E7	Produtor	27	Feminino	Ensino Médio Completo	16	5.250	Complementar

Fonte: Pesquisa de Campo (2017)

Legenda: E1 = Entrevistada 1; E2 = Entrevistada 2; E3 = Entrevistada 3; E4 = Entrevistada 4; E5 = Entrevistada 5; E6 = Entrevistada 6; E7 = Entrevistada 7.

As áreas das propriedades que foram declaradas pelas produtoras se mantem próximas da média nacional encontrada tanto na pesquisa de Buainain e Batalha (2007), 1,9 hectare, quanto de Lima Júnior et al. (2015), 1,82 hectare; mostrando que no município estudado esta atividade produtiva se confirma na característica de desenvolvimento em pequenas propriedades e por grupos familiares. Na amostra de Santa Bárbara apenas umas das propriedades, da Entrevistada 4 (E4) se destacou sendo um pouco maior que as demais, com 5.000 m² (5 hectares), mas ainda assim sendo considerada comumente de pequeno porte. Pelos critérios do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA (2017), todas as propriedades da amostra podem ser consideradas no conceito de minifúndio, por serem menores que 1 (um) módulo fiscal, que em Santa Bárbara equivale a 7 hectares (INCRA, 2013).

Por se tratar de uma atividade agrícola, em geral, os produtores envolvidos são do gênero masculino, por tradição. Mesmo em estudos sobre a atividade produtiva de flores e plantas ornamentais, como no Distrito Federal (JUNQUEIRA; PEETZ 2005), em Minas Gerais (LANDGRAF, 2006) e Espírito Santo (LOURENÇO, 2007), por exemplo, predominam agricultores do gênero masculino. No entanto, o resultado encontrado em Santa Bárbara é de intensa participação feminina na atividade; dados similares aos encontrados por Santos e Sena (2006), em Benevides, município que também integra a região periurbana de Belém; ou também pelo SEBRAE (2015) no município de Pilões- PB.

Tal mudança de padrão de participação das mulheres em atividades agrícolas tem sido percebida ainda que de forma tímida em estudos de agricultura urbana e periurbana de Mougeot (2000; 2005) e FAO (2017). No Brasil, segundo pesquisa da Associação Brasileira de Marketing Rural e Agronegócio – ABMRA (2017), o número de mulheres trabalhando na produção agrícola em geral subiu de 3% para 10% em apenas 10 anos, e de forma mais singular ainda, a presença feminina em posições de decisão no agronegócio aumentou de 10% para 31% apenas nos últimos 4 anos.

Lima Júnior et al. (2015, p. 30) destacam que a cadeia produtiva das flores e plantas ornamentais se distingue entre as demais do agronegócio, pois “cerca de 70 a 80% do total de trabalhadores é composto pelo gênero feminino”. Nos trechos das entrevistas, listados no Quadro 5, as participantes demonstram a importância que atribuem à essa atividade para suas vidas.

Quadro 5- Importância da atividade para o gênero feminino

Codificação	Depoimentos
Predominância das mulheres na atividade	E7: “Escolhi esse nome (do grupo familiar), e depois fiquei pensando nele, que ele combina, porque na época também só trabalhavam mulheres [...] Hoje é o nome tanto do negócio quanto do sítio”
Participação ativa das mulheres na renda familiar	<p>E4: “quando eu fui para a feira do Flor Pará, eu consegui levantar metade da minha casa. Nessa outra Flor Pará, eu já consegui a outra metade”</p> <p>E5: “Sempre ajuda na minha renda, porque meu esposo recebe por mês, e quando eu faço a feira a gente ganha, e eu ajudo ele a comprar alimentos ou a inteirar para alguma outra coisa”</p> <p>E6: “Eu gosto desse trabalho, me ajuda porque eu não fico pedindo [...] E sempre que eu vendo, não deixo de ajudar minha filha”</p> <p>E7: “Meu marido diz que se ver que o negócio das plantas está dando certo para mim, ele larga a atividade dele para trabalhar comigo”</p>
Inclusão Produtiva	<p>E1: “A gente saiu na revista Agropará, a nossa história. E uma coisa legal [...]. Depois disso eu chamei de novo as pessoas (para produzir), eu incentivo minha irmã, só que o marido dela não gosta muito que ela vá para as feiras, mas eu digo que ela vai sim, já tem um nome lá”</p> <p>E5: “Eu não fazia nada. Meu esposo saía para trabalhar e eu ficava só em casa fazendo as coisas, não tinha uma atividade assim. Depois que a gente começou a trabalhar com as plantas não, já é uma ocupação, uma coisa boa”</p> <p>E6: “Eu não saía para canto nenhum. Não conhecia muita coisa. Hoje tenho mais conhecimento, mais entendimento das coisas, do trabalho com as plantas [...]. Já pude viajar, eu que não tinha saído de Santa Bárbara para canto nenhum, já fui para Fortaleza, Maceió, São Paulo, já fui para vários lugares através das plantas”</p>
Reconhecimento	E5: “Eu participei do concurso para Mulher Empreendedora do Campo, concorri com 540 mulheres e fui a vencedora no Pará. Viajei para Brasília, tudo por causa do trabalho com as plantas, para concorrer pelo prêmio nacional. Tem sido importante para nós esse trabalho”

Fonte: Pesquisa de Campo (2017)

Observa-se a partir do Quadro 5 que esta atividade produtiva se mostra determinante para a vida das mulheres entrevistadas, na medida em que permite que a sua inclusão produtiva e, conseguinte, aumento de ganhos financeiros e da sua importância e reconhecimento dentro da família e da comunidade.

4.1.2 Ambientes Identificados

No Quadro 6 estão dispostos os componentes organizacionais e institucionais identificados no município de Santa Bárbara do Pará, a partir dos depoimentos dos participantes. Destaca-se que um quadro semelhante foi identificado no referencial teórico (Quadro 2) com dados da região periurbana de Belém, com informações de diferentes fontes de pesquisa.

Quadro 6- Ambientes organizacional e institucional da cadeia produtiva de flores e plantas ornamentais no município de Santa Bárbara

	Segmentos	Componentes Identificados
Ambiente Organizacional	<i>Órgãos de pesquisa, apoio; universidades.</i>	Secretaria de Estado da Agricultura (SEDAP, antiga SAGRI); Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE/PA); Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR); Museu Paraense Emilio Goeldi (MPEG)
	<i>Órgãos de normalização e fiscalização</i>	Não foram citados.
	<i>Associações e Grupos</i>	Associação dos Produtores de Flores Tropicais e Plantas Ornamentais de Santa Bárbara (TROPISAN); Aflorarte; Lírio da Paz; Flor do Campo.
	<i>Órgãos de representação setorial; Sindicatos.</i>	Sindicato dos Produtores Rurais de Santa Barbara do Pará.
	<i>Apoio Técnico</i>	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado do Pará (EMATER).
	<i>Crédito e financiamento</i>	Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – PRONAF (Governo Federal)
Ambiente Institucional	<i>Legislação</i>	Lei nº 10.406/02 (Novo Código Civil, artigos 53 a 61 – Das Associações); Planos Diretores de Arborização e Paisagismo Urbanos; Legislação municipal e/ou estadual que regulamente a emissão de notas fiscais por associações e cooperativas
	<i>Tradições; cultura local</i>	Existência de tradição familiar em atividades de agricultura na região urbana e periurbana de Belém; Recente sentimento de reconhecimento da atividade como agronegócio; Baixo capital social; Existência de demanda local pelos produtos.

Fonte: Pesquisa de Campo (2017)

Comparado com o Quadro 2, em que se identifica o ambiente organizacional e institucional da região urbana e periurbana de Belém a partir de dados secundários, o Quadro 6, baseado em dados primários da pesquisa de campo, indica um número menor de organizações e instituições envolvidas na cadeia produtiva de flores e plantas ornamentais, sob percepção das entrevistadas.

Uma hipótese para esta diferença é a de que, apesar da proximidade física entre a capital, Belém e os municípios da região periurbana, existem assimetrias notáveis entre a ação das organizações nessas localidades e, neste panorama, Santa Bárbara se mostra com avanços bastante modestos na construção desses relacionamentos, com exceção da cultura local, como foi citada pelas entrevistadas particularmente ligada à atividade de agricultura familiar. Ademais, não foram citados nenhum tipo de órgão de fiscalização direta que incida sobre os produtores familiares e/ou sobre sua propriedade; ainda que Lima Junior et al (2015, p. 102) descrevam o setor nacional com rígidas normas de defesa agropecuária, e até mesmo citem a burocracia dos procedimentos de fiscalização e controle como uma das adversidades do negócio.

4.2 Percepção dos produtores sobre sua qualidade de vida

Este momento da pesquisa busca sistematizar os significados das falas dos produtores em categorias que possam ser compreendidas através dos estudos sobre o tema de qualidade de vida e desenvolvimento local. Esta escolha de objeto de pesquisa ocorre para revelar de forma prática as possíveis contribuições de uma atividade produtiva para o desenvolvimento local no tocante àqueles que mais podem ser beneficiados por esse processo. A abordagem qualitativa imprimirá aos resultados aqui apresentados a interpretação própria da pesquisadora, porém é necessário destacar que com isso não se buscou alterar a natureza dos dados coletados, e sim codificá-los o mais fielmente possível em relação ao significado atribuído pelo emissor, assim como organizá-los de forma científica.

No decorrer da apresentação dos resultados, a natureza subjetiva da concepção de qualidade de vida deverá se revelar através dos depoimentos dos entrevistados, às vezes interferindo em dimensões que poderiam parecer mais objetivas. Sobre isto, cita-se a ponderação de (MINAYO; HARTZ; BUSS, 2000, p. 34):

É preciso salientar que as esferas de percepção sobre qualidade de vida (objetiva e subjetiva) têm suas fronteiras muito tênues. Observa-se que autores que adotam definições sobre este termo tendendo a adotar uma dessas formas de compreensão, por vezes, ainda utilizam conceitos e princípios de outra. Isso não se caracteriza por um equívoco metodológico. O fato é que lidar com qualidade de vida implica em considerar inúmeras variáveis que a compõem e as relações entre elas. Isso justifica o fato de que, em alguns momentos, ao procurar ater-se a uma das esferas, existe uma certa dificuldade em não utilizar elementos de outra. Dessa forma, as relações entre uma esfera objetiva (melhor expressa pela análise de indicadores sobre as condições de vida) e subjetiva (ações próprias do estilo de vida do sujeito) são inevitáveis, pois exercem influência mútua.

4.2.1 Percepção Objetiva

Este tópico apresenta as dimensões mais universalizadas referentes à qualidade de vida, e que se mostram ao menos minimamente necessárias em praticamente todas as situações de vivência humana, mesmo com as relativizações possíveis e necessárias do tema. Relacionam-se aos conceitos de bem-estar e condições de vida.

O patamar material mínimo e universal para se falar em qualidade de vida diz respeito à satisfação das necessidades mais elementares da vida humana: alimentação, acesso a água potável, habitação, trabalho, educação, saúde e lazer; elementos materiais que têm como referência noções relativas de conforto, bem-estar e realização individual e coletiva (MINAYO; HARTZ; BUSS, 2000, p. 10)

4.2.1.1 Dimensão Econômica

No quadro a seguir destacam-se os trechos das entrevistas em que os participantes relatam suas situações de vida quanto a bens materiais, suas condições de moradia e os rendimentos financeiros oriundos da atividade produtiva de flores e plantas ornamentais.

Quadro 7- Dimensão Econômica

Objeto de análise	Depoimentos
Bens materiais	<p>E1: “Melhorou muito para nós. Com o dinheiro da própria planta, a gente já pode fazer os viveiros, e essa casinha”</p> <p>E3: “Hoje como está a situação não tem condições. Os que trabalham aqui ganham um salário, o rendimento daqui não dá para fazer o investimento (em irrigação)”</p> <p>E5: “Quando tem a Feira Flor Pará ajuda muito, porque a gente consegue melhorar a estrutura. A gente já construiu viveiro com esse dinheiro, e outro lá atrás (da propriedade). É quando a gente ganha mais e faz mais coisas”</p>
Condições de moradia	<p>E4: “Quando eu fui para a Feira do Flor Pará, eu consegui levantar a minha casa, a metade da casa. O resto eu já consegui na outra Flor Pará, a outra metade. Então é gratificante a gente trabalhar com isso”</p>
Rendimentos financeiros	<p>E1: “Tanto um quanto o outro (floricultura e fruticultura) são para complementar a renda no momento, mas vamos dizer que seja igual [...] Não dá tanto retorno a frutífera porque grande parte é para o nosso consumo”</p> <p>E2: “Muitas pessoas vem aqui (comprar a planta) e já levam polpa, porque a gente também trabalha com polpa de fruta [...] também tem a galinha que eu crio. Aí eles já levam a planta, levam a galinha, levam a polpa de cupuaçu. Me ajuda bastante, porque uma coisa puxa a outra”</p> <p>E2: “A farinha dá um retorno bom, mas a planta não dá tanto assim. Não dá ainda para</p>

<p>sobreviver só da planta, mas dá uma ajuda. Ainda não é o principal”</p> <p>E1: “O período que dá melhor para a gente e do Flor Pará. Aí dá para tirar um bom dinheirinho e comprar alguma coisa”</p> <p>E4: “No momento as frutas (dão mais rendimento) [...] A gente consegue alguma coisa no tempo das feiras. Aqui na propriedade mesmo a gente vende, mas não é lá essas coisas”</p> <p>E1: “Meu pai tem o dinheiro dele todo mês, mas com as feiras já dava para ir ajudando na passagem do ônibus, no remédio que faltou, e um complemento e ajudou muito”</p> <p>E5: “Não tem sido a principal (renda), mas ajuda muito [...]. Sempre ajuda na minha renda, porque meu esposo recebe por mês, e quando eu faço a feira a gente ganha, e eu ajudo ele a comprar alimentos ou a inteirar para alguma outra coisa”</p> <p>E1: “Agora está melhor (o lucro). Na verdade, eu acho que o que ajudou muito foram essas feiras que antes não tinham. Com as feiras, a gente tem vendido mais”</p> <p>E2: “Cada vez mais vai melhorando (o rendimento), porque antes não tinha essas feiras. Elas vendiam, mas era bem lentamente, só vendia aqui na propriedade [...] Outra venda boa é a do Flor Pará, em 3 dias elas fazem R\$3.000, R\$2.500, uma feira que é só sexta, sábado e domingo”</p> <p>E5: “Ele (o rendimento) tem melhorado [...] A gente tem aumentado as oportunidades de venda, porque antes a gente só participava da Feira do Flor Pará. Hoje a gente já participa da Feira Rural, participou do Sábado Rural que teve na CEASA (Belém), do Flor Pará uma vez por ano, e na Feira de Santa Bárbara todo final de semana [...] A gente melhorou porque aumentaram as feiras, aumentaram as vendas”</p> <p>E4: “a gente ganha um dinheirinho das flores e ganha um dinheirinho das frutas, melhorou um pouquinho”</p> <p>E4: “De positivo tem que é uma renda a mais que entra no nosso dia a dia, e é bom”</p> <p>E5: “Além de vender as flores, a gente ainda é contratada para fazer a ornamentação e arranjo. Para a gente fazer um arranjo não precisa ter tanta flor [...] isso ajuda porque a gente tem bastante criatividade”</p> <p>E3: “Ultimamente realmente não está dando, não está entrando. Já foi bom na época em que começamos”</p> <p>E3: “Não me sustenta, como eu já disse, já foi o tempo bom”</p> <p>E3: “Às vezes eu fico pensando que se eu estivesse trabalhando em colégio (e não com as plantas), eu teria uma boa aposentadoria, talvez. Eu fiquei só com a pensão do meu marido”</p> <p>E5: “Uma coisa importante na nossa vida e o fato da mamãe ter feito 55 anos e já vai se aposentar [...] tinha que comprovar a atividade rural, então como ela já fez vários cursos, tem esse projeto, já fez 2 PRONAF, ela teve como comprovar; e eu o auxílio-maternidade que consegui também com os meus cursos, certificados, comprovantes, o DAP que é o documento do nosso terreno, tudo isso por causa do Grupo 1”</p> <p>E6: “Minha aposentadoria e só para as despesas de casa. Isso aqui é uma ajuda para mim”</p> <p>E6: “Eu gosto desse trabalho, me ajuda porque eu não fico pedindo [...] E sempre que eu vendo, não deixo de ajudar minha filha”</p>
--

Fonte: Pesquisa de campo (2017)

As entrevistadas relataram uma experiência positiva quanto à melhoria das suas condições de moradia a partir desta atividade produtiva, inclusive havendo um caso (Entrevistada 4) em que a casa inteira foi construída a partir dos rendimentos obtidos

unicamente com as vendas da sua produção de flores e plantas ornamentais, apesar da atividade ser considerada como renda complementar da família.

A maior parte das produtoras entrevistadas relatou conseguir obter bens materiais e também fazer investimentos na infraestrutura da propriedade a partir dos rendimentos obtidos com a atividade, no entanto, não se trata de uma unanimidade. Há relatos de produtoras que se queixam que o rendimento atual não possibilita fazer investimentos, apenas custeando a manutenção mínima da atividade.

Houve diversos depoimentos em que se nota a percepção das produtoras de o rendimento financeiro tenha aumentado proporcionalmente ao aumento de participação em Feiras. Os depoimentos reproduzidos a seguir retratam a importância econômica que as entrevistadas atribuem a sua participação em feiras e eventos do setor, principalmente a Feira Anual, denominada Flor Pará.

Quadro 8- Importância atribuída pelas entrevistadas às feiras e eventos

Entrevistada	Depoimentos
E1	<p>“O período que dá melhor para a gente e do Flor Pará. Aí dá para tirar um bom dinheirinho e comprar alguma coisa”</p> <p>“Meu pai tem o dinheiro dele todo mês, mas com as feiras já dava para ir ajudando na passagem do ônibus, no remédio que faltou, e um complemento e ajudou muito”</p> <p>“Agora está melhor (o lucro). Na verdade, eu acho que o que ajudou muito foram essas feiras que antes não tinham. Com as feiras, a gente tem vendido mais”</p>
E2	<p>“Cada vez mais vai melhorando (o rendimento), porque antes não tinha essas feiras. Elas vendiam, mas era bem lentamente, só vendia aqui na propriedade [...] Outra venda boa é a do Flor Pará, em 3 dias elas fazem R\$3.000, R\$2.500, uma feira que é só sexta, sábado e domingo”</p>
E4	<p>“Quando eu fui para a Feira do Flor Pará, eu consegui levantar a minha casa, a metade da casa. O resto eu já consegui na outra Flor Pará, a outra metade. Então é gratificante a gente trabalhar com isso”</p>
E5	<p>“Ele (o rendimento) tem melhorado [...] A gente tem aumentado as oportunidades de venda, porque antes a gente só participava da Feira do Flor Pará. Hoje a gente já participa da Feira Rural, participou do Sábado Rural que teve na CEASA (Belém), do Flor Pará uma vez por ano, e na Feira de Santa Bárbara todo final de semana [...] A gente melhorou porque aumentaram as feiras, aumentaram as vendas”</p> <p>“Quando tem a Feira Flor Pará ajuda muito, porque a gente consegue melhorar a estrutura. A gente já construiu viveiro com esse dinheiro, e outro lá atrás (da propriedade). E quando a gente ganha mais e faz mais coisas”</p>

Fonte: Pesquisa de Campo (2017)

A renda proveniente desta atividade é declaradamente essencial para complementar os gastos familiares da maior parte das entrevistadas, em se tratando tanto de despesas transitórias como, por exemplo, remédios em caso de enfermidades e custeio de passagens de ônibus para tratar de assuntos urgentes na cidade, quanto as mais básicas como compra de alimentos ou de produtos de necessidade que tenham valor mais elevado. A renda complementar desta atividade parece gerar uma satisfação a produtora no momento em que lhe permite ter mais autonomia e menor dependência de terceiros, ao mesmo tempo em que consegue apoiar familiares que ainda não estão nessa condição.

Para além do retorno financeiro com a venda dos produtos, parte das entrevistadas declara ser possível incrementar os ganhos quando são contratadas também para realizar serviços de ornamentação de eventos e arranjos, em conjunto com a venda de sua produção. As produtoras também apontam como vantagem o aumento do número de pessoas que vem até a propriedade e a comunidade gerando, desta forma, mais oportunidade de venda para os demais produtos oriundos do trabalho familiar como, por exemplo, polpas de frutas, ou galinhas. Desta maneira, elas consideram a venda das flores e plantas ornamentais como um atrativo de clientes potenciais para todos os produtos agrícolas de sua propriedade, e também da comunidade em que se inserem.

Por outro lado, destaca-se em um menor número de depoimentos a existência de uma insatisfação com os rendimentos atuais da atividade. Para essa parte das entrevistadas, que são as produtoras com mais tempo na atividade, o negócio já foi rentável no passado, contudo, atualmente não se trata da sua principal fonte de renda. Esta comparação com o desempenho passado, juntamente com a falta de perspectivas positivas para o futuro do negócio, gera uma insatisfação quanto a sua situação econômica.

A situação de segurança quanto à aposentadoria das entrevistadas surgiu espontaneamente durante a entrevista, não tendo sido prevista inicialmente no planejamento da pesquisa. Foram observadas leituras positivas e negativas quanto ao tema. Enquanto algumas entrevistadas reconhecem o benefício de se conseguir comprovar o trabalho rural através da atividade produtiva de flores e plantas ornamentais para obtenção da aposentaria, também ocorre que uma das produtoras entrevistadas declarou acreditar que poderia ter uma melhor assistência na fase da aposentadoria se tivesse continuado exercendo sua antiga profissão de professora.

4.2.1.2 Dimensão de Infraestrutura

Neste tópico está a categoria de análise que esmiúça o acesso dos produtores à água tratada, energia elétrica, malha rodoviária, comunicação e a mecanismos de acesso a produção, neste caso, a financiamentos, assim como a presença de estrutura para irrigação da propriedade.

Quadro 9- Dimensão de Infraestrutura

Objeto de análise	Depoimentos
Acesso à água tratada	<p>E2: “Para ter um plantio melhor precisa ter uma irrigação boa. Quando chega o verão é um trabalho muito grande ficar molhando, só uma caixa d’água não vence. Nós temos poço artesiano e tem a água encanada que é meio fraca, mas tem só uma caixa d’água para muita planta”</p> <p>E2: “O povo tem cobrado, até eu tenho cobrado mais uma caixa d’água. O Prefeito prometeu que vai colocar mais uma caixa para cá, porque o pessoal não tem agua onde o terreno e mais alto, a água não passa. Devagar está melhorando”</p> <p>E3: “Um poço é importante, seria o ideal. Tem dias que a água está muito fraca, a gente precisava de um poço para fazer a irrigação”</p> <p>E4: “Muito fraca. Aqui chega muito fraca a água [...] Estou pensando em mandar cavar um poço aqui perto para poder continuar com as minhas plantas”</p> <p>E5: “A gente pretende melhorar mais, ajeitar nossa irrigação, melhorar nossa estrutura, e aumentar nossa produção”</p>
Acesso à energia elétrica	<p>E6: “A energia elétrica por enquanto está boa, a gente não usa equipamento forte”</p>
Condições de transporte e mobilidade	<p>E6: “Geralmente o pessoal que vai para Mosqueiro para aqui, mas não vem de Belém para comprar planta. Eles tem outras opções mais próximas”</p> <p>E2: “As pessoas aproveitam a viagem que já fazem para o balneário e já entram aqui”</p> <p>E2: “Planta tem, agora não tem como levar ela para fora para vender. Tem feiras, mas as vezes é difícil o transporte [...] O rapaz cobra R\$200 para levar em uma Kombi, uma Kombi não leva grandes coisas”</p> <p>E4: “Nossa primeira dificuldade e o transporte, muitas das vezes a gente quer ir para um lugar, mas não tem a verba para pagar o transporte”</p> <p>E6: “Quando tem evento, para levar planta, levar produtor, a SEDAP e a EMATER dão um apoio. Mandam caminhão, mandam van, vão até lá dentro que é longe para pegar o produtor”</p> <p>E2: “A Tropisan fica em Santa Bárbara, aí já era distante para eu ficar indo para lá, ficou difícil, a gente teve que se afastar”</p> <p>E2: “Já tem a estrada que antigamente não era assim, tem mais casas, tem a rua do balneário que já está bonita, está melhorando devagar”</p> <p>E1: “Poderia melhorar essa estrada. O asfalto ir até lá fora ia ajudar muito”</p> <p>E5: “A estrada poderia melhorar mais, até porque nossa comunidade tem outros pontos turísticos, tem balneário, tem as meninas que trabalham com flores. Eles poderiam</p>

	<p>melhorar mais a estrada e colocar ônibus para fazer linha”</p> <p>E4: “Antes tinha estrada, mas não era assim de piçarra, era chão mesmo. Primeiro a estrada era muito ruim, hoje melhorou bastante”</p> <p>E6: “Até agora não (os clientes) reclamaram nada sobre a estrada”</p> <p>E2: “Acontece que as vezes a pessoa quer comprar, mas não quer pagar o transporte para vir buscar, porque vai sair caro. Fica difícil, porque nos também não temos transporte”</p> <p>E2: “Tem uma feira em um shopping center de Belém toda quinta-feira, toda semana teríamos que estar lá, mas fica difícil. E complicado ficar pagando frete”</p> <p>E6: “Se precisa muito de condução para pegar produto, até mesmo para levar para Belém [...] Se for pagar frete, tira a maioria do dinheiro que se vai ganhar”</p> <p>E4: “E se a gente for pagar transporte, ir em uma feira e não vender nada? ”</p>
Condições de comunicação	<p>E1: “Temos o telefone rural, o normal não dá sinal. A gente tem esse número, na verdade, por causa da AFLORARTE. A gente precisou de um telefone aqui e comprou com o dinheiro das plantas. Tem muita coisa que a gente já comprou com esse rendimento. Esse é o número que a gente dá nas feiras”</p> <p>E3: “A gente tinha aqui um telefone (da associação), mas está parado. Tem só mesmo o celular, todas tem o telefone pessoal”</p> <p>E5: “(a comunicação) poderia melhorar também. Aqui não pega internet, só celular, mas se for o rural. Quando não é celular rural dá área, mas logo sai”</p>
Mecanismo de acesso a produção (financiamentos)	<p>E1: “Quem apresentou o PRONAF para a gente foi a EMATER. O responsável pelo município de Santa Bárbara vem visitar e ver se a pessoa está preparada para fazer o PRONAF, aí a EMATER dá a DAP. Com a DAP a pessoa faz o PRONAF”</p> <p>E2: “Com o dinheiro da Feira (Flor Para), se paga o PRONAF de uma vez”</p> <p>E2: “(O PRONAF) é pago com dinheiro das plantas, não é com nosso dinheiro. A planta mesmo que paga essa despesa. Então as vezes a gente nem percebe, mas está dando. E a gente ainda se divide (a renda). Então devagar tem ajudado, está melhorando”</p> <p>E3: “Não tem como utilizar (o nome da associação). Aqui a gente tem um empréstimo Amazônia Florescer (PRONAF) pela agricultura. Como a associação não tem renda, não tem como fazer empréstimo pela associação”</p> <p>E4: “Nunca tirei crédito para trabalhar. Já fui informada, só que eu não quis na época. Eu ficava com medo de pegar um crédito e não poder pagar. E por isso que eu nunca fiz”</p> <p>E4: “Não quis fazer PRONAF ainda, mas talvez eu faça agora, porque eu vou precisar par a minha estufa. Minha estufa é importante”</p> <p>E5: “A gente sempre faz o PRONAF para, por exemplo, comprar vasos ou ajeitar a estrutura. O rapaz que faz sempre vem visitar a gente vendo se a gente precisa. Ele já vem com a EMATER”</p> <p>E6: “A gente teria que comprar vasos, sementes, adubo para fazer a compostagem. Eu vou convidar elas para fazer um empréstimo. Tem que ver quanto vai gastar para fazer aquele número que a gente quer”</p> <p>E7: “PRONAF é como se fosse uma ajuda, não tem aqueles juros abusivos, é só pagar direitinho, depois pode tirar outro”</p>

Fonte: Pesquisa de Campo (2017)

Quanto à infraestrutura, no tocante ao acesso à água, as entrevistadas sentem de forma unânime a necessidade de melhoria do acesso a esse bem para melhorar as suas condições de

plântio. No entanto, a forma com que elas lidam com esta situação é diversa. De um lado se cobra do poder público a melhoria do fornecimento da água para a comunidade com um todo. Um pouco mais além, há depoimentos em que se espera que esse mesmo poder público possa mais que melhorar o fornecimento da água para a comunidade, mas também apoiar a instalação de poço artesiano nas propriedades que exercem esta atividade produtiva. Por outro lado, há produtoras que já possuem o poço, ou que buscam providenciá-lo com recursos próprios; e buscam no poder público a assistência técnica para instalação otimizada do sistema de irrigação.

A falta de tal sistema de irrigação gera dificuldades de várias naturezas para as produtoras, na dimensão econômica cita-se a diminuição da produção, com conseqüente perda de capacidade de atendimento da demanda local, conforme declara a Entrevistada 6: “Como a nossa área não tem irrigação e no verão se precisaria muito aqui, conforme vamos perdendo as touceiras, vamos perdendo as flores. Quando eles vem procurar para comprar, a gente não tem a quantidade adequada para servir as pessoas que pedem”.

Situação semelhante foi descrita por Lima Júnior et al. (2015, p. 88) sobre o setor no Estado do Ceará, onde o agricultor familiar tem perdido representatividade na produção daquele estado, em função de sua baixa produtividade de flores e plantas, em decorrência da baixa utilização de tecnologias, insumos e investimentos, “carência de assistência técnica especializada bem como problemas de escassez de água”.

Já o acesso à energia elétrica em nenhum momento foi citado como um fator de dificuldade. No caso das condições de comunicação, as entrevistadas com atividade no centro do município não declaram ter problemas para comunicação. Porém, as propriedades que se encontram mais afastadas sofrem com a falta de cobertura de sinal de telefonia móvel e de internet. Nestes casos, a atividade produtiva se mostra determinante para a melhoria das condições de comunicação, pois a renda obtida com as flores e plantas ornamentais é apontada como a responsável pelo custeio e manutenção de linha do telefone rural. A Entrevistada 1 explica desta forma: “A gente tem esse número (rural), na verdade, por causa do grupo produtivo. A gente precisou de um telefone aqui e comprou com o dinheiro das plantas. Tem muita coisa que a gente já comprou com esse rendimento. Esse é o número que a gente dá nas feiras”.

O mecanismo de acesso à produção citado pelas entrevistadas foi unicamente o PRONAF – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar, citado anteriormente no contexto da atividade agrícola (Item 2.4), o que corrobora o papel do programa federal como apoiador da agricultura familiar. Não foram citadas dificuldades de

acesso ao crédito, nem a documentação necessária para a submissão da proposta. No entanto, destacou-se ainda um sentimento de insegurança na resposta de pelo menos uma das participantes quanto a qualquer tipo de sistema de crédito. A pesquisadora observou também a entonação de desconfiança quando este assunto foi abordado na conversa com esta mesma participante, a Entrevistada 4: “Nunca tirei crédito para trabalhar. Já fui informada, só que eu não quis na época. Eu ficava com medo de pegar um crédito e não poder pagar. É por isso que eu nunca fiz”.

O PRONAF parece ser a opção mais viável para as produtoras, pois trata-se de um processo sem maiores burocracias, e a entidade de assistência técnica do município presta a orientação necessária para a sua viabilização. Além disso, a submissão da proposta é feita de forma individual. A Entrevistada 3 explica que “não tem como utilizar (o nome da associação). Aqui a gente tem um empréstimo Amazônia Florescer (PRONAF) pela agricultura”. A possibilidade de obtenção de crédito para o trabalho de um grupo ou associação foi considerada inviável por conta de pendências tanto de formalização quanto de documentação da propriedade.

No quesito de mobilidade e transporte, constata-se a partir do relato de uma entrevistada que ela percebe que o município de Santa Bárbara não se beneficia tanto da proximidade de Belém para a venda da produção das flores e plantas ornamentais, pois há outras opções de produção mais perto da capital, evidenciado a falta de articulação urbano-regional citada por Farah (2003), iniciativa intermunicipal para abastecimento de centros urbanos, com objetivos simultâneos no desenvolvimento de pequenos produtores rurais e em levar preços mais acessíveis à população urbana.

Os custos mais elevados para o transporte dos produtos, em função de uma “baixa qualidade da infraestrutura de escoamento e distribuição” torna-se um empecilho que gera rebatimentos e encarecimento em toda a cadeia produtiva, acabando por repassar esses aumentos no valor para o consumidor final (LIMA JÚNIOR et al., 2015, p. 93). No entanto, também ocorreram diferentes percepções de que pessoas que visitam ou passam pelo município para fins de lazer e turismo são parte da clientela das flores e plantas ornamentais, e são consideradas oportunidades para vendas.

Figura 6- Estrada para acesso a parte das propriedades produtoras de flores e plantas ornamentais



Fonte: Pesquisa de Campo (2017)

As produtoras participantes, em geral, afirmam que o frete cobrado para o transporte da sua produção dificulta a obtenção de lucro, sendo que em muitos casos ainda parece persistir uma situação de dependência dos agricultores pelo apoio de transporte pelos órgãos governamentais de diferentes esferas. Lima Júnior et al. (2015, p. 93) consideram que “a baixa qualidade da infraestrutura de escoamento e distribuição é um problema que impacta toda a cadeia produtiva, pois gera elevados níveis de perdas e aumenta os custos dos produtos aos consumidores finais”, e destacam que as más condições das malhas rodoviárias e as dificuldades de transporte adequado, apesar se estarem presentes em todo o país, se agravam nas áreas rurais.

Mesmo dentro do município, existem dificuldades de mobilidade: há propriedades localizadas longe do centro da cidade que não contam com linha de transporte público, ou mesmo com uma via devidamente asfaltada (Ver Figura 6). Muito embora a opinião das moradoras mais antigas seja de que o acesso a essas comunidades tem melhorado ao longo do tempo, as condições encontradas ainda não facilitam a plena mobilidade. Tal situação foi

citada, inclusive, por uma das entrevistadas como fator contributivo para seu afastamento das atividades de uma associação, pois havia muita dificuldade em se chegar até a área comum de trabalho.

4.2.1.3 Dimensão Biológica

Foram identificadas nas entrevistas, algumas situações dos participantes em relação ao seu acesso a cuidados médicos, de saúde e exigência física e postural do trabalho, conforme quadro a seguir.

Quadro 10- Dimensão biológica

Objeto de análise	Depoimentos
Acesso a cuidados de saúde	<p>E1: “Meu pai tem o dinheiro dele todo mês, mas com as feiras já dava para a gente ir ajudando com a passagem do ônibus, para o remédio que faltou, é um complemento e ajudou muito”</p> <p>E5: “[...] meu esposo recebe por mês, aí quando eu faço a feira é que a gente ganha. Aí ajudo ele a comprar um alimento, ou se precisar de alguma outra coisa, inclusive remédio, tudo ajuda”</p> <p>E2: (A renda das flores e plantas) “ajuda em muita coisa. Como agora que meu esposo adoeceu, ajudou muito. As meninas iam para as feiras e traziam dinheiro para ajudar, era para pagar o frete do carro daqui para Belém, e remédio, porque ele estava internado no Hospital 1, mas nem todo remédio o hospital cobre, [...], passagem e alimentação para a pessoa que ficava de acompanhante. Tudo saía daqui, porque a aposentadoria não dá para tanta coisa”</p> <p>E2: “Há uns 6 anos, ele (esposo) adoeceu e eu ia com minha filha para a casa da minha cunhada (perto do hospital). Nós levávamos uma basqueta, porque perto da casa dela tem uma praça, Praça Brasil, eu dizia “vamos levar e quem sabe a gente não vende essas plantas”. Antes de chegar na casa dela, a gente vendia tudo”</p> <p>E6: “Se eles (vizinhos) querem um remédio, eles vão na minha casa e perguntam se eu tenho, dizem que estão com uma dor assim, uma dor de cabeça, eu digo que tenho”</p>
Exigência física e postural	<p>E2: “[...] quando chega o verão é um trabalho muito grande para elas ficarem molhando [...] às vezes elas molham uma parte de manhã e outra parte à tarde”</p> <p>E1: “Às vezes a gente paga para alguém quando precisa fazer bancadas, para carregar terra, essas coisas mais pesadas. A gente paga uma diária”</p> <p>E3: “A nossa dificuldade é essa de por exemplo de mandar fazer a limpeza (do terreno) que sai pesada para nós [...] a gente paga para limpar”</p> <p>E5: “Meu esposo me ajuda muito, ele ajuda a carregar as plantas quando vai para as feiras”</p> <p>E5: “[...] trabalhar assim é uma coisa que dá trabalho, dá muito trabalho para organizar e manter”</p> <p>E3: “[...] se tornou mais difícil agora para mim, porque a gente já não tem ajuda das pessoas que precisa para trabalhar junto, e já não tem”</p>

	<p>E3: “[...] como ele é sócio daqui também e não participa ativamente, ele só vem para esses trabalhos de roçagem. Ele tem problema de coluna e não pode ficar trabalhando direto também”</p> <p>E3: “Eu e ela (sócia), quem mais trabalha somos nós duas. Tem uma outra (sócia) lá na outra comunidade que agora sente dores no corpo. Tem quase a nossa idade também, mas ela está conosco, quando ela melhora ela vem”</p> <p>E3: (O trabalho) “é cansativo porque você tem que carregar. Essa senhora que está conosco tem dificuldade porque ela tem dores dos braços, aí tem que carregar vaso. Não é só vaso pequeno, tem vaso grande também, isso cansa. Mas para quem quer trabalhar e gosta não tem dificuldade”</p> <p>E4: “Não considero trabalho pesado, porque quando a gente gosta de uma coisa não se torna pesado”</p> <p>E6: “Eu trabalho aqui, mas como já estou na terceira idade, eu tiro dois dias na semana para fazer (educação) física, ginástica”</p> <p>E6: “A gente diz que planta não dá trabalho [...] como já estamos nessa idade (mais de 70 anos), ficar se abaixando muito para trabalhar com horta na minha opinião não dá”</p> <p>E6: “Na nossa idade (mais de 70 anos) nós não podemos mais roçar. A gente faz um pouquinho e já fica cansada”</p>
--	--

Fonte: Pesquisa de campo (2017)

No quesito de saúde e cuidados médicos, verifica-se que as entrevistadas tem uma percepção positiva quanto à melhoria de seu acesso. Isto pode ser mais bem visualizado quando relatam que a renda obtida complementarmente com a produção das flores e plantas ornamentais ter aumentado a sua: a) oportunidades de comprar remédios em casos de doença na família; b) possibilidade de custeio para acompanhamento de pessoa enferma na família durante tratamento na capital Belém; e c) possibilidade de auxiliar pessoas próximas a ter acesso a remédios.

Já a exigência física e postural da atividade produtiva pode ser considerada negativa, quando se constata que as entrevistadas a veem como mais intensa devido à falta de infraestrutura de irrigação nas propriedades (citada na Dimensão de Infraestrutura, Item 4.2.1.2). A inexistência dos sistemas de irrigação foi generalizada entre os relatos das participantes, no entanto, as produtoras mais velhas pareceram ter mais dificuldades em realizar o trabalho de forma autônoma e regular.

Em que pese o fato deste tipo de trabalho ser considerado exigente, se destaca o fato de que ele não gera sentimentos negativos em nenhuma das entrevistadas mas, pelo contrário, se reconhece que a exigência física deste seja mais leve quando comparada a outras atividades produtivas no município como serraria, roça e hortaliças. A Entrevistada 6, por exemplo, declara o seguinte: “A gente diz que planta não dá trabalho [...] como já estamos nessa idade (mais de 70 anos), ficar se abaixando muito para trabalhar com horta na minha opinião não

dá”. Além disso, foram relatados oportunidades e tempo livre para realização de exercícios físicos.

As produtoras depõem também que a atividade é mais bem desenvolvida em conjunto do que de forma individual, devido ao trabalho intenso que se faz necessário. Tal realidade vem ao encontro de estudos anteriores (BUANAIN; BATALHA, 2007, JARDIM, 2015; LIMA JUNIOR et al, 2015; JUNQUEIRA; PEETZ, 2006; TSUBOI; TSURUSHIMA, 2009) que já retratavam esta atividade produtiva como sendo de natureza intensiva em mão-de-obra. Pelos depoimentos, também se verifica que o trabalho considerado mais “pesado” não é executado pelas mulheres, mas que gera contratação de mão-de-obra local temporária e/ou participação de familiares do gênero masculino.

4.2.1.4 Dimensão de Sustentabilidade

Nesta categoria de análise encontram-se situações em que os entrevistados relatam possíveis exposições à sua segurança biológica e possível manuseio de produtos agrotóxicos. Lima Júnior et al. (2015, p. 13) menciona existir “por parte da sociedade, uma pressão para considerar questões ambientais na produção agrícola”, considerando, desta maneira, as formas de controle sobre a utilização de produtos agrotóxicos. No entanto, conforme relatado anteriormente no Quadro 6, para a amostra desta pesquisa, este tipo de controle e fiscalização com relação a estes produtos possivelmente perigosos ao meio-ambiente não foi mencionado pelas entrevistadas.

Quadro 11- Depoimentos quanto à categoria de análise da sustentabilidade

Objeto de Análise	Depoimentos
Manuseio de produtos agrotóxicos	<p>E3: “A gente usa mais (defensivo) para formiga. A gente não coloca muita coisa na planta, a gente usa só um tipo de barragem que é para matar formiga. Mas outro tipo de coisa só se for o químico que a gente ainda usa, o químico não prejudica ninguém. Veneno só para formiga mesmo, se a gente usar muito veneno nas plantas a gente passa mal”</p> <p>E5: “De negativo tem as doenças que dão (nas plantas) [...] é natural da planta, mas a gente consegue combater com sabão neutro, óleo vegetal, mistura com alho, a gente também aprendeu a fazer repelente natural com um instrutor”</p> <p>E6: “Até planta eles (clientes) perguntam por que está roído. Eu explico que é porque a gente não usa defensivo, não usa veneno, porque a gente não pode estar entrando em contato com veneno que faz mal para a gente. A gente procura não usar o veneno, e como não tem, o gafanhoto vai lá comer”</p>

	<p>E6: “Não uso veneno em casa e não vou usar aqui”</p> <p>E7: “a gente evita bastante (uso de defensivos) por causa da saúde, porque a gente tem visto muito, até na maioria dos cursos do SEBRAE e do SENAR. Eles ensinam para a gente que é melhor não usar produtos químicos para evitar de ter certas doenças, desenvolver alergia. Eles vem ensinando isso, mesmo que a nossa planta demore mais a crescer ou dar flor, mas vai dar. É melhor não usar mesmo, por causa da saúde”</p>
Biodiversidade	<p>E4: “Comecei a plantar cacau, então coloquei a plantação no meio das flores [...] No verão passado, a gente perdeu muita planta porque o verão foi muito forte e a gente não tem irrigação, a área é grande para ficar molhando as plantas. Por isso estou plantando o cacau junto, para proteger mais as plantas no verão [...] Eu plantando o cacau, já vou ter a semente para fazer o chocolate artesanal”</p>

Fonte: Pesquisa de campo (2017)

Segundo Lima Junior et al. (2015) a utilização de defensivos no setor de flores e plantas ornamentais no Brasil merece atenção, pois ainda existem muitos produtos sem registro, e que acabam por serem adquiridos no mercado paralelo informal. A partir dos depoimentos das participantes, considera-se positiva a rara ou inexistente utilização de produtos agrotóxicos, o que traz às entrevistadas, aos consumidores e à qualidade do terreno, um baixo risco de contaminação pelo mau uso dessas substâncias. As produtoras ouvidas aparentam ter sido conscientizadas a respeito da toxicidade dos produtos; e declaram ter tido instrução quanto a alternativas naturais para proteção de seus cultivos; situação que se mostra diversa dos estudos de Hernandez et al. (2016) e Anefalos, Tombolato e Ricordi (2010), por exemplo.

No campo de utilização de substratos para a produção das flores e plantas ornamentais, as agricultoras entrevistadas relataram conseguir produzir o seu próprio material, a partir de mistura de caroços de açaí, esterco de frango etc., adaptando o tipo de substrato para cada tipo de espécie cultivada, conforme exemplo na Figura 7. Esta redução de custos, pela produção própria do substrato no lugar da compra do material pronto, também é identificada no restante do país, segundo pesquisa de Lima Júnior et al. (2015), porém as propriedades maiores que atuam no setor, mesmo produzindo seu próprio substrato, também precisam complementar essa matéria-prima, adquirindo-as no mercado.

Figura 7- Utilização de caroços de açaí na preparação de substrato para plantas envasadas



Fonte: Pesquisa de Campo (2017)

Adicionalmente, apesar de que diretamente não tenham sido identificadas falas que indiquem ações direcionadas especialmente para a preservação do meio ambiente, a própria natureza da atividade parece contribuir para tal, pois mantem os agricultores na propriedade rural de onde podem obter seu sustento da produção agrícola, e evitando um possível movimento migratório para centros urbanos (LIMA JUNIOR et al., 2015).

Durante a pesquisa de campo também pode ser verificada a reutilização de embalagens plásticas para a reprodução de mudas nas propriedades (Figura 8). A agricultora entrevistada relatou que no início da atividade, esta prática era muito comum em razão da falta de recursos para a obtenção de vasos. No entanto, ocasionalmente ainda são adotados tais materiais.

Figura 8- Reutilização de materiais plásticos para reprodução de mudas



Fonte: Pesquisa de campo (2017)

Outra observação de campo é a de que nas propriedades naturalmente ocorre a proteção da biodiversidade¹¹, pois como explica Yong (2010), historicamente, a diversidade de cultivo de espécies, como também é o caso das propriedades pesquisadas neste trabalho, se mostra como uma maneira de evitar pragas e enfermidades graves, tanto para o cultivo das espécies ornamentais quanto para as demais culturas de frutas e hortaliças existentes na propriedade. Este se mostra o caminho inverso do que ocorre com as monoculturas, que são mais suscetíveis ao uso de produtos agrotóxicos, fertilizantes e a causar degradação ambiental (YONG, 2010).

Outro exemplo da contribuição para floricultura para a biodiversidade do município estudado, diz respeito ao início de cultivo do cacau como forma de proteção das flores tropicais, que se necessitam de sombra para se desenvolverem melhor. O plantio do cacau foi escolhido pela produtora inicialmente como forma de proteção das espécies ornamentais, mas posteriormente também tem sido utilizado para a produção de chocolate artesanal, o que gera outra renda para a família. Como diz Yong (2010, p. 2): “la biodiversidade se considera la base de multiples estrategias, que sirve para enfrentar problemas de la produccion y sostenibilidad de los sistemas agricolas”.

4.2.1.5 Dimensão Educacional

No campo de análise relativo à educação, destacam-se no quadro a seguir os depoimentos das participantes sobre o acesso que possuem a educação formal, cursos técnicos e capacitações.

Quadro 12- Dimensão educacional

Objeto de Análise	Depoimentos
Acesso à educação formal, cursos e capacitações	<p>E1: “A gente já teve capacitação de floricultura, ano passado (2016) a gente fez o curso de paisagismo. O SENAR ofereceu esses dois, e há alguns anos também teve o de arranjos florais. A gente sempre tem que pedir, a gente fala com o sindicato dos produtores ou com a secretaria municipal de agricultura, ou com alguém que possa solicitar para a gente”</p> <p>E1: “O SENAR oferece os cursos, oficinas, eles vão até a área rural, trazem os cursos para a gente. Já teve aqui na propriedade, tem que ter no mínimo 15 pessoas. Já teve também</p>

¹¹Para Yong (2010, p. 1) “la biodiversidade constituye todas las especies de plantas, animales y microorganismos existentes que interactúan dentro de un ecosistema”.

	<p> cursos do SEBRAE, quando foi fundada a Tropisan”</p> <p>E1: “Eu já fiz alguns cursos, quando eu entrei eu não sabia de nada”</p> <p>E2: “Melhorou depois da capacitação, porque vieram os cursos para fazer os arranjos das próprias flores, aí eu comecei a fazer os arranjos”</p> <p>E3: “Fiz todos os cursos pelo SEBRAE, pelo SENAR, também com a FAEPA. A FAEPA também ajudou bastante, o SEBRAE trouxe todos os ensinamentos, passou aqui uns 5 ou 6 anos, aprendemos muita coisa”</p> <p>E3: “Aprendemos a fazer arranjo, aprendemos a lidar com o povo, tudo que é tipo de capacitação, atendimento, tudo veio para nós, aprendemos tudo o que tinha para aprender e depois ainda surgiram mais cursos que a gente sempre estava fazendo [...] aprendemos muita coisa, mas com o passar do tempo as pessoas muitas vezes se esquecem”</p> <p>E4: “O SEBRAE nos procurou para nos dar um apoio. Nos deram um apoio muito grande, incentivaram [...] depois disso ficamos trabalhando direto na atividade”</p> <p>E4: “Agora a gente estava fazendo um pelo SENAR, ainda nem terminamos [...] aprendendo a como organizar, como vender, como fazer ata, só que parou”</p> <p>E4: “Quando começou a produção de tropical aqui, vinham os órgãos, se ofereciam para dar cursos para nos ajudar”</p> <p>E4: “Com essas capacitações eu mudei. Mudei de começar a anotar as coisas que eu vendo, as coisas que saem, as coisas que entram. De primeira eu não fazia isso, não sabia o quanto pegava, o quanto gastava, não sabia nada. Agora não, hoje eu anoto tudo. Isso ajudou bastante”</p> <p>E5: “A capacitação até hoje ajudou muito [...] a EMATER entrou, mandava técnico para ajudar a gente, para orientar, vinham ensinar a fazer adubo orgânico. A gente começou a trabalhar praticando”</p> <p>E6: “Já tivemos muito curso através do SEBRAE, do SENAR, fizemos curso de administração, de compostagem, de enraizamento, tivemos vários cursos [...] Aprendemos a como misturar o adubo para dar logo as flores, e teve curso para fazer mudas por estaca ou forquilha”</p>
Aprendizagem informal	E2: “eu quero dizer que as vezes não é só fazer curso, é na pratica de trabalhar que a gente vai aprendendo, a gente vai descobrindo as coisas com aquilo que a gente faz [...] tem coisas que é preciso estar com a mão na massa para poder aprender”

Fonte: Pesquisa de Campo (2017)

As entrevistadas declaram em geral ter uma percepção positiva quanto ao acesso a cursos e capacitações. Essas orientações ocorrem na propriedade rural em turmas de pelo menos 15 agricultores cada. As instituições atualmente envolvidas na oferta dessas capacitações e treinamentos que foram citadas são: SENAR – Serviço Nacional de Aprendizagem Rural, EMATER – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado do Pará, e outras que podem ser indicadas pela SEDAP – Secretaria de Estado de Desenvolvimento Agropecuário e da Pesca. As entrevistadas citaram também o SEBRAE-Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas e a FAEPA – Federação da Agricultura e Pecuária do Pará como instituições que tiveram importância na capacitação e oferecimento de cursos no passado.

Já a educação formal se manteve baixa entre as produtoras: nenhuma possui nível superior e menos da metade completou o ensino médio. A partir dos depoimentos das entrevistadas percebe-se que elas consideram que, em sua área de trabalho, o aprendizado baseado na prática é tão importante quanto o conhecimento técnico. E, além disso, se orgulham em desenvolver, por si mesmas, soluções para certas situações como, por exemplo: reproduzir certo tipo de palmeira (Entrevistada 2) ou melhorar a qualidade de uma planta envasada (Entrevistada 5).

4.2.2 Percepção Subjetiva

Siqueira et al. (2012) defendem os estudos sobre a qualidade de vida sob um aspecto tanto objetivo quanto subjetivo, apesar de afirmarem que as pesquisas da área, voltadas ao trabalhador rural, têm abordado aspectos muito mais objetivos do que subjetivos; desta forma, perde-se a oportunidade de compreensão das leituras que a própria pessoa entrevistada faz da sua “vida diária”. Para Siqueira et al. (2012, p. 265) a abordagem subjetiva se faz importante pois “permite que informações sejam analisadas de maneira mais completa”.

4.2.2.1 Dimensão Cultural

Neste momento, destacam-se os depoimentos das entrevistas em que se relatam experiências de cooperação e solidariedade, de visualização do sentimento de pertencimento das produtoras participantes e seus relacionamentos sociais, conforme demonstrado no Quadro 13.

Quadro 13- Dimensão cultural

Objeto de Análise	Depoimentos
Cooperação e Solidariedade	<p>E1: “Não trabalhamos juntos, mas quando tem alguma reunião com a Prefeitura ou com a SEDAP, eu sempre aviso todo mundo: Lírio da Paz, Flor do Campo, Tropisan, aviso quem eu puder”</p> <p>E1: “a princípio a gente está pensando em se unir para pagar um frete, no caso nos até já temos um grupinho que estava participando do Para Orgânico e Sábado Rural, mas hoje já acabou [...] a gente já estava formando um grupo para dividir o frete, aí vamos ver se a gente continua assim”</p>

	<p>E1: “Eu procuro a SEDAP, digo que está se formando um grupinho, pergunto o que ela acha sobre eles participarem da Feira [...] ela abre espaço para eles, já foram expor ano passado”</p> <p>E4: “Na associação não gostei muito de trabalhar, dá muito problema, muita confusão, como a gente trabalha agora eu acho melhor. Cada uma vai, ajuda a outra na feira, não tem confusão nenhuma”</p> <p>E1: “Quando vem algum produtor aqui, eu já pergunto de alguma planta que não conheço, a gente já vai trocando informação”</p> <p>E4: “Trabalhamos uns 4 anos na TROPISAN, depois debandamos, porque não deu mais certo. Foi a desunião mesmo que nos fez sair. Nessa época a gente vendia planta. Quando começou a entrar dinheiro começou a confusão: um queria mais que outro”</p> <p>E6: “Tem umas aqui que não querem aprender. A gente tenta colocar na cabeça das nossas sócias, mas como elas já tem na cabeça aquela mesmice, só querem fazer do jeito delas”</p> <p>E5: “(Na feira) como e nosso a gente pode negociar, se ela pega e vende com desconto não sai discussão, não sai briga. Se a gente ganhar R\$500,00 por exemplo, a gente divide o mesmo valor para cada, isso facilita. A gente tenta entrar em concordância e harmonia para não sair discussão, isso acaba afastando o cliente, então a gente tem que saber se comportar na hora de vender”</p> <p>E5: “Na nossa comunidade, a gente vê que se a gente se reunisse, fizesse um grupo maior, ia ser mais conhecido”</p> <p>E5: “As pessoas tem procurado a gente para entrar no nosso grupo, só que no momento a gente ainda não abriu espaço. A gente ainda está se organizando melhor, mas as pessoas já tem interesse de trabalhar com plantas”</p> <p>E2: “Tem que trabalhar assim: ver a planta que está no mercado e se a gente tiver tem que multiplicar, porque vai vender com certeza. Mas aí a gente tem que entrar em concordância para multiplicar aquela planta”</p> <p>E1: “A gente teve uma reunião com a SEDAP com os produtores de flores e de chocolate, a gente se uniu de verdade, estavam vendo a possibilidade de a gente criar uma associação”</p> <p>E6: “Associação, para o governo e para os órgãos, e mais procurada que o individual. (Associação) reúne os agricultores, se um não tem uma produção junta com a produção do outro sócio”</p> <p>E7: “Já está em andamento. Tudo funciona assim, o vice-governador sugeriu que nós fizéssemos uma associação. Tudo individual dificulta fazer pedido para o governo, já que são tantos produtores”</p> <p>E7: (a atividade) “une mais as pessoas [...] tem pessoas que moram do nosso lado e a gente não se dá. Mas aí vem um curso, a gente chama para participar, já vem outra vez visitar, com isso vai crescendo a união [...] aumenta a paz aqui no povo, melhora”</p> <p>E4: “A gente está fazendo um tipo de projeto de uma ajudar a outra. O grupo vai e ajuda uma, o grupo vai e ajuda outra, como era no início e hoje paramos com isso. Mas era muito bom porque ficava tudo organizado, multiplicava muito nessa época”</p> <p>E5: “Quando se trata de associação ou cooperativa aumenta o número de pessoas [...] trabalhar nisso dá muito trabalho para organizar, para manter, então quando se fala em cooperativa ou associação já passa a ter mais um peso. As vendas aumentam porque já se tornam mais pessoas para trabalhar, para organizar, eu acho que daria certo”</p>
Sentimento de pertencimento	<p>E1: “Bem no início eu tive essa ideia de formar uma associação na comunidade, para trazer para cá algum benefício [...] pensei que para cá não tem nada, não tem nada para cá, só tem bar, bar e bar. Aí pensei nisso, convidei algumas pessoas, elas não vieram porque não acreditaram”</p> <p>E1: “Até quem não quis entrar no negócio no início eu apoio, só falto puxar pelo braço</p>

	<p>porque eu vejo que vai ser um crescimento para cá, quanto mais gente estiver trabalhando nesse ramo, eu vejo que a comunidade só tem a crescer, não vou pensar só em mim”</p> <p>E1: “Aqui eu não tenho as flores tropicais [...] Eu falo para o Grupo 2 cuidar, multiplicar que eu ajudo a levar e divulgar. Quando procurarem aqui comigo, ela vai ter. sempre vão levar alguma coisa daqui”</p> <p>E1: Tem gente que vem aqui (pela planta) e já compra hortaliça, pergunta onde tem galinha caipira, a gente já indica. Então melhora com certeza para a comunidade”</p> <p>E1: “O <i>Agente do Poder Público</i> me falou que se eu conhecesse alguém de dentro da comunidade que trabalhe com artesanato, posso convidar (para a feira do produtor”. Uma porta já se abriu, eu já posso levar pessoas que trabalham com outras atividades, então isso vai ajudar sim a comunidade”</p>
Relacionamentos Sociais	<p>E1: “Convidei algumas pessoas (para trabalhar na atividade), elas não vieram porque não acreditaram [...] essas pessoas que não quiseram entrar no começo não têm do que reclamar e acho que não tem coragem de chegar comigo e pedir para entrar”</p> <p>E1: “Já teve um pessoal da Martinica que veio visitar aqui”</p> <p>E5: “O <i>Grupo 1</i> foi uma oportunidade na nossa vida [...] Meu esposo trabalha na Prefeitura por intermédio do <i>Grupo 1</i>. Ele foi procurado para trabalhar como jardineiro para a prefeitura. Hoje ele não trabalha mais nessa área, mas mesmo assim ele está trabalhando lá por causa do <i>Grupo 1</i>”</p> <p>E5: “As pessoas já começaram a nos conhecer mais quando participamos das feiras. Tem muita gente que não participa das feiras, mas a gente sempre participa. A gente fez novas amizades também com outras pessoas que produzem plantas ornamentais, então trouxe muitas oportunidades para a nossa vida sim”</p> <p>E7: “É diferente. Quando a gente trabalhava na roça, lidava só com o pessoal da roça. Com a planta não, já tem aquela facilidade, tem pessoal da roça, pessoal de fora [...] Tem algo a mais”</p>

Fonte: Pesquisa de Campo (2017)

A cooperação entre as produtoras entrevistadas se mostra presente, mas quase que unicamente para obtenção de benefícios pontuais como: divisão de custos com frete; compra de insumos por quantidade; troca de informações sobre novas espécies de plantas; viabilização para participação em feiras, ou até mesmo para interlocução com órgãos governamentais. Lima Júnior et al. (2015, p. 95) relatam que “à parte de algumas regiões (brasileiras), a maioria dos produtores não conta com apoio mútuo para aumentar a capacidade de negociação junto aos fornecedores, agentes compradores e órgãos do governo”, no entanto, para além disso, o real associativismo e o cooperativismo “criariam condições propícias e fundamentais à difusão do conhecimento e de melhores práticas em produção e gestão”.

O sentimento de desconfiança entre os atores transparece em depoimentos das entrevistadas, tanto em relação entre os produtores quanto em relação às ações dos órgãos governamentais. Uma hipótese para explicar este comportamento defensivo é baseada nos

relatos de experiências negativas ocorridas na última década dentro de um grupo de produtores de flores e plantas ornamentais, o maior do município; e também na parceria comercial fracassada que houve com uma cooperativa de um município vizinho.

Apesar das experiências negativas do passado recente, as entrevistadas demonstram reconhecer a importância das associações e grupos organizados para a representação da classe junto perante os órgãos do poder público, e junto aos consumidores e canais de distribuição. Além disso, algumas entrevistadas consideram a cooperação como uma oportunidade de melhorar o ambiente na comunidade, tornando o local mais agradável para todos, sejam produtores ou moradores em geral.

As declarações das participantes dão conta de que o próprio Estado incentiva os produtores a se organizarem em associações e grupos. As entrevistadas relataram existir movimentações em curso para a construção de associações dos produtores de flores e plantas ornamentais e também em parceria com os produtores de chocolate.

A partir do entendimento dos depoimentos, constata-se que esta atividade produtiva se mostra como intensiva em mão-de-obra. Algumas das entrevistadas mostram-se cientes de que a cooperação é uma opção para a melhoria da produtividade, e entendem de que seja algo que pode dar certo em sua comunidade.

Já o sentimento de pertencimento e identidade é um dos princípios que contribuem para o capital social¹² de uma região (JENNINGS; SANCHEZ-PAGES, 2017). Nas entrevistas desta pesquisa foram encontrados indícios da existência deste sentimento no depoimento da Entrevistada 1, quando relata que esta atividade produtiva tem potencial para trazer benefícios não somente para si, mas para a sua comunidade (ver Quadro 13).

Tais relações interpessoais com o público externo são vistas como pontos positivos da atividade produtiva para as entrevistadas. No contexto estudado, as participantes ampliaram seus conhecimentos e habilidades no campo interpessoal. Uma das entrevistadas atribui inclusive a participação do esposo no trabalho com as flores e plantas ornamentais como a oportunidade que gerou sua contratação no mercado de trabalho formal.

Além disso, no campo do relacionamento social dessas produtoras, pode-se dizer que ele se abre para novos círculos e novas realidades; o que pode ampliar a sua visão de mundo e criar novas expectativas para a condição de sua própria vida, de sua família e de sua

¹²Bascolo e Yavich (2016, p. 46) relacionam capital social como “categoría conceptual definida a partir de las relaciones y normas sociales estudiadas y su capacidad de influir sobre las condiciones sociales”. Assim, o capital social pode permitir ou limitar o acesso de indivíduos a diversos recursos, tais como ideias, informações, recursos financeiros, serviços, como resultado do funcionamento das redes sociais e do comportamento dos diversos atores da sociedade civil, privada e governamental.

comunidade; inclusive tendo oportunidades de troca de experiências com pessoas de fora do Brasil.

Quadro 14- Reforços positivos sobre aspectos culturais no âmbito da atividade produtiva de flores e plantas ornamentais

<p>Incentivo governamental para experiências de cooperação</p>	<p>A gente teve uma reunião com a SEDAP com os produtores de flores e de chocolate, a gente se uniu de verdade, estavam vendo a possibilidade de a gente criar uma associação (Entrevistada 1).</p> <p>Já está em andamento. Tudo funciona assim, o vice-governador sugeriu que nós fizéssemos uma associação. Tudo individual dificulta fazer pedido para o governo, já que são tantos produtores (Entrevistada 7).</p>
<p>Reconhecimento de que a oferta adequada de produtos para o mercado necessita de cooperação entre produtores</p>	<p>A procura pelas flores tem aumentado, e a gente tem pouca flor [...]. Ainda é pouco, porque as vezes precisa de muitas flores e como são poucas pessoas que trabalham com isso, a gente acaba não conseguindo corresponder as pessoas que querem comprar (Entrevistada 5).</p> <p>Se tornou mais difícil agora para mim (trabalhar com plantas e flores), porque a gente já não tem a ajuda de pessoas que precisávamos para trabalhar junto, e já não tem [...]. Eu acho que trabalhar individualmente é muito complicado, porque talvez eu não desse conta de separar o que os clientes pedem. Digamos que com algumas pessoas, a gente se une e faz um pacote e está bom (Entrevistada 3)</p>
<p>A experiência de trabalho na área de flores e plantas ornamentais cria oportunidades de ocupação e trabalho.</p>	<p>Este grupo produtivo foi uma oportunidade na nossa vida [...]. Meu esposo trabalha na Prefeitura por intermédio deste grupo. Ele foi procurado para trabalhar como jardineiro para a prefeitura. Hoje ele não trabalha mais nessa área, mas mesmo assim ele está trabalhando lá por causa do grupo (Entrevistada 5).</p>
<p>Trabalhar com flores e plantas ornamentais incrementa e melhora o relacionamento dos produtores com agentes externos à comunidade.</p>	<p>Já teve um pessoal da Martinica que veio visitar aqui (Entrevistada 1).</p> <p>É diferente. Quando a gente trabalhava na roça, lidava só com o pessoal da roça. Com a planta não, já tem aquela facilidade, tem pessoal da roça, pessoal de fora [...] Tem algo a mais (Entrevistada 7).</p>

Fonte: Pesquisa de Campo (2017)

4.2.2.2 Dimensão Psicológica

A satisfação com a vida e a realização pessoal, o bem-estar mental e o sentimento de reconhecimento das entrevistadas foram objetos de análise na categoria psicológica, conforme Quadro 15.

Quadro 15- Dimensão Psicológica

Objeto de Análise	Depoimentos
Satisfação com a vida e realização pessoal	<p>E3: “Gostar eu realmente gosto. Eu gosto sinceramente. Tenho prazer em pegar na terra”</p> <p>E5: “Quando eu vou fazer um arranjo, faço com o maior prazer. Não só por questão de dinheiro, mas é uma coisa que eu gosto mesmo, tenho prazer em fazer os arranjos, cuidar das plantas, e uma coisa muito boa”</p>
Bem-estar mental	<p>E1: “Não e só pelo dinheiro, mas eu acho muito bom trabalhar com planta. Tanto que no começo me ajudou muito, foi na época em que me separei”</p> <p>E3: “A satisfação melhorou muito, eu na idade que estou (70 anos) se eu for ficar dentro de casa, vou pensar em milhares de coisas. Não dou para isso [...] E muito bom estar conversando, trabalhando num tipo de coisa boa, e muito bom participar de feira”</p> <p>E5: “Essa atividade me ajudou muito, eu digo que trabalhar com planta e uma terapia”</p>
Reconhecimento	<p>E4: “Quando surgiu a primeira feira no Hangar, nós fomos participar só para visitar. A gente achou muito importante as pessoas vendendo as plantas. A gente não dava nem valor nas nossas plantas. A gente chegou lá e viu aquilo tudo bonito, as pessoas vendiam, todo mundo comprando”</p> <p>E3: “Já viajamos, a sócia já foi até para a Bahia, já fomos para Holambra, Fortaleza, foi muito bom na época do outro governo. Isso através da associação, do meu trabalho”</p> <p>E1: “Tudo isso para a gente e importante, as pessoas começaram a nos conhecer, veio uma jornalista do Diário do Para, a nossa história saiu na revista Agropará, então é uma coisa legal. As pessoas não podem falar que não dá certo”</p> <p>E5: “Eu participei do concurso para Mulher Empreendedora do Campo, concorri com 540 mulheres e fui a vencedora no Pará. Viajei para Brasília, tudo por causa do trabalho com as plantas, para concorrer pelo prêmio nacional. Tem sido importante para nos esse trabalho”</p> <p>E5: “Depois que eu fui premiada pelo SEBRAE, a gente passou a ser mais conhecido e ter mais apoio até da Prefeitura de Santa Bárbara”</p> <p>E5: “A gente trata bem nossos clientes e nosso produto também agrada [...] A pessoa compra e quando voltam a nos encontrar, diz que a planta está linda”</p> <p>E5: “O trabalho com as plantas tem sido importante para nós, por isso também não penso em desistir. A DAP que é o documento do nosso terreno, temos por causa dessa atividade”</p> <p>E3: “Meu filho diz que não sabe o que ainda faço trabalhando numa coisa que não tem rendimento, mas eu digo que eu gosto, vou todo dia e tenho o maior prazer de estar lá mexendo nas minhas plantas. Eu não abandono, não consigo [...]. Eles (filhos) falam e brigam, mas eu gosto”</p> <p>E3: “Para eles (população) isso aqui não tem valor”</p>

Fonte: Pesquisa de Campo (2017)

Pode-se afirmar que existe unanimidade entre as entrevistadas na satisfação pessoal que possuem em desenvolver este trabalho, pela sua afinidade e gosto com as flores e plantas ornamentais. Adicionalmente, existem diferentes relatos de participantes que acreditam que se beneficiam desta atividade também como uma forma de terapia, e que destacam essa importância em momentos delicados de sua vida como, por exemplo, em caso de separação conjugal, ou como ocupação para manter a mente ativa, de forma a contribuir para a melhoria do bem-estar mental das produtoras.

Já o reconhecimento externo da importância da atividade gera sentimentos positivos para que as entrevistadas mantenham o interesse em continuar desenvolvendo este trabalho; e o inverso também ocorre proporcionalmente, conforme destaques no Quadro 15.

No caso dos reconhecimentos positivos, citam-se: a) que o trabalho desenvolvido nessa área gerou oportunidade de enriquecimento de conhecimentos a partir de concessão de viagens para visitas a centros nacionais de excelência; b) a premiação de uma das produtoras pelo SEBRAE na área de empreendedorismo envolvendo diversas áreas da agricultura, aliado ao destaque regional ganho posteriormente por meio da imprensa local, fatos que deram maior visibilidade ao trabalho feito em Santa Bárbara e, conforme depoimentos, abriram espaço para inclusão da área entre as ações da Prefeitura; c) as produtoras afirmam ter um bom retorno dos clientes sobre a qualidade dos seus produtos.

Em menor frequência, aparecem também depoimentos sobre a falta de reconhecimento da atividade pela parte da família e pela sociedade. Durante a entrevista, uma produtora relata que a família não apoia a sua continuidade na atividade por considerar que o retorno financeiro não é recompensador. Além disso, a mesma participante afirma acreditar que suas vendas diminuiriam porque os consumidores deixaram de valorizar as flores e plantas naturais em detrimento dos produtos artificiais, mais duráveis e econômicos.

4.2.2.3 Dimensão Institucional

A dimensão de análise institucional abrange a percepção das entrevistadas com relação a existência de conselhos democráticos deliberativos e o apoio recebido em recursos financeiros e de pessoal de organizações governamentais e não-governamentais da sociedade em que se inserem.

Quadro 16- Dimensão Institucional

Objeto de Análise	Depoimentos
Existência de conselhos democráticos deliberativos e participação nas decisões que lhes dizem respeito	<p>E1: “Quando precisa pedir cursos a gente fala com o Sr. X que é do Sindicato dos Produtores de Santa Barbara [...] Não tem um específico para os produtores de flores, a gente sempre trabalha em parceria”</p> <p>E3: “Geralmente a SEDAP convoca para uma reunião, agora por exemplo ela convocou um dos produtores para repassar para nós uma técnica que aprendeu com um senhor de Fortaleza. O Agente da SEDAP se preocupa, de vez em quando ele está chamando a gente para uma reunião”</p> <p>E6: “Semana retrasada teve uma reunião de um dia todo, tinha que escolher as prioridades do município, qual atividade estava produzindo mais, no que deveria ser mais investido. Eu sou da agricultura, mas era colocada para falar na parte de logística, para conhecer a parte do outro [...] não podia ficar onde a gente queria”</p>
Recursos financeiros e de pessoal – governamentais e não-governamentais – para apoiar a gestão dos demais itens	<p>E1: “A gente vem tendo apoio nesses anos da EMATER, a Prefeitura não dava tanto apoio assim, mas agora vejo que está dando mais”</p> <p>E1: “Não tenho do que reclamar, a SEDAP dá bastante apoio tanto na área do evento quanto material, se eles tiverem lá, eles sempre liberam [...] ajudam bastante a nossa área. A EMATER também, eu acho que já é mais que trabalho, e amizade [...] Por mais que eles fiquem um pouco ausentes daqui, porque tem muito trabalho por aí, tem o (assentamento) Abril Vermelho, mas mesmo assim tenho muito agradecer”</p> <p>E2: “Se tiver uma feira, e a SEDAP não mandar o transporte, não se vai porque não tem como levar (os produtos)”</p> <p>E2: “A EMATER dá um apoio muito grande para a gente desde que veio para cá e nos descobriu, as meninas não queriam mais plantar porque não tinha para quem vender, aqui é fim de linha. Depois que a EMATER veio e incentivou, ninguém mais parou”</p> <p>E2: “A Prefeitura agora que está começando (a apoiar). A SEDAP já tem uns 3 anos que ajuda a gente, mas é mais a EMATER”</p> <p>E3: “A SAGRI (atual SEDAP) acompanha a gente, desde o início ela nos dá apoio”</p> <p>E6: “A SEDAP doou material para a gente tem uns 15 dias. Para levar planta, levar produtor quando tem evento, SEDAP e EMATER dão apoio. Mandam caminhão, van, vão até lá dentro que é longe, para buscar o produtor. A Prefeitura ajuda quando e feirazinha de um dia. Antigamente eles deram o terreno para a Associação, mas sem documento”</p> <p>E5: “Eu conversei com o secretário municipal de agricultura sobre a irrigação, porque lá na Prefeitura eles tem técnico. Para a gente fazer a irrigação tem que saber como fazer, não é só chegar e esticar uma mangueira, tem que saber a posição da planta, do vento, tudo isso interfere. Daí o secretário falou que na hora em que for fazer a irrigação, eles vão mandar um técnico para dar a orientação de como fazer”</p> <p>E4: “A Instituição 4 não tem feito muita ação para a gente, porque quando a gente vai lá, precisa de alguma coisa, eles nunca podem, nunca tem. Muitas vezes a gente vai atrás de um transporte e não consegue. Esse ano (2016) conseguimos que eles dessem o transporte, porque estava no tempo da política, então foi fácil [...] O agente da Instituição 1 falou que liga para a Instituição 4 para eles nos apoiarem no transporte, mas eu digo que eles não entendem assim, porque nunca podem, nunca tem, o carro está quebrado, a maior dificuldade”</p> <p>E5: “A SEDAP nos dá apoio até hoje, a gente participa de feira uma vez por mês e do Flor Para com o apoio da SEDAP. Com o apoio da EMATER de Santa Barbara a gente já participa de cursos, eles mesmos vem para cá, ajudam no que puderem. E depois que eu fui premiada pelo SEBRAE, a gente passou a ser mais conhecido e ter mais apoio até mesmo da Prefeitura, hoje a gente já participa da feira do produtor”</p>

	<p>E4: “O SEBRAE nos procurou para nos dar um apoio, deram um apoio muito grande, incentivaram todos nos [...] com cursos técnicos, e também conseguiram as primeiras mudas pela Prefeitura”</p> <p>E5: “O SEBRAE apoiou muito no começo, mandava técnico, agrônomo, ia para as feiras, isso ajudou muito. Foi nos anos de 2002, 2003, 2004, foi diminuindo em 2006”</p> <p>E4: “Por enquanto está tendo apoio da EMATER, eles estão ajudando orientando e comprando alguns materiais, porque eu estava sem material [...] quando tem uma feira, eles apoiam, levam nossas plantas, e trazem”</p> <p>E7: “Quando existe uma situação que a gente não consegue lidar, nós procuramos a EMATER. Se eles não tiverem um técnico para isso, vamos atrás da SEDAP, explica a situação, e eles conseguem para a gente uma instrução, um curso”</p> <p>E7: “Já falamos até em reuniões (da SEDAP) que a gente vê que o governo tenta estimular essa parte da floricultura [...]. Agora está começando a melhorar. Dá até vontade de plantar”</p>
--	---

Fonte: Pesquisa de Campo (2017)

As participantes ouvidas durante a pesquisa informaram não haver no município de Santa Bárbara um sindicato específico para os produtores da área de flores e plantas ornamentais. A representação ocorre pelo Sindicato de Produtores Rurais do município que representam todas as áreas desenvolvidas. Pelos depoimentos levantados não existem problemas de relacionamento, ao mesmo tempo em que não foram percebidas participações proativas do sindicato em benefício das produtoras.

As entrevistadas relatam ainda que têm oportunidade de participar de reuniões da área da floricultura que são convocadas pela SEDAP para discutir as ações na área. O Museu Emilio Goeldi também foi citado durante as entrevistas, mas muito pouco. No quadro a seguir, encontra-se a síntese da percepção das entrevistadas quanto à atuação das instituições de apoio mais recorrentes durante as entrevistas.

Quadro 17- Percepção das entrevistadas quanto a atuação das instituições

Instituição de Assistência	Percepção das entrevistadas
Instituição 1	<ul style="list-style-type: none"> • Apoia a atividade há algum tempo; • Não tem tanta disponibilidade de tempo, pois a equipe é pequena para atender o município que também tem outras áreas e atividades carentes da assistência. • Produtores tem fácil acesso aos agentes da instituição em Santa Bárbara; • Apresentou o PRONAF, e auxilia no processo de solicitação; • Geralmente presta apoio com assistência técnica na propriedade; e com a oferta de cursos; • Ocasionalmente presta apoio com doação de materiais;

	<ul style="list-style-type: none"> Ocasionalmente presta apoio em feiras de pequeno ou médio porte, cedendo o transporte dos produtos.
Instituição 2	<ul style="list-style-type: none"> Apoia e acompanha a atividade desde o início no município de Santa Bárbara, em reuniões com as produtoras; Produtores tem fácil acesso aos contatos da área da instituição voltados para a atividade de flores e plantas ornamentais; Presta apoio à atividade com organização de Feiras e Eventos; Auxilia cedendo transporte aos produtores e seus produtos para as Feiras e Eventos do setor; Auxilia ocasionalmente com doação de material; Não obtém sucesso em garantir apoio das demais Instituições para com a atividade.
Instituição 3	<ul style="list-style-type: none"> Começou a valorizar a atividade há pouco tempo. Presta pouco apoio; Tem recursos humanos para apoiar a atividade em assuntos técnicos; Não tem ou não disponibiliza recursos materiais para apoio da atividade; A interação entre os produtores e esta instituição ocorre em função de interesse político em anos de eleição.
Instituição 4	<ul style="list-style-type: none"> Prestou importante apoio no início das atividades no município; Intermediou junto a outras instituições doações para os produtores; Apoiou a atividade com envio de técnicos e agrônomos para orientar os produtores nas propriedades rurais e durante as feiras e eventos.

Fonte: Pesquisa de Campo (2017)

Constata-se que, em geral, as entrevistadas têm uma percepção positiva quanto à atuação das Instituições 1, 2 e 3 quanto ao apoio para o desenvolvimento da atividade produtiva de flores e plantas ornamentais no município de Santa Bárbara. No entanto, a Instituição 4 teve uma avaliação ruim na visão das produtoras participantes.

4.3 Categorias emergentes

Não previstas durante a construção inicial da pesquisa, as categorias emergentes surgem a partir das experiências e relatos dos participantes dentro da realidade daquele recorte espacial e temporal. Nesta pesquisa, destacaram-se os objetos do Quadro 18.

Quadro 18- Categorias emergentes

Objeto de Análise	Depoimentos
Insegurança	<p>E6: “Isso dá até um desgosto na gente. Não pode ter uma venda, se ficar sozinha aqui na frente corre o risco de se ser assaltada. Aí para dentro e uma invasão [...] Bandido, adolescente que usa e vende droga, a polícia vive aí dentro. Já morreram muitos jovens. Quando não é a polícia que mata, um traficante mata o outro”</p> <p>E6: “Até já me roubaram planta, mas é de se roubar todo dia. Acho que é alguém procurando fruta, algo assim...”</p> <p>E6: “O problema que a gente está sentindo muito é de assalto por aqui. A segurança está ruim. Devido a esses ônibus que vem de Belém, o ônibus urbano que entrou aqui. Antes era só para Mosqueiro e a passagem era mais cara. O ônibus veio para melhorar para a população, mas nessa parte não”</p> <p>E6: “Muitos (adolescentes) não querem trabalhar, deixam de estudar, querem dinheiro para comprar droga, e os traficantes viciam eles. Eles ficam acostumados, querem usar, cheirar, aí eles vão roubar”</p>
Incerteza sobre a permanência dos jovens propriedade/ atividade familiar	<p>E3: “ [...] a gente já não tem a ajuda de pessoas que precisávamos para trabalhar junto, já não tem. As pessoas já não querem trabalhar com esse tipo de coisa [...] virar uma cooperativa seria mais difícil, hoje o povo não quer trabalhar nesse tipo de coisa, prefere ganhar aquele salariozinho e o resto está bom”</p> <p>E4: “A gente trabalha junto, eu e meu marido. Tem as minhas filhas que me ajudam, meu genro. Quando eles estão parados eles vem para cá, me ajudam. Quando eles estão empregados, vem só no fim de semana. Quando tem feira, eles vem todos para cá me ajudar”</p> <p>E6: “Eu acho que a maioria (dos jovens) está decidindo estudar para se empregar. Poucos estão na agricultura [...] Os jovens não querem trabalhar em negócio de roça, de agricultura, eles querem trabalhar para a cidade”</p> <p>E6: “Teve um dia de reunião que estavam pedindo umas opiniões de melhorias para cá, que tivessem uns cursos para esses adolescentes, mas não sei, não. Eles não querem nada”</p> <p>E6: “Eu vejo fraco (o futuro dessa atividade). Se ao menos eu tivesse um ou dois filhos que se interessassem em trabalhar ... eu já estou em uma idade, quando eu tiver 80 anos, não vou poder trabalhar aqui fazendo o que eu faço. Se tivesse um dos meus filhos que dessem continuação... nos que fundamos essa associação, fizemos tudo isso para nadar, nadar e morrer na praia? ”</p>

Fonte: Pesquisa de Campo (2017)

A sensação de insegurança e aumento da criminalidade foram temas surgidos durante os depoimentos, trazendo à tona um problema social não exclusivo dos grandes centros urbanos. Os principais problemas apontados foram: insegurança com relação a assaltos e furtos em locais com vendas, caso que se aplica indiretamente as vendas de flores; localização do terreno de um dos grupos de produção fica em local considerado como “área vermelha” com mais ocorrências de crimes; e envolvimento de jovens das redondezas com drogas ilícitas e casos de violência e morte. Minayo, Hartz e Buss (2000, p. 10) relacionam tais problemas no “mundo ocidental” desta forma “é possível dizer também que desemprego, exclusão social e violência são, de forma objetiva, reconhecidos como a negação da qualidade de vida”.

A Entrevistada 6 atribui o aumento da criminalidade à facilidade de acesso ao município que ocorreu a partir da implantação da linha urbana que liga o município de Santa Bárbara a Belém por meio de ônibus. Para a participante da pesquisa, a linha, que tinha o objetivo de melhorar a integração das cidades, principalmente para os trabalhadores que fazem esse percurso diariamente, também facilitou o trânsito de criminosos que tem agido “livremente” no município.

Lima Júnior et al. (2015, p. 30) declaram que “o setor é intensivo em mão de obra e contribui para a retenção da população no meio rural”. No entanto, durante as entrevistas ficou constatado um fator de preocupação em depoimentos sobre a continuidade da atividade agrícola como um todo no município. Há casos em que se relata precisar de pessoas para trabalhar na produção das flores e plantas, para aumentar a produtividade e fortalecer o grupo a partir de uma cooperativa. No entanto, isto não tem ocorrido em virtude do desinteresse pelo trabalho na agricultura, ou mesmo pelo trabalho (estes envolvidos em criminalidade). Para outras entrevistadas, os jovens têm mais interesse em estudar para trabalhar na cidade, enquanto outros preferem trabalhar empregados, mesmo que para ganhar pouco.

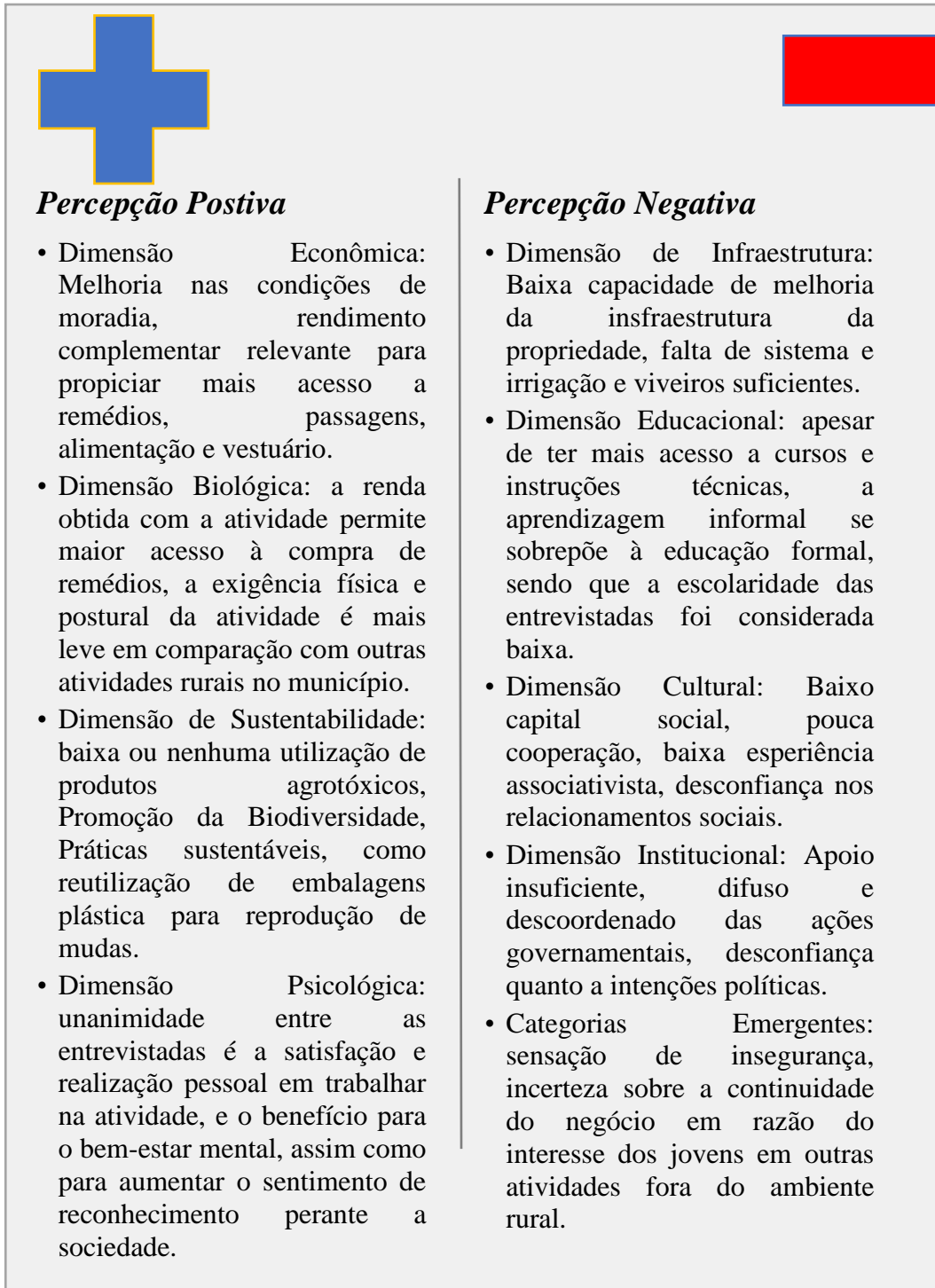
Essas leituras da realidade expõem uma insatisfação e mesmo apatia de algumas entrevistadas quanto ao futuro da atividade. A Entrevistada 3, por exemplo, afirma com um tom de revelia que “povo não quer trabalhar nesse tipo de coisa, prefere ganhar aquele salariozinho e o resto está bom”. A Entrevistada 6 se preocupa, ponderando: “Se tivesse um dos meus filhos que dessem continuação (à atividade)... nós que fundamos essa associação, fizemos tudo isso para nadar, nadar e morrer na praia?”. Com menos pesar, a Entrevistada 4 constata que o desenvolvimento da atividade na propriedade se dá com o auxílio dos filhos somente aos fins de semana ou quando estes estão sem emprego fixo.

4.4 Síntese do capítulo

Foram consideradas validas para análise 7 entrevistas, sendo que todas as participantes foram agricultoras familiares do gênero feminino, que declararam que a renda obtida da atividade produtiva de flores e plantas ornamentais é complementar à renda principal da família. A média de idade das entrevistadas ficou em 47 anos, a escolaridade declarada foi baixa, variando de ensino fundamental incompleto até o ensino médio completo. A área das propriedades em Santa Bárbara ficou bastante similar à média de propriedades encontradas em outros estudos nacionais, entre 1,82 e 1,9 hectare.

A percepção das entrevistadas a respeito dos impactos que a atividade de flores e plantas ornamentais tem em sua qualidade de vida é apresentada na Figura 9.

Figura 9- Impactos da atividade de flores e plantas ornamentais para a qualidade de vida das produtoras



Fonte: Pesquisa de campo (2017)

5 DISCUSSÃO

Nesta seção serão apresentados um breve histórico do início das atividades no município e a discussão sobre as contribuições e os limites desta atividade produtiva para o desenvolvimento local de Santa Bárbara e para a qualidade de vida dos agricultores familiares. Tais temas serão analisados a partir dos depoimentos dos próprios produtores e à luz das teorias que auxiliaram a pesquisadora a compreender a realidade estudada.

5.1 Breve histórico

O prelúdio da atividade produtiva comercial das flores e plantas ornamentais no município de Santa Bárbara foi aparentemente induzido, diferente de outras regiões do país onde a atividade florística se desenvolveu a partir de tradições culturais de imigrantes holandeses ou japoneses (TSUBOI; TSURUSHIMA, 2009; LIMA JUNIOR et al., 2015). As produtoras entrevistadas não citaram tais influências de possíveis ascendências estrangeiras, mas sim uma política de fomento para a área iniciada nos primeiros anos da década de 2000, que, segundo os relatos desta pesquisa, envolveu principalmente o SEBRAE, e a Prefeitura do Município de Santa Bárbara.

No início das atividades, o SEBRAE cumpriu papel essencial para criar a governança do negócio. De um lado, tratando pessoalmente com os agricultores familiares com técnicos e agrônomos que ofereciam cursos e instruções *in loco*, e também voltadas para as oportunidades de negócio identificadas no local. Por outro lado, o SEBRAE contou com apoio da prefeitura do município, com quem intermediou a doação das primeiras mudas a serem cultivadas e, posteriormente, a cessão de terreno para instalação de uma associação da área.

Quadro 19- Depoimentos sobre o início da atividade comercial

Depoimentos sobre o início da atividade comercial	Vim morar em Santa Bárbara, aí apareceu o SEBRAE conversando conosco, conversamos na Prefeitura, e acertamos trabalhar com flores (Entrevistada 3)
	O SEBRAE nos procurou para nos dar um apoio. Nos deram um apoio muito grande, incentivaram, até o nome da Tropisan foi a parte do SEBRAE que criou, não fomos nós que criamos, então depois disso ficamos trabalhando direto na atividade (Entrevistada 4)

Fonte: Pesquisa de Campo (2017)

Há depoimentos que contam que, anteriormente à chegada do SEBRAE em Santa Bárbara, o cultivo de flores e plantas ornamentais não ocorria por motivos comerciais, mas sim por gosto pessoal de parte de agricultores, como a Entrevistada 2 que diz: “Eu plantava só para enfeitar o quintal, eu sempre gostei”, ou a declaração da Entrevistada 4: “Quando surgiu a primeira feira no Hangar, nós fomos participar só para visitar. A gente achou muito importante as pessoas vendendo as plantas. A gente não dava nem valor nas nossas plantas. A gente chegou lá e viu aquilo tudo bonito, as pessoas vendiam, todo mundo comprando”.

A despeito do fato de que a agricultura familiar esteja bastante presente na região, a atividade florícola comercial se deparou (e ainda encontra resistência) com os mesmos problemas de reconhecimento do trabalho que já foram relatados por Tsuboi e Tsurushima (2009) no contexto do Estado de São Paulo. Os autores explicaram que a cultura de flores levou ainda mais tempo que a horticultura ou fruticultura para ser elevada à condição de agricultura, tendo sido considerada como uma atividade realizada como passatempo e entretenimento para quem cultivava; e somente a partir da profissionalização e crescimento da atividade a nível regional e nacional, já na década de 1970, é que a floricultura foi sendo devidamente reconhecida como negócio na região sudeste do país.

No caso de Santa Bárbara, ainda em tempos atuais, por exemplo, a Entrevistada 5 revela sua opinião a respeito da postura de outros produtores da localidade: “é bem competitivo a gente com os outros produtores, a partir de quando a gente colocou (o grupo produtivo) como um negócio mesmo, para vender. A gente começou a ter sucesso, e os outros produtores daqui da localidade não viam como um negócio, às vezes não acreditavam no projeto”. Esta contraposição de visões a respeito da natureza da atividade também poderá ajudar a explicar, mais adiante, uma das limitações da cadeia produtiva.

As produtoras que trabalham desde a época inicial dos anos 2000 relatam que a orientação recebida pela equipe do SEBRAE se estendeu: a) desde as instruções técnicas nas propriedades; b) passando pela mobilização de diferentes agricultores e demais pessoas interessadas na atividade para se unirem em cooperação; c) até ao apoio desse grupo durante a sua participação em feiras e eventos do setor; e durou até por volta no ano de 2006.

Por volta de 2006, segundo as entrevistadas, houve um afastamento do SEBRAE no apoio aos produtores do município de Santa Bárbara. Em seguida, os depoimentos mostram que, na mesma época, também houve dispersão entre os trabalhadores sócios da principal associação anteriormente formada com o apoio do SEBRAE e da Prefeitura. Este fato constitui mais uma vez o obstáculo da descontinuidade das políticas públicas, já apontada e criticada anteriormente por Cassiolato e Lastres (2003), Costa et al. (2010) e Vidal (2011).

O Estado se retirou de cena antes que a sociedade estivesse madura o suficiente para prosseguir com o andamento do negócio. Os trabalhadores tiveram e ainda mostram ter dificuldades em se profissionalizar, obtêm menores lucros que no início e podem sentir que foram “esquecidos” pelos antigos apoiadores. A baixa escolaridade encontrada entre as entrevistadas parece comprovar este quadro de baixa capacitação do produtor, obstáculo que já foi apontado também por Bliska Júnior e Ferraz (2012) como dificuldade para a evolução de alguns produtores do setor, e por Santana (2014) como dificuldade para o desenvolvimento da região norte do Brasil. No contexto da presente pesquisa, o baixo capital social encontrado entre os agricultores do município foi decisivo para a lenta evolução (ou mesmo para a regressão) do setor.

A cooperação recente mencionada pelas produtoras entrevistadas tem representado a união de produtores, por vezes de diferentes setores, que se juntam para entre outras coisas: contratar fretes para participar de eventos e feiras, solicitar apoio e doações diversas para órgãos governamentais, solicitar a oferta de cursos e instruções dentro do tema da atividade rural, troca de informações sobre técnicas de melhor cultivo e multiplicação de espécies e troca de mudas.

A realidade contada durante os depoimentos, os números oficiais (tabelas 1 e 2 deste trabalho), e a observação da pesquisadora, revelam que o município estudado carece de um desenvolvimento voltado para a melhoria do bem-estar e qualidade de vida da população, e o papel desta pesquisa se propõe a expor as limitações e contribuições da atividade produtiva de flores e plantas ornamentais para esse processo. Para Lima Junior et al. (2015, p. 98) o desenvolvimento das cadeias produtivas não pode ser “conquistado” apenas por medidas governamentais, mas “é de extrema importância que as organizações de interesse coletivo e os agentes que exercem ou apoiam a governança das cadeias produtivas sejam capazes de unificar, apresentar e cobrar as suas reivindicações frente ao poder público”.

Lima Junior et al. (2015, p. 20) dividem para fins de análise e comparação, os produtores de flores e plantas ornamentais no Brasil em três grupo, conforme a seguir:

- (i) produtores em cooperativas de comercialização, (ii) produtores dentro das centrais de distribuição público ou privadas e (iii) produtores independentes. [...] Já os produtores independentes, são aqueles que vendem para outros produtores ou diretamente para o consumidor do seu produto.

Os produtores observados no município de Santa Bárbara, no presente caso, seriam considerados como produtores independentes. Ainda para os autores, tais trabalhadores, dos três grupos, são o que têm “menor poder institucional e menor acesso à tecnologia de

produção e gestão do seu negócio”, o que resulta também em menor produtividade por hectare (comparada aos demais grupos do mesmo setor), e menos controle e registro sobre a sua própria produção (LIMA JÚNIOR et al., 2015, p. 20). Dentre os motivos citados pelas entrevistadas para a venda direcionada para os consumidores finais, está a razão econômica, pois em eventos e feiras elas conseguem vender os produtos por valores mais altos, mesmo mantendo um plantio diversificado de espécies.

Constata-se que a governança da cadeia fica comprometida quando os produtores locais de Santa Bárbara têm como principais compradores os consumidores finais, visto que não tem condições de atender aos canais de distribuição do atacado e varejo e os prestadores de serviço. Quando ocorre essa negociação com os canais de distribuição ou seus intermediários, são esses que determinam o valor do produto e não o produtor, ou mesmo um sistema de classificação previamente instituído. Isto ocorre pois, na prática, as flores e plantas ornamentais acabam por se comportar como *commodities*¹³ (SEBRAE, 2015, p. 11), sem diferenciação que entre produtos ou marcas, e sujeitos “à exacerbação da concorrência e à canibalização de preços, entre outros aspectos perversos do mercado”.

Quadro 20- Depoimentos sobre o relacionamento com os canais de distribuição

Depoimentos sobre o relacionamento com os canais de distribuição	A planta que a gente vende aqui (na propriedade) por R\$3,00, na loja a gente acha por R\$15,00, R\$25,00. Meu Deus do céu, que coisa! (Desapontamento). (Entrevistada 4).
	Vender muito barato (para o lojista) não vale a pena [...] A gente se guarda mais para as feiras, porque na feira a gente sabe que tem um retorno. Lá a gente vende bem vendido e aqui na propriedade não. Quando eles vem aqui dizem que gasta gasolina, essas coisas, e “chororô”. A gente acaba vendendo o que eles querem. (Entrevistada 4).

Fonte: Pesquisa de Campo (2017)

Tal situação resulta em queixas dos produtores por conta da desvalorização que sentem do seu produto mas, muitas vezes, tais produtores acabam aceitando tomar o preço para concluir a venda. Importante destacar, neste caso, os compradores assumem um lugar de poder de decisão econômico bem superior ao dos produtores, e que tais negociações

¹³*Commodities*, para Porto e Milanez (2009), são mercadorias produzidas em grande quantidade e que podem ser mundialmente comercializadas; se caracterizam por terem seus valores definidos pelo mercado, e pelo seu baixo valor agregado.

permanecem na informalidade, criando um ciclo vicioso de baixa competitividade para os produtores locais.

Bliska Junior e Ferraz (2012) atribuem esta perda de competitividade de pequenos e médios produtores de flores e plantas ornamentais, no Brasil, a uma limitada capacidade de gestão, que se mostra insuficiente para planejamentos de médio e longo prazo. Os autores citam dois cenários para esses tipos de produtores: a) eles trabalham para atender a demanda do mercado interno, e conseguem obter lucro, mesmo considerando que o consumo *per capita* brasileiro ainda é baixo; e b) quando a produção visa atender apenas o mercado interno, ela não evolui em qualidade da mesma forma quando é orientada a acompanhar o mercado externo.

Por fim, Lima Junior et al. (2015, p. 98) defendem que as estratégias definidas para a cadeia produtiva (de flores e plantas ornamentais) sejam compatíveis com a realidade dos agentes envolvidos, com foco em “ações que estão a próprio alcance” para buscar o crescimento da atividade. Nos tópicos a seguir, a discussão das limitações e contribuições da atividade produtiva pesquisada adota o tom preconizado por Lima Junior et al. (2015, p. 98), que defendem “os esforços para sustentar os pontos fortes e fortalecer os pontos fracos do setor privado, porém sem deixar de lado a sua importante função de dialogar com o poder público”

5.2 Limitações da atividade produtiva

No quadro 21 encontram-se, de forma sintética, as características limitantes da atividade produtiva de flores e plantas ornamentais para o desenvolvimento local do município de Santa Bárbara, pela perspectiva das produtoras locais.

Quadro 21- Limitações da atividade produtiva sob a perspectiva dos produtores

Codificação	Depoimentos
Cooperação frágil	<p>E1: “Convidei algumas pessoas (para trabalhar na atividade), elas não vieram porque não acreditaram [...] essas pessoas que não quiseram entrar no começo não têm do que reclamar e acho que não tem coragem de chegar comigo e pedir para entrar”</p> <p>E4: “Trabalhamos uns 4 anos na associação, depois debandamos, porque não deu mais certo. Foi a desunião mesmo que nos fez sair. Nessa época a gente vendia planta. Quando começou a entrar dinheiro começou a confusão: um queria mais que outro”</p> <p>E4: “na associação não gostei de trabalhar, dá muito problema, muita confusão”</p> <p>E6: “Tem umas aqui que não querem aprender. A gente tenta colocar na cabeça das nossas sócias, mas como elas tem na cabeça aquela mesmice, só querem saber de fazer do jeito delas”</p>

Fatores externos atrapalham o negócio	<p>E3: “Foi diminuindo a procura, não sei a situação de cada uma, mas eu digo que é por causa do surgimento desse tipo de flor artificial [...]. Eles (consumidores) acham que essas flores artificiais duram mais tempo, eles preferiram isso”</p> <p>E3: “Eu nunca ouvi dizer que nossa planta não fosse de qualidade, mas o para o povo acha que falta dinheiro para comprar [...]. Eu não sei te dizer como eu vejo o futuro daqui para frente, devido essa crise que nós estamos passando”</p> <p>E3: “Devido a situação que esta, o povo prefere comprar comida, alimento, do que comprar planta”</p>
Rendimento financeiro se tornou inferior ao do início da atividade	<p>E3: “Já foi bom na época em que começamos (década de 2000), porque eram poucas pessoas que vendiam [...] As tropicais saiam muito, vinha gente de Benfica e de Belém pegar aqui”</p>
Baixa de capacidade de atender a demanda dos canais de distribuição	<p>E1: “Tem algumas pessoas que vem aqui e perguntam se a gente entrega, as vezes não se vende por causa disso”</p> <p>E2: “A gente aqui tem que esperar a oportunidade de levar o nosso produto, se tem uma feira e a SEDAP não mandar o transporte, não tem como levar”</p> <p>E3: “Nós chegamos em uma época a vender para os supermercados, mas a nossa maior dificuldade era que a gente não tinha nota fiscal”</p> <p>E4: “Com as empresas a gente não está vendendo porque a gente não tem a nota fiscal que e preciso [...]. Eles só poderiam comprar nossas coisas se nós tivéssemos uma nota que eles tem que levar para apresentar. Como a gente não tinha, perdemos essa venda com eles”</p> <p>E4: “Tem gente que vem pedir de muitas mudas [...], mas eu ainda não posso vender, porque eu ainda tenho poucas, tem que multiplicar muito”</p> <p>E5: “Às vezes precisa de muitas flores, e como são poucas pessoas trabalhando com isso, a gente acaba não conseguindo corresponder as pessoas que querem comprar”</p> <p>E6: “Como a nossa área não tem irrigação e no verão se precisaria muito aqui, conforme vamos perdendo as touceiras, vamos perdendo as flores. Quando eles vem procurar para comprar a gente não tem a quantidade adequada para servir as pessoas que pedem”</p> <p>E6: “ [...] já tentamos plantar sorriso-de-maria e ainda não conseguimos levantar. O pessoal procura bastante flor para funerária e não tem”</p>
Falta de infraestrutura adequada	<p>E2: “Quando chega o verão e um trabalho muito grande para molhar”</p> <p>E3: “A gente precisava de um poço para poder fazer a irrigação [...]. No verão e complicado, porque com as tropicais plantadas lá atrás (do terreno) se torna difícil por não ter a irrigação”</p> <p>E6: “Como a nossa área não tem irrigação e no verão se precisaria muito aqui, conforme vamos perdendo as touceiras, vamos perdendo as flores. Quando eles vem procurar para comprar a gente não tem a quantidade adequada para servir as pessoas que pedem”</p>
Dependência de ações/doações de órgãos governamentais	<p>E2: “Planta tem, agora não tem como levar ela para fora para vender. Tem as feiras, mas as vezes e difícil o transporte”</p> <p>E3: “A gente precisa de apoio (para fazer o poço e a irrigação). Hoje como está a situação não tem condições”</p> <p>E2: “Se tem uma feira, e a SEDAP não mandar o transporte, não tem como levar”</p>
Desconfiança quanto às ações governamentais	<p>E2: “Para falar a verdade eu nem sei no que a prefeitura investe, eu sei que investe muito em negócio de festa, festa junina, festa de São Sebastiao, carnaval, essas coisas”</p> <p>E3: “Ela (a prefeitura) que nos cedeu, nos deu o terreno, mas só fez dar de boca, porque o prefeito não repassou o documento [...] chamaram para dar um documento valendo por 10</p>

	<p>anos. Eu tenho essa impressão que depois desse tempo, eles tomam o terreno”</p> <p>E3: “a gente não fez esse orçamento, mas não tem apoio da prefeitura”</p> <p>E4: “a prefeitura não tem feito muita coisa pela gente, quando a gente precisa de alguma coisa, eles nunca podem, nunca tem”</p>
--	---

Fonte: Pesquisa de Campo (2017)

- **Cooperação frágil:**

Da cooperação entre as produtoras entrevistadas no município, pode-se constatar que se trata de uma articulação incipiente, em prol de se conseguir acesso a benefícios pontuais para seus grupos, como a cessão de transporte, doação de materiais, ou oferta de cursos rurais. Houve uma experiência de associação com um número de produtores que chegou a 35 pessoas, porém a falta de entendimento entre os associados sobre a repartição dos lucros e as obrigações individuais para com o grupo parecem ter sido essenciais para o seu esvaziamento.

Tal experiência aumenta a compreensão de resistência de parte das trabalhadoras. A Entrevistada 1 explicou que ao chamar pessoas da comunidade para formar um grupo produtivo, houve certa recusa, pois “as pessoas não acreditavam”. A Entrevistada 1 continua dizendo que, posteriormente, tais pessoas começaram a perceber que o negócio começava a gerar resultados positivos, porém ficaram constrangidos de voltar atrás e pedir para fazer parte do mesmo grupo. Isto pode demonstrar que havia na comunidade uma descrença no potencial de sucesso daquela atividade.

Nos grupos já formados também puderam ser percebidas divergências internas quanto às decisões sobre o modo de produção e mesmo a definição de preços de venda. O modo de produção adotado em quase todos os grupos foi o de cultivo de variedade de espécies em pequenas quantidades. Somente uma produtora declarou que, em sua propriedade, começou a se especializar no cultivo de apenas uma espécie, um produto-chave. Este último caso se aproxima do resultado que se encontra no estudo de Lima Júnior et al (2015, p. 96) que explica que atualmente no Brasil há um “maior número de produtores se especializando em baixo número de espécies, buscando assim obter maiores escalas de produção mediante o aumento nos custos e maior poder de barganha na comercialização dos próprios produtos”.

- **“Fatores externos atrapalham o negócio”**

No depoimento da Entrevistada 5, ela relata que a população do município começou a entender só mais recentemente a atividade como um negócio. Esta falta de visão de mercado passa a influenciar a avaliação do produtor quanto ao seu lugar na cadeia produtiva, o que

pode ter feito algumas entrevistadas acreditarem que são principalmente fatores externos que atrapalham a lucratividade de sua produção, e não o tipo de oferta que oferecem para o mercado. Os fatores externos citados nas entrevistas foram: a crise econômica nacional que diminuiu o interesse do mercado interno pelas flores e plantas ornamentais, e também uma suposta predileção do consumidor pela alternativa das flores e plantas artificiais.

Fato é que uma crise econômica pode mudar o comportamento do consumidor, principalmente em relação a um produto que não é considerado gênero de primeira necessidade, caso das flores e plantas ornamentais. No entanto, mesmo nesse tempo, a demanda interna de Belém continua, da mesma forma, sendo atendida pela produção que vem do sudeste do país; enquanto os produtores locais ainda não conseguiram estabelecer uma relação comercial sólida com os canais de distribuição.

- **Rendimento financeiro se tornou inferior ao do início da atividade**

As produtoras que trabalham no negócio há mais de 10 anos, durante o decorrer da pesquisa, se queixaram de que, comparativamente, o rendimento financeiro atual se tornou inferior ao percebido no começo da atividade. Situação esta que também foi identificada por Lima Junior et al (2015, p. 93) em seu estudo nacional do setor: “Os produtores brasileiros têm experimentado uma redução nos níveis de rentabilidade do negócio, o que coloca em ameaça a sustentabilidade econômica e financeira do setor, em especial a dos micro e pequenos produtores”.

Para os autores (LIMA JUNIOR et al., 2015), os fatores que concorrem para isso são a) o valor de mercado do produto não acompanhou o aumento dos custos de produção; b) o mercado brasileiro encontra dificuldade em definir preços das flores e plantas ornamentais com base na sua qualidade, permitindo que os produtores com melhores produtos possam cobrar mais; e c) o mercado de flores e plantas ornamentais sofre com a depreciação, por conta da sua alta margem de informalidade. No caso de Santa Bárbara, as entrevistadas acreditam que quando começaram a produzir nos anos 2000, havia muita procura pelas flores e plantas ornamentais, mas pouca produção local, e por isso não tinham dificuldades com a venda, pois os compradores do varejo compravam os produtos e muitas das vezes se responsabilizavam pela retirada na própria propriedade. Atualmente as produtoras identificam que há outras opções de produção local nos municípios de Benevides e Marituba, que estão posicionadas mais próximas da capital e que tem melhores meios para abastecer este mercado.

- **Baixa de capacidade de atender a demanda dos canais de distribuição:**

A venda da produção local do município de Santa Bárbara está voltada principalmente para as feiras (consumidor final) e muito pouco ou nada para o varejo, atacado (canais de distribuição) e empresas de decoração e paisagismo (prestadores de serviços). As negociações de produtos que requeiram certa quantidade até se concretizam ocasionalmente, mas somente mediante encomenda.

A produção local continua pouco profissional, com baixo emprego de tecnologias e infraestrutura insuficiente, além disso, não tem seguido a tendência de mercado – apontada em estudos de Althaus-Ottman et al (2008) e Lima Junior et al (2015) – para a especialização de cultivos em poucas espécies. Esta realidade contribui para que os custos da produção se mantenham elevados. Nesta mesma linha, segundo Bliska Junior e Ferraz (2012, p.532), no cenário brasileiro do setor, a maior parte desses produtores rurais gere o negócio de forma intuitiva, sem conhecimento ou utilização de técnicas de gestão, “apesar da larga experiência técnica no cultivo de flores, resultado de anos de trabalho”.

- **Falta de infraestrutura adequada**

As produtoras entrevistadas relataram uma enfraquecida capacidade de atender aos pedidos tanto por falta de quantidade de produtos quanto pelos custos de produção que, elevados, encarecem o produto. Esta dificuldade chega ao ponto de impossibilitar que esse produtor arque com o custo de frete para entrega das flores e plantas ornamentais até o comprador, pois o valor final não daria lucro, ou não teria condições de competir com os valores de mercado praticados.

A partir da pesquisa realizada, identificaram possíveis motivos para esta situação: a) a ausência de sistemas de irrigação, que diminui a capacidade de cultivo e gera perda de touceiras e mudas, principalmente das espécies tropicais; b) a dificuldade de mobilidade dos produtores com propriedades rurais em comunidades mais afastadas do centro da cidade, por conta das condições da estrada de acesso e da falta de linha de transporte público. Realidade que contribui para a impossibilidade de pleno atendimento da demanda dos canais locais de distribuição da cadeia produtiva e relegam os produtores locais a uma posição desprivilegiada.

- **Dependência de ações/doações de órgãos governamentais:**

Há diferentes versões entre os entrevistados sobre a sua relação com os órgãos governamentais. Algumas avaliações são mais positivas, outras mais negativas. No entanto, em grande parte dos discursos encontra-se uma situação de dependência de apoio governamental. Esta forma de apoio não se trata, como seria próprio, da articulação de agentes da cadeia ou discussão de projetos de incentivo a atividade; mas de doações de material e insumos, e cessão de carros e caminhões para realizar o transporte de produtos e produtores para feiras e eventos. A partir dessa leitura, entendem-se tais ações como um reforço de uma produção local com foco em vendas pulverizadas, com relacionamento direto com os consumidores finais; e informal, visto que para este tipo de negociação não se faz essencial a emissão de nota fiscal.

Por outro lado, o Estado também se mostra ineficiente em dar suporte aos produtores locais, permitindo assim que as flores e plantas ornamentais oriundas de Holambra (SP) dominem as vendas no mercado local, na medida em que exerce uma política de controle enviesada para a ponta da cadeia produtiva. Se não, veja as entrevistadas que se queixam de terem deixado de fornecer seus produtos para redes de supermercado da capital, Belém, pois esses canais se recusam a continuar a comprar tais produtos sem a devida emissão da nota fiscal. Este tipo de medida ocorre após tal negociação ser objeto de fiscalização dos órgãos de controle do Estado. Não se trata aqui de dizer que o Estado não deveria exigir tal documentação e, conseqüente, recolhimento dos devidos impostos, mas sim que, ao fazê-lo, também agisse ofertando condições para formalização dos produtores locais, que sem essa possibilidade se encontram à margem da cadeia produtiva, atuando na informalidade.

- **Desconfiança quanto às ações governamentais:**

O relacionamento de parte das entrevistadas com as diferentes esferas governamentais e os órgãos de apoio e assistência técnica é marcado pela desconfiança quanto ao cumprimento das ações propostas por esses órgãos aos produtores. Dentre as situações expostas nas entrevistas destacam-se: a) que existe a visão, entre parte das entrevistadas, de que os políticos se aproximam dos produtores de flores e plantas ornamentais com fins eleitoreiros; b) que as diferentes esferas do governo não mantêm entendimentos claros a respeito do papel de cada um no suporte e incentivo a esta atividade produtiva.

As motivações expostas mostram que o sentimento de desconfiança ainda persiste entre os atores locais, e que ainda falta coerência nas ações internas do governo. Pois constata-se que, por um lado, busca estimular a atividade e, por outro, não se oferece suporte

para a governança da cadeia, e ainda reforça a marginalização dos produtores locais por conta da falta de formalização.

5.3 Contribuições para o desenvolvimento local

No quadro 22 encontram-se, de forma sintética, as características da atividade produtiva de flores e plantas ornamentais que contribuem para o desenvolvimento local do município de Santa Bárbara, pela perspectiva das produtoras locais.

Quadro 22- Contribuições para o desenvolvimento local sob a perspectiva dos produtores

Codificação	Depoimentos
Existe apoio governamental	<p>E2: “A Prefeitura agora que está começando (a apoiar). A SEDAP já tem uns 3 anos que ajuda a gente, mas é mais a EMATER”</p> <p>E5: “A SEDAP nos dá apoio até hoje, a gente participa de feira uma vez por mês e do Flor Para com o apoio da SEDAP. Com o apoio da EMATER de Santa Barbara a gente já participa de cursos, eles mesmos vem para cá, ajudam no que puderem. E depois que eu fui premiada pelo SEBRAE, a gente passou a ser mais conhecido e ter mais apoio até mesmo da Prefeitura, hoje a gente já participa da feira do produtor”</p> <p>E7: “Quando existe uma situação que a gente não consegue lidar, nós procuramos a EMATER. Se eles não tiverem um técnico para isso, vamos atrás da SEDAP, explica a situação, e eles conseguem para a gente uma instrução, um curso”</p> <p>E7: “EMATER sempre abre espaço para a gente”</p> <p>E7: “Já falamos até em reuniões (da SEDAP) que a gente vê que o governo tenta estimular essa parte da floricultura [...]. Agora está começando a melhorar. Dá até vontade de plantar”</p>
Oportunidade de negócio	<p>E1: “Antes as plantas não eram tão valorizadas, as envasadas, mas agora está havendo mais aceitação [...]. Acredito que vai melhorar, porque conheço alguns produtores que já estão vendendo muito, já conseguiram muita coisa, e cuja renda principal já vem disso”</p> <p>E1: “O público tem se interessado mais, e desde o ano passado (2016), a SEDAP teve essa ideia de fazer o Florcolate, com flores e chocolate (na praça Batista Campos, Belém) [...]. A gente vem fazendo isso e vem dando certo”</p> <p>E1: “De Holambra as plantas vem muito baratas, barato mesmo, só que muita gente fala para a gente que não gostam de comprar dessas, porque morrem logo. A gente leva para casa, e com 3 dias está morta. Elas (plantas de Holambra) sentem o clima daqui”</p> <p>E5: “a gente começou a cultivar para vender, viu que era um negócio que poderia dar certo”</p> <p>E7: “Pelo o que as pessoas conversam com a gente, elas preferem as plantas que são aqui do Estado, elas perguntam se é daqui mesmo e compram, porque acham que a de fora não tem resistência”</p> <p>E5: “A vantagem de Santa Bárbara é porque é passagem de quem vem de Belém para Mosqueiro, as pessoas gostam das plantas e tem facilidade de chegar até nos”</p> <p>E5: “Pode ser um prédio, pode ser qualquer lugar, mas tem que ter uma planta, porque planta melhora o ambiente, ela harmoniza. Então eu vejo que poderia melhorar muito se eles (da prefeitura) investissem fazendo jardim nas praças, ajeitando as escolas. O</p>

	<p>prefeito já procurou a gente [...]. Ele pretende ajeitar tudo isso e investir nessa parte”</p> <p>E7: “O clima daqui ajuda muito nas plantas [...] saiu da cidade e entrou aqui na comunidade, já sente a diferença”</p> <p>E7: “Essa feira (da prefeitura) que está começando, acho que vai dar certo e vai crescer mais”</p> <p>E7: “a agricultura deveria ser o forte de Santa Bárbara que é um lugar pequeno”</p>
Empreendedorismo	<p>E5: “Trabalhar mesmo a gente trabalha desde criança [...]. Depois a gente já começou a cultivar para vender, viu que era um negócio que poderia dar certo”</p> <p>E7: “Para mim não é novidade, porque eu cresci no meio a floricultura. Mas muita gente acha que não faz parte da agricultura familiar. Entende como um gosto da pessoa, não que a gente pode fazer disso um empreendimento. Mesmo que seja pequeno, mas a gente ganha espaço [...] só agora que as pessoas estão entendendo”</p> <p>E7: “Nós temos força de vontade. Acreditamos que vamos ganhar espaço e conseguir levar para fora, para Belém, outro Estado”</p> <p>E7: “Estamos precisando fazer uma estrutura para exposição das plantas, estamos na luta para conseguir. Antes isso se conseguia com facilidade, mas com a crise..., mas quem vencer na crise não é, vamos conseguir”</p> <p>E5: “Nossa comunidade tem pontos turísticos: tem balneário, tem as flores, tem artesanato”</p>
Rendimento financeiro tem importância no orçamento familiar	<p>E2: “Muitas pessoas vem aqui (comprar a planta) e já levam polpa, porque a gente também trabalha com polpa de fruta [...] também tem a galinha que eu crio. Aí eles já levam a planta, levam a galinha, levam a polpa de cupuaçu. Me ajuda bastante, porque uma coisa puxa a outra”</p> <p>E1: “O período que dá melhor para a gente e do Flor Pará. Aí dá para tirar um bom dinheirinho e comprar alguma coisa”</p> <p>E1: “Meu pai tem o dinheiro dele todo mês, mas com as feiras já dava para ir ajudando na passagem do ônibus, no remédio que faltou, e um complemento e ajudou muito”</p> <p>E1: “Agora está melhor (o lucro). Na verdade, eu acho que o que ajudou muito foram essas feiras que antes não tinham. Com as feiras, a gente tem vendido mais”</p> <p>E2: “Cada vez mais vai melhorando (o rendimento), porque antes não tinha essas feiras. Elas vendiam, mas era bem lentamente, só vendia aqui na propriedade [...] Outra venda boa é a do Flor Pará, em 3 dias elas fazem R\$3.000, R\$2.500, uma feira que e só sexta, sábado e domingo”</p> <p>E5: “Ele (o rendimento) tem melhorado [...] A gente tem aumentado as oportunidades de venda, porque antes a gente só participava da Feira do Flor Pará. Hoje a gente já participa da Feira Rural, participou do Sábado Rural que teve na CEASA (Belém), do Flor Pará uma vez por ano, e na Feira de Santa Bárbara todo final de semana [...] A gente melhorou porque aumentaram as feiras, aumentaram as vendas”</p> <p>E4: “De positivo tem que é uma renda a mais que entra no nosso dia a dia, e é bom”</p> <p>E5: “Não tem sido a principal (renda), mas ajuda muito [...]. Sempre ajuda na minha renda, porque meu esposo recebe por mês, e quando eu faço a feira a gente ganha, e eu ajudo ele a comprar alimentos ou a inteirar para alguma outra coisa”</p> <p>E5: “Além de vender as flores, a gente ainda é contratada para fazer a ornamentação e arranjo. Para a gente fazer um arranjo não precisa ter tanta flor [...] isso ajuda porque a gente tem bastante criatividade”</p> <p>E6: “Eu gosto desse trabalho, me ajuda porque eu não fico pedindo [...] E sempre que eu vendo, não deixo de ajudar minha filha”</p>
Bom relacionamento	<p>E7: “Conversar de plantas é como conversar sobre filhos, conversa vai, conversa vem,</p>

com os consumidores	<p>a gente cria uma amizade, eles (clientes) sempre ficam vindo (na propriedade) ”</p> <p>E7: (a atividade) “une mais as pessoas [...] tem pessoas que moram do nosso lado e a gente não se dá. Mas aí vem um curso, a gente chama para participar, já vem outra vez visitar, com isso vai crescendo a união [...] aumenta a paz aqui no povo, melhora”</p> <p>E7: “É diferente. Quando a gente trabalhava na roça, lidava só com o pessoal da roça. Com a planta não, já tem aquela facilidade, tem pessoal da roça, pessoal de fora [...] Tem algo a mais”</p>
Começo de uma cooperação e solidariedade	<p>E1: “a princípio a gente está pensando em se unir para pagar um frete, no caso nos até já temos um grupinho que estava participando do Para Orgânico e Sábado Rural, mas hoje já acabou [...] a gente já estava formando um grupo para dividir o frete, aí vamos ver se a gente continua assim”</p> <p>E1: “Eu procuro a SEDAP, digo que está se formando um grupinho, pergunto o que ela acha sobre eles participarem da Feira [...] ela abre espaço para eles, já foram expor ano passado”</p> <p>E5: “As pessoas tem procurado a gente para entrar no nosso grupo, só que no momento a gente ainda não abriu espaço. A gente ainda está se organizando melhor, mas as pessoas já tem interesse de trabalhar com plantas”</p> <p>E5: “Na nossa comunidade, a gente vê que se a gente se reúne, fizesse um grupo maior, ia ser mais conhecido”</p> <p>E1: “Quando vem algum produtor aqui, eu já pergunto de alguma planta que não conheço, a gente já vai trocando informação”</p> <p>E1: “A gente teve uma reunião com a SEDAP com os produtores de flores e de chocolate, a gente se uniu de verdade, estavam vendo a possibilidade de a gente criar uma associação”</p> <p>E4: “A gente está fazendo um tipo de projeto de uma ajudar a outra. O grupo vai e ajuda uma, o grupo vai e ajuda outra, como era no início e hoje paramos com isso. Mas era muito bom porque ficava tudo organizado, multiplicava muito nessa época”</p> <p>E5: “(Na feira) como e nosso a gente pode negociar, se ela pega e vende com desconto não sai discussão, não sai briga. Se a gente ganhar R\$500,00 por exemplo, a gente divide o mesmo valor para cada, isso facilita. A gente tenta entrar em concordância e harmonia para não sair discussão, isso acaba afastando o cliente, então a gente tem que saber se comportar na hora de vender”</p> <p>E7: (a atividade) “une mais as pessoas [...] tem pessoas que moram do nosso lado e a gente não se dá. Mas aí vem um curso, a gente chama para participar, já vem outra vez visitar, com isso vai crescendo a união [...] aumenta a paz aqui no povo, melhora”</p>
Satisfação pessoal e bem-estar mental	<p>E3: “Gostar eu realmente gosto. Eu gosto sinceramente. Tenho prazer em pegar na terra”</p> <p>E5: “Quando eu vou fazer um arranjo, faço com o maior prazer. Não só por questão de dinheiro, mas é uma coisa que eu gosto mesmo, tenho prazer em fazer os arranjos, cuidar das plantas, e uma coisa muito boa”</p> <p>E1: “Não e só pelo dinheiro, mas eu acho muito bom trabalhar com planta. Tanto que no começo me ajudou muito, foi na época em que me separei”</p> <p>E3: “A satisfação melhorou muito, eu na idade que estou (70 anos) se eu for ficar dentro de casa, vou pensar em milhares de coisas. Não dou para isso [...] E muito bom estar conversando, trabalhando num tipo de coisa boa, e muito bom participar de feira”</p> <p>E5: “Essa atividade me ajudou muito, eu digo que trabalhar com planta e uma terapia”</p>
Baixo ou nenhum contato com produtos tóxicos	<p>E3: “A gente usa mais (defensivo) para formiga. A gente não coloca muita coisa na planta, a gente usa só um tipo de barragem que é para matar formiga. Mas outro tipo de coisa só se for o químico que a gente ainda usa, o químico não prejudica ninguém. Veneno só para formiga mesmo, se a gente usar muito veneno nas plantas a gente passa</p>

	<p>mal”</p> <p>E6: “Até planta eles (clientes) perguntam por que está roído. Eu explico que é porque a gente não usa defensivo, não usa veneno, porque a gente não pode estar entrando em contato com veneno que faz mal para a gente. A gente procura não usar o veneno, e como não tem, o gafanhoto vai lá comer”</p> <p>E6: “Não uso veneno em casa e não vou usar aqui”</p> <p>E7: “a gente evita bastante (uso de defensivos) por causa da saúde, porque a gente tem visto muito, até na maioria dos cursos do SEBRAE e do SENAR. Eles ensinam para a gente que é melhor não usar produtos químicos para evitar de ter certas doenças, desenvolver alergia. Eles vem ensinando isso, mesmo que a nossa planta demore mais a crescer ou dar flor, mas vai dar. É melhor não usar mesmo, por causa da saúde”</p>
Atividade de natureza intensiva em mão-de-obra	<p>E4: “A gente está fazendo um tipo de projeto de uma ajudar a outra. O grupo vai e ajuda uma, o grupo vai e ajuda outra, como era no início e hoje paramos com isso. Mas era muito bom porque ficava tudo organizado, multiplicava muito nessa época”</p> <p>E5: “Meu esposo me ajuda muito, ele ajuda a carregar as plantas quando vai para as feiras”</p> <p>E5: “Às vezes precisa de muitas flores, e como são poucas pessoas trabalhando com isso, a gente acaba não conseguindo corresponder as pessoas que querem comprar”</p> <p>E5: “[...] trabalhar assim é uma coisa que dá trabalho, dá muito trabalho para organizar e manter”</p> <p>E3: “[...] se tornou mais difícil agora para mim, porque a gente já não tem ajuda das pessoas que precisa para trabalhar junto, e já não tem”</p>
Inclusão produtiva	<p>E5: “Minhas filhas me ajudam, meu genro. Quando eles estão parados, eles vem para cá, me ajudam”</p> <p>E5: “Eu não fazia nada. Meu esposo saia para trabalhar e eu ficava só em casa fazendo as coisas, não tinha uma atividade assim. Depois que a gente começou a trabalhar com as plantas não, já é uma ocupação, uma coisa boa”</p> <p>E6: “Eu não saia para canto nenhum. Não conhecia muita coisa. Hoje tenho mais conhecimento, mais entendimento das coisas, do trabalho com as plantas [...]. Já pude viajar, eu que não tinha saído de Santa Barbara para canto nenhum, já fui para Fortaleza, Maceió, São Paulo, já fui para vários lugares através das plantas”</p>

Fonte: Pesquisa de Campo (2017)

- **Existe apoio governamental**

Mesmo que o Estado se mostre deficiente no suporte à atividade em alguns aspectos, as entrevistadas avaliam que existe preocupação e apoio “no que é possível” pelos agentes governamentais que tratam diretamente da atividade de flores e plantas ornamentais. No entanto, o que parece dificultar o desenvolvimento dessas políticas de apoio diz respeito à interação entre esses agentes e os demais atores da cadeia produtiva, ou por falta de capacidade de atendimento, ou por falta de entendimento da importância da atividade.

- **Oportunidade de negócio**

Parte das entrevistadas acredita que as flores e plantas ornamentais têm tido maior aceitação dos consumidores e visualizam progressivamente o aumento da procura pelos produtos, em consonância com demais estudos já mencionados (BUAINAIN; BATALHA, 2007; JUNQUEIRA; PEETZ, 2006; ALTHAUS-OTTMANN ET AL, 2008; LANDGRAF, PAIVA, 2011). Da mesma forma, essas produtoras também almejam crescer no setor, como veem outros trabalhadores de propriedades em municípios vizinhos que já obtêm rendimentos unicamente da atividade florícola, e conseguem empregar mão-de-obra, que não somente a familiar.

Aparece também entre os depoimentos, a oportunidade de exposição e vendas por meio de Feiras onde as flores e plantas ornamentais são dispostas juntamente com o chocolate, aumentando o público consumidor desses eventos. Tais feiras que, anteriormente, eram promovidas somente em períodos próximos a datas comemorativas em Belém, atualmente estão sendo realizadas bimestralmente, segundo as próprias entrevistadas.

Na percepção da maioria das entrevistadas, esta proximidade de Santa Bárbara ao maior centro consumidor, Belém, pode vir a beneficiar a produção de flores e plantas ornamentais no município, visto que ali já existe tradição de trabalho com a agricultura. E apesar de que na capital, Belém, o grande volume de venda de flores e plantas ornamentais ser oriundo de Holambra (SP), com preços competitivos, as entrevistadas identificam a existência de um público que tem preferência pelas flores e plantas envasadas produzidas localmente. Isto pode ser explicado em razão das peculiaridades de clima da região norte, quente e úmido, no qual as plantas que vem de fora não se adaptam facilmente, e por isso não sobrevivem facilmente.

Segundo as entrevistadas também existem oportunidades de fornecimento para projetos paisagísticos para prédios, estabelecimentos comerciais, vias públicas, praças etc., ou seja, com potencial para abranger parcerias comerciais tanto com agentes privados quanto públicos.

No caso da arborização do meio urbano, as entrevistadas citaram um acordo verbal com um gestor público para que preparassem palmeiras para as praças da cidade. Para Schwab et al. (2014), no entanto, este tipo de planejamento deve ser pautado na escolha adequada das espécies para que obtenha sucesso, e não se torne futuramente um problema público por conta de danos as calçadas ou conflito com a fiação elétrica. Em nenhum momento, este tipo de planejamento ou seleção foi mencionado pelas produtoras nem como uma orientação do órgão público ou por convenção das produtoras, visto que em cada propriedade havia um cultivo diferente. Neste sentido, considera-se que apesar de ser vista

como uma oportunidade de negócio para as produtoras, a curto prazo, este tipo de iniciativa poderá trazer consequências diversas futuramente.

Parte das entrevistadas mencionou que a produção local de flores e plantas ornamentais, aliada a outros atrativos como artesanato e presença de balneários tornam-se oportunidades de receber visitantes (e consumidores) de turismo e lazer, e assim trazer benefícios para a comunidade. No Paraná, a pesquisa de Andrade (2016, p. 11) também reconhece tal possibilidade, declarando que “A geração de empregos no campo e nos serviços correlacionados urbanos, a produção e o atrativo turístico, promovem e divulgam a atividade regionalmente e contribuem inclusive para a diversificação das atividades agrícolas com um alto valor agregado”.

- **Empreendedorismo**

Não presente em todas as entrevistas, mas principalmente entre os relatos das produtoras mais jovens, existe uma percepção de que é preciso encarar o negócio como algo a ser profissionalizado, buscando sair das condições atuais de baixa produtividade. Os caminhos para isso, segundo Bliska Junior e Ferraz (2012, p. 532) seriam “Capacitar o produtor para assimilar e aplicar conceitos de competitividade, qualidade e gestão em substituição ao lucro simples”.

Para Althaus-Ottmann et al. (2008, p. 88), para a profissionalização do setor além da organização dos produtores em associações que representem seus interesses, é preciso “manter contatos regulares com sindicatos, universidades, empresas de pesquisa e extensão, bancos de desenvolvimento e demais entidades comprometidas com o desenvolvimento da floricultura”; em outras palavras, explicam que a construção da governança é indispensável para o sucesso e evolução do setor, que anseia por apoio técnico-científico das instituições.

O cenário encontrado em Santa Bárbara ainda está longe desta situação, pois ainda se busca superar o primeiro passo que seria manter um grupo coeso de representação dos interesses dos produtores, apesar dos esforços de poucos produtores para que o setor permaneça vivo no município.

- **Rendimento financeiro tem importância no orçamento familiar:**

Apesar do fato de que o mercado interno tem baixo consumo *per capita*, os produtores ainda conseguem obter lucros no setor (BLISKA JUNIOR; FERRAZ, 2012). Dentre as

entrevistadas, mesmo considerando todas as dificuldades apresentadas, os rendimentos financeiros que elas obtêm com essa atividade tiveram e ainda tem importância para o orçamento das famílias. Como exemplos estão: a construção e melhorias das moradias na propriedade rural, o aperfeiçoamento da infraestrutura da propriedade com construção de novos viveiros, expositores, compra de telefones e notebook, etc. Além disso, mensalmente a renda obtida auxilia na vida familiar, permitindo que estes produtores percebam uma melhoria em sua qualidade de vida, na medida em que conseguem obter mais acesso a medicamentos, tanto para familiares quanto para entes próximos, e conseguem ter mais acesso a alimentos que não são produzidos na própria propriedade, entre outros.

- **Bom relacionamento com os consumidores**

As entrevistadas têm uma experiência positiva quanto ao retorno dos consumidores sobre os seus produtos, fato que as estimulam a continuar na atividade. Elas identificam que existe um mercado que tem preferência pelas flores e plantas desenvolvidas localmente, pela sua característica de maior resistência ao clima regional, quente e úmido, e a partir daí também desenvolvem um relacionamento pessoal e comercial com essas pessoas, onde se incluem troca de aprendizados, informações e até mesmo mudas. Além disso, o relacionamento criado a partir da venda das flores e plantas ornamentais é valorizado pelas produtoras, pois também pode criar oportunidade de venda para os demais produtos da propriedade familiar, como frutas, açaí, hortaliças, criação de galinhas, artesanato etc.

Este tipo de relacionamento social abre portas para que essas produtoras conheçam novas realidades e pode vir a ampliar a sua visão de mundo e criar novas expectativas para a condição de sua própria vida, de sua família e de sua comunidade. A Entrevistada 7 sintetiza dizendo que “É diferente. Quando a gente trabalhava na roça, lidava só com o pessoal da roça. Com a planta não, já tem aquela facilidade, tem pessoal da roça, pessoal de fora [...] Tem algo a mais”.

- **Começo de uma cooperação e solidariedade**

Conforme constatado anteriormente, o histórico da atividade da floricultura no município não surgiu a partir de uma demanda organizada dos produtores, mas sim de uma iniciativa do SEBRAE em mobilizar esses trabalhadores, que naquele momento não tinham como manter por si só um grupo coeso em funcionamento.

Atualmente, as produtoras entrevistadas em sua maioria mostram reconhecer a importância das associações e grupos organizados para a representação da classe junto perante os órgãos do poder público, e junto aos consumidores e canais de distribuição, apesar da resistência apresentada por uma das participantes. A cooperação entre produtores também é vista também como uma oportunidade de conseguir atender a demanda do atacado, pois para conseguir suprir a quantidade solicitada, geralmente é necessário que se juntem as produções de duas ou mais propriedades.

As produtoras participantes entendem o incentivo que o próprio Estado oferece para os produtores a se organizarem em associações e grupos, e apesar disto ainda não haver se concretizado, já existem mobilizações entre os próprios produtores para troca de informações, técnicas, mudas, e para solicitações conjuntas para órgãos governamentais.

- **Satisfação pessoal e bem-estar mental**

Todas as entrevistadas exacerbam uma genuína satisfação pessoal em trabalhar com flores e plantas ornamentais, pela sua afinidade e gosto pessoal, mesmo aquelas que relatam não obter rendimentos financeiros tão satisfatórios com a atividade. Para elas existe um retorno pessoal na floricultura que transcende as razões econômicas e apresentam fins terapêuticos, proporcionando além de satisfação pessoal, melhoria do bem-estar mental. Tais benefícios também já foram citados anteriormente nas pesquisas de Anjos (2003) e Mougeot (2005).

- **Baixo ou nenhum contato com produtos agrotóxicos**

O modelo tecnológico vigente na agricultura, que busca maiores rendimentos, tem três características fortes: a mecanização do trabalho, a seleção genética de espécies de alto rendimento e o emprego intensivo de produtos sintéticos fertilizantes e praguicidas. No entanto, nem todas as regiões e comunidades estão prontas para desenvolver os três tipos de inovações. Por motivos de ordem social e econômica, algumas regiões menos desenvolvidas adotam unicamente as inovações químicas, com uso indiscriminado de fertilizantes e praguicidas (HERNANDEZ et al., 2016).

Em um estudo sobre o setor, no México, foram elencados mais fatores que concorrem para o aumento do risco de uso inadequado dos produtos agrotóxicos, como a baixa escolaridade dos produtores e/ou seu analfabetismo funcional, e a adoção dessas substâncias no trabalho desde muito jovens, ensinados pelos familiares que também trabalham na área

rural. (HERNANDEZ et al., 2016). Já no caso de Santa Bárbara, encontrou-se resultado diferente, visto que não houve relato de emprego desses produtos em nenhuma fase do cultivo das flores e plantas ornamentais. Entre as dificuldades que podem advir da utilização desses produtos estão: reações como “fitotoxidez, infecção nos olhos do aplicador, alergias”, entre outras (ANEFALOS; TOMBOLATO; RICORDI, 2010, p. 109).

A utilização de praguicidas na produção de flores e plantas ornamentais está relacionada ao uso intensivo da terra. Comparativamente entre os sistemas produtivos mexicanos da horticultura, de flores ornamentais e de milho, o cultivo de flores e o que mais utilizou o recurso dos fertilizantes químicos (HERNANDEZ et al., 2016), enquanto que em Santa Bárbara as produtoras afirmam terem sido instruídas a empregar e desenvolver os substratos insumos de forma orgânica, tanto para o cultivo das flores quanto as demais culturas presentes em sua propriedade, como frutas e hortas.

- **Atividade de natureza intensiva em mão-de-obra**

Diversas pesquisas (ALTHAUS-OTTMANN, 2008; ANEFALOS; TOMBOLATO; RICORDI, 2010; LIMA JÚNIOR et al., 2015) apontam a floricultura como atividade intensiva em mão-de-obra. Isto parece se confirmar quanto maior o uso de tecnologia no cultivo e o número de ciclos produtivos feitos por ano. No município pesquisado existe potencial para que a atividade empregue mais pessoas, se for melhor desenvolvida. Até o momento ela emprega somente a mão-de-obra familiar, que é reforçada por contratações temporárias em tempos de grande demanda.

- **Inclusão produtiva**

Pela característica da floricultura de empregar um número maior de pessoas, essa atividade possibilita a inclusão produtiva de grupos possivelmente marginalizados, como mulheres e adolescentes (ALTHAUS-OTTMANN, 2008; ANEFALOS; TOMBOLATO; RICORDI, 2010; LIMA JÚNIOR et al., 2015). Em Santa Bárbara, todas as entrevistadas foram do gênero feminino, e a participação das mulheres foi primordial para a atividade no município. Algumas já desenvolviam a floricultura por gosto pessoal, sem a característica comercial e, após a consultoria do SEBRAE, passaram a obter rendimentos financeiros para si e empregando familiares. Isto se mostrou importante para a vida dessas mulheres, pois muitas relatam que antes da floricultura, não exerciam nenhuma atividade com retorno financeiro.

O setor é intensivo em mão-de-obra e contribui para a retenção da população no meio rural. Outro ponto impactante da mão de obra constatou que cerca de 70 a 80% do total de trabalhadores é composto pelo gênero feminino, resultado diferente de outras cadeias produtivas do agronegócio brasileiro (LIMA JÚNIOR et al 2015, p.30).

A inclusão produtiva dessas pessoas tem um importante papel social, pois permite que os produtores familiares se mantenham na atividade agrícola e em sua propriedade rural (ALTHAUS-OTTMANN, 2008; ANEFALOS; TOMBOLATO; RICORDI, 2010; LIMA JÚNIOR et al., 2015), sem necessidade de procurar por oportunidades de renda nos centros urbanos, onde estariam em desvantagem por questões de escolaridade, experiência etc.

Levando-se em conta a elevada demanda de mão-de-obra por área quando comparada a agricultura extensiva, a floricultura contribui para a fixação de mão-de-obra no campo, e torna-se adequada como cultura alternativa para pequenos produtores (ANEFALOS; TOMBOLATO; RICORDI, 2010, p.107)

6 CONCLUSÃO

As entrevistas com as produtoras de flores e plantas ornamentais de Santa Bárbara do Pará mostraram que a atividade iniciou no município com o incentivo do SEBRAE, que ofereceu cursos técnicos voltados para a atividade, mobilizou os agricultores para que iniciassem o cultivo cooperativamente e intermediou junto à Prefeitura a doação de mudas, insumos e terreno para a associação. Em pouco tempo, no entanto, a governança da cadeia ficou prejudicada com a saída precoce dessas instituições no apoio à atividade. Tal realidade se mostrou diferente da encontrada nos centros produtivos já consolidados, como São Paulo ou Santa Catarina, cujo histórico de desenvolvimento da atividade esteve relacionado à ascendência holandesa ou japonesa da população que, por herança cultural, ajudaram a profissionalizar esta atividade produtiva no Brasil e levar as flores e plantas ornamentais para diferentes mercados consumidores pelo país.

As produtoras entrevistadas relataram que o município já teve uma forte relação com a agricultura familiar, contudo, a floricultura até 20 anos atrás era considerada apenas como hobby, e somente mais recentemente tem sido encarada como um negócio como a horticultura e fruticultura. Os impactos da atividade produtiva de flores e plantas ornamentais para o desenvolvimento local do município de Santa Bárbara se apresentam sob a ótica das produtoras, e divididos em diferentes dimensões de análise, sendo que o campo material, econômico e financeiro se destaca na verificação sobre as condições que tal atividade tem para continuar a ser exercida no município. E se, por um lado, as entrevistas revelaram que as produtoras percebem que o rendimento obtido pela floricultura impacta de forma relevante a sua percepção de qualidade de vida e das suas famílias, a atividade ainda é considerada como secundária por todas as produtoras ouvidas durante a pesquisa. Além disso, ainda há um longo caminho para que a atividade se profissionalize no município e alcance seu potencial para trazer resultados para um efetivo desenvolvimento do município.

A motivação para o desenvolvimento desta atividade pelas entrevistadas se mostrou forte não somente por questões econômicas e materiais, como ocorreu com a construção das suas residências, e maior acesso a bens materiais; mas também pela afinidade pessoal que as produtoras declaram ter com as flores e plantas ornamentais; fato que traz a elas grande realização pessoal e bem-estar mental, afetando de forma positiva e determinante sua percepção sobre suas condições e qualidade de vida.

Como impactos positivos da atividade produtiva de flores e plantas ornamentais estão as contribuições percebidas pela agricultoras para a sua melhoria da qualidade de vida, principalmente satisfação e crescimento pessoal e bem-estar mental; obtenção de rendimento financeiro complementar; mais oportunidade de acesso e compra de medicamentos; melhores condições de obtenção de alimentação e vestuário; melhoria de infraestrutura da propriedade com construção de viveiros, mostruários, moradia; na comunicação a partir da aquisição de telefone rural e equipamento de notebook; recepção de instruções técnicas a respeito da substituição de produtos agrotóxicos por alternativas naturais e orgânicas; e com destaque, o aumento da autonomia feminina, a partir de sua inclusão produtiva e importância adquirida para a manutenção das famílias; e ainda oportunidade de ocupação temporária para familiares fora do mercado de trabalho formal.

Por outro lado, os aspectos limitantes da atividade no município se relacionam à governança da cadeia: falta de coordenação entre as ações das diferentes esferas e setores governamentais; baixa capacidade de atendimento aos canais de distribuição locais, por falta de quantidade de produtos e/ou por não conseguir praticar os valores competitivos de mercado; informalidade do setor; baixa educação formal dos produtores; ausência de coesão social, o que dificulta a cooperação entre os agricultores; infraestrutura rústica das propriedades, que não condiz com a utilização intensiva da terra, própria da floricultura de alto rendimento.

Os produtores encontrados em Santa Bárbara são agricultores familiares organizados ainda de forma incipiente, apresentando baixo capital social e com apoio insuficiente e difuso das esferas públicas. Esses grupos familiares se encontram dentro de um mercado competitivo, atualmente dominado por grandes grupos comerciais, bastante organizados logisticamente e familiarizados à produção de alta tecnologia. Desta maneira, o cenário é desvantajoso para o pleno desenvolvimento da atividade no município paraense estudado. As contribuições percebidas para as produtoras durante a pesquisa possivelmente se apresentam devido à proximidade deste município ao mercado consumidor, Belém; e ao nicho de mercado paraense identificado como aquele que tem preferência pelas flores e plantas ornamentais locais, em virtude de sua maior resistência ao clima local.

A produção local do município de Santa Bárbara é de baixa escala, e com grande variedade de espécies. Isto explica ainda a importância econômica que a venda nas feiras, diretamente para o consumidor, tem para as produtoras. Durante esses eventos a venda é concretizada a partir dos produtos levados, sem exigência dos compradores quanto a espécies específicas ou mesmo um número grande de produtos da mesma espécie. No entanto, este tipo

de negociação não permite que o produtor desenvolva o devido enfoque para a produção em maior escala para abastecimento dos canais de distribuição, pois o mercado do atacado é aquele que realmente pode oferecer mais estabilidade ao produtor, a partir de vendas regulares e em maior escala, enquanto que as feiras ainda são esparsas e irregulares.

Além disso, a orientação recebida pelas agricultoras para que a produção de espécies seja a mesma nas diferentes propriedades, e para que todas desenvolvam as mesmas mudas, acaba gerando uma situação de concorrência entre as produtoras, pois elas têm o mesmo produto para oferecer aos compradores, enquanto que se tivessem espécies diferentes poderiam cooperar para oferecer seus produtos ao mercado e assim dividir os custos para a entrega.

Quanto à perspectiva para o futuro da atividade, verifica-se que há produtoras que procuram investir na atividade para torná-la um negócio com condições mais competitivas, e procuram fazer *benchmarking* com produtores que acreditam ser mais profissionalizados em outros municípios e regiões. No entanto, existem produtoras que trabalham há mais tempo na atividade, e que consideram que a falta de apoio governamental e outros fatores externos tem sido decisivos para o declínio do negócio. Neste segundo grupo, também foram citadas ponderações quanto ao futuro da atividade no município, em razão de sua percepção de que muitos jovens tem preferido buscar oportunidades de trabalho nos centros urbanos em detrimento das atividades produtivas rurais.

Por fim, o tema não se esgota com a presente pesquisa e tem como possibilidade de continuidade de estudo a abordagem criteriosa da competitividade da produção local de flores e plantas ornamentais da região periurbana de Belém em relação à produção externa, ou mesmo a caracterização das diferentes formas de produção possivelmente encontradas nesses municípios, podendo ser analisadas comparativamente, para verificação das melhores e mais competitivas práticas. Esta investigação também contou com a limitação de uma amostragem pequena, embora tenha sido adotado um roteiro que conseguiu extrair informações ricas a respeito de diferentes dimensões do desenvolvimento. Para futuras pesquisas, sugere-se que possa haver uma amostragem maior e ainda a inclusão dos demais agentes envolvidos na cadeia produtiva: canais de distribuição, consumidores e instituições de apoio. Por tratar-se de uma atividade produtiva recente no Estado do Pará, ainda há muitas possibilidades de abordagens de estudo para que se entenda mais claramente de que forma a floricultura poderá contribuir para o desenvolvimento local.

6.1 Recomendações

A atividade produtiva de flores e plantas ornamentais no município de Santa Bárbara do Pará é percebida pelas produtoras entrevistadas como um negócio que impacta positivamente sua percepção de qualidade de vida, sendo que o campo da satisfação e realização pessoal se mostra como grande motivador para a sua realização, assim como o retorno financeiro que a atividade provê para o sustento das famílias.

Nas entrevistas também se destacou a percepção de que caso o negócio se desenvolva melhor na questão da infraestrutura nas propriedades, os impactos para o município possam ser potencializados a partir do aumento do volume de produção e, por conseguinte, de vendas dos produtos. As questões de infraestrutura que precisariam de atenção imediata dizem respeito principalmente ao sistema de irrigação nas propriedades, e também à construção de melhores e maiores estruturas para os viveiros, para o que existem parcerias possíveis de serem indicadas com técnicos e pesquisadores de organizações científicas vizinhas ao município estudado, como a EMBRAPA, UFRA, UFPA etc.

Nesse contexto, as ações das esferas públicas terão papel importante para o delineamento do futuro dessa atividade produtiva, fazendo-se a consideração de que mais efetivas tais ações serão, se forem articuladas entre si, e transpassem a barreira do apoio assistencialista aos produtores. O auxílio prestado a este negócio, desta maneira, mais que subsidiar questões menores da atividade, como doação de insumos básicos para a sua realização, deverá instruir os produtores quanto à profissionalização do negócio, oferecer informações e direcionamentos estratégicos para que tal produção de flores e plantas ornamentais consiga aumentar em escala para que possa, enfim, atender à demanda interna.

Outro ponto chave para o desenvolvimento da atividade se constituirá no estabelecimento da cooperação entre os agricultores para seu próprio fortalecimento, melhor representação perante o governo e outras instâncias comerciais, e saída da informalidade. A cooperação entre os agricultores familiares, mais que senso comum, se mostra como fundamental para que estes tenham representatividade para concorrer neste negócio. No entanto, a colaboração aleatória por si só não poderá mudar o estado de desenvolvimento da atividade, pois será preciso trabalhar o entendimento dos agricultores locais a respeito: do funcionamento da cadeia produtiva de flores e plantas ornamentais, a respeito das estratégias que vem funcionando no mercado, e o seu papel dentro deste quadro. O mercado da floricultura é muito competitivo, pois depende de aspectos logísticos bem alinhados por conta da perecibilidade dos produtos, e precisa utilizar bem a tecnologia disponível para que a

produção se mantenha intensiva, de boa qualidade e que regularmente ofereça novidades ao consumidor.

Em prosseguimento, com intuito de atender ao mercado interno do Estado, será necessário estimular o consumidor local de flores e plantas ornamentais a conhecer melhor os produtos nativos, o que pode ser feito a partir de campanhas de valorização e consumo das flores e plantas produzidas regionalmente. A associação das flores e plantas ornamentais a eventos religiosos poderá ser bem-sucedida nessa frente de ação, visto que o Estado do Pará tem tradição de promover celebrações ligadas à religiosidade em diversos municípios.

Desta forma, a sociedade e governo terão constituído um cenário que, em parceria com os setores técnicos e científicos, como universidades e centros de pesquisa, poderia vir a agregar um desenvolvimento econômico e social efetivo para o município estudado.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE MARKETING RURAL E AGRONEGÓCIO (ABMRA). Pesquisa. Disponível em: <<http://www.abmra.org.br/2016/index.php/pesquisa-abmra/>>. Acesso em 12 set. 2017.

AGÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO DA AMAZÔNIA (ADA). I jornada de seminários participativos para indicação de referências locais prioritários ao planejamento do desenvolvimento regional da Amazônia – SPIRAL: Arranjos Produtivos Locais. Belém: ADA, 2004.

AGÊNCIA PARÁ DE NOTÍCIAS (APN). **Sagri lança festival de chocolate e flor Pará em Belém**. Belém, 08 ago. 2013. Disponível em: <<http://agenciapara.com.br/Noticia/55696/sagri-lanca-festival-de-chocolate-e-flor-para-em-belem>>. Acesso em: 06 abr. 2017.

AGÊNCIA PARÁ DE NOTÍCIAS. **Florcolate terá opções de presente para os namorados na Praça Batista Campos**. Belém, 09 jun. 2016. Disponível em: <<http://www.agenciapara.com.br/Noticia/128039/florcolate-tera-opcoes-de-presente-para-os-namorados-na-praca-batista-campos>>. Acesso em 05 abr. 2017.

AGÊNCIA PARÁ DE NOTÍCIAS. **Banpará comunidade atendeu mais de 50 mil microempreendedores em 15 anos**. Belém, 06 fev. 2017. Disponível em: <<http://www.agenciapara.com.br/Noticia/142884/banpara-comunidade-atendeu-mais-de-50-mil-microempreendedores-em-15-anos>>. Acesso em 05 abr. 2017.

AGÊNCIA PARÁ DE NOTÍCIAS. **Floricultura ganha força com apoio do estado e movimenta a economia paraense**. Belém, 19 set. 2016. Disponível em: <<http://agenciapara.com.br/Noticia/135642/floricultura-ganha-forca-com-apoio-do-estado-e-movimenta-a-economia-paraense>>. Acesso em 17 abr. 2017.

ALMEIDA, M. A. B.; GUTIERREZ, G.L.; MARQUES, R. **Qualidade de vida: definição, conceitos ...** Escola de Artes, Ciências e Humanidades - EACH/USP.2012.

ALTHAUS-OTTMAN et al., M. M., Fogaça, L. A., Borsatto, R. S. & Zuffelato- Ribas, K. C. Por que estudar a produção de plantas ornamentais? O caso catarinense. **Revista Brasileira de Horticultura Ornamental**, v. 14, n. 1, p. 85-90. 2008. Disponível em: <<https://ornamentalthorticulture.emnuvens.com.br/rbho/article/view/235/169>>. Acesso em: 03 set. 2017. doi:<http://dx.doi.org/10.14295/rbho.v14i1.235>.

AMARAL FILHO, O.; FONSECA DE CASTRO, F.; COSTA, A. Marca Amazônia: estratégias de comunicação publicitária, ambientalismo e sustentabilidade. **Revista Comunicação Midiática**, América do Norte, v. 10, p. 105-234, fev. 2016. Disponível em: <<http://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/comunicacaomidiatica/article/view/569/325>>. Acesso em: 23 mar. 2017.

ANDRADE, P. F. S. **Análise da conjuntura agropecuária safra 2015/16**: Floricultura. Secretaria da Agricultura e do Abastecimento, Departamento de Economia Rural. Estado do Paraná. 2016. Disponível: em <http://www.agricultura.pr.gov.br/arquivos/File/deral/Prognosticos/2016/flores_2015_16.pdf>. Acesso em 5 out. 2017.

ANEFALOS, L. C.; TOMBOLATO, A. F. C.; RICORDI, A. Panorama atual e perspectivas futuras da cadeia produtiva de flores tropicais: o caso do antúrio. **Ornamental Horticulture** - Revista Brasileira de Horticultura Ornamental, v. 16, n. 1, jun. 2010. ISSN 2447-536X. Disponível em: <<https://ornamentalthorticulture.emnuvens.com.br/rbho/article/view/518/409>>. Acesso em: 03 set. 2017

ANJOS, F. S. dos. Pluriatividade e desenvolvimento rural no sul do Brasil. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v.20, n. 1, p.11-44, jan./abr. 2003. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/AI-SEDE/24557/1/v20n1_11.pdf>. Acesso em 25 mar. 2017.

APOLINÁRIO, Valdênia; SILVA, Maria Lussieu da. Análise das políticas para arranjos produtivos locais no Norte, Nordeste e Mato Grosso. In: _____. **Políticas para arranjos produtivos locais**: análise em Estados do Nordeste e Amazônia Legal. Natal: EDUFRN, 2010.

ARAÚJO, M. J. **Fundamentos de agronegócios**. São Paulo: Atlas, 2011.

ARÉVALO, Michelly Rios. PONTE, Marcos Ximenes. SILVA, Dulcimar de Melo E. A floricultura tropical paraense: fatores de inovação na produção e comercialização da orquídea de corte. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, Blumenau, v.10, n.3, p. 01-21, 2016. TRIMESTRAL. ISSN 1980-7031.

BASCOLO, E. P.; YAVICH, N. Capital Social y Políticas de Atención Primaria de la Salud. **Tempus, Actas de Saúde Coletiva**, Brasília, DF, v.10, n.1, p.43-58, mar, 2016. Disponível em: <<http://tempus.unb.br/index.php/tempus/article/view/1745/1581>>. Acesso em: 10 out. 2017.

BATALHA, M. O.; SCARPELLI, M. Gestão do agronegócio: aspectos conceituais. In: BATALHA, M. O. **Gestão do Agronegócio**. São Carlos: Edufscar, 2009.

BECKER, B. K. Amazônia: mudanças estruturais e urbanização. In: GONÇALVES, M. F.; BRANDÃO, C. A.; GALVÃO, A. C.: **Regiões e cidades, cidades nas regiões**: o desafio urbano-regional. 1. ed. São Paulo. Editora UNESP, 2003.

BELIK, W. Perspectivas para segurança alimentar e nutricional no Brasil. **Saúde social**, São Paulo, v. 12, n. 1. Jun. de 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v12n1/04.pdf>>. Acesso em 18 mar. 2017.

BLISKA JUNIOR, A.; FERRAZ, A. C. de O. Método de identificação do grau de gestão nas atividades de produção de flores de corte. **Horticultura Brasileira**, Vitória da Conquista, v. 30, n. 3, p. 531-538, Set. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-05362012000300029&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 mar. 2017.

BOISIER, Sergio. Desarrollo (local): ¿de que estamos hablando? In: MADOERY, Oscar; VÁZQUEZ BARQUERO, Antonio. **Transformaciones globales, instituciones y políticas de desarrollo local**. Rosario: Homo Sapiens, 2001. Disponível em: <<http://saludpublica.bvsp.org.bo/textocompleto/bvsp/boxp68/desarrollo-local-nomenclatura.pdf>>. Acesso em: 9 mar. 2017.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

BUARQUE, SERGIO C. **Construindo o desenvolvimento local sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

BUAINAIN, A. M., BATALHA, M. O. **Cadeias produtivas de flores e mel**. Brasília: IICA: MAPA/SPA, 2007.

CASSIOLATO, José Eduardo; LASTRES, Helena M. M.. O foco em arranjos produtivos e inovativos locais de micro e pequenas empresas. In: LASTRES, Helena Maria Martins; CASSIOLATO, José Eduardo; MACIEL, Maria Lucia. **Pequena empresa: cooperação e desenvolvimento local**. Rio de Janeiro: UFRJ; RedeSist; Relume Dumará, 2003.

CHANDLER, S. F; BRUGLIERA, F. Genetic modification in floriculture. **Biotechnol Lett**, n.33, p.207-214, 2011.

COELHO, Maria Célia Nunes; MONTEIRO, Maurílio de Abreu; LIRA, Sérgio Roberto Bacury de; LOPES, Adáise Gouvêia. Estratégias de modernização na Amazônia e a (re)estruturação de municípios: o caso da implantação de empresas mínero-metalúrgicas e de energia elétrica. In: GONÇALVES, M. F.; BRANDÃO, C. A.; GALVÃO, A. C. **Regiões e cidades, cidades nas regiões: o desafio urbano-regional**. 1. ed. São Paulo. Editora UNESP, 2003

COSTA, F. A. **Políticas orientadas a arranjos produtivos locais no estado do Pará**. SEMINÁRIO, junho de 2010. REDESIST, BNDES, 2010.

COSTA, F. A.; SANTANA, A. C. Desenvolvimento regional sustentável e incentivos fiscais: um modelo alternativo para a Amazônia. **Novos Cadernos do NAEA**, v. 5, n. 2, p. 89-116. 2002.

COSTA, F. A et al. Políticas para arranjos produtivos locais no Pará: continuidades e rupturas. In: APOLINÁRIO, V. SILVA, M. L. da (org). **Políticas para arranjos produtivos locais: análise em estados do Nordeste e Amazônia Legal**. Natal: EDUFRN, 2010.

COUTINHO, Luciano. O desafio urbano-regional na construção de um projeto de nação. In: GONÇALVES, M. F., BRANDÃO, C. A., GALVÃO, A. C. **Regiões e cidades, cidades nas regiões: o desafio urbano-regional**. 1. ed. São Paulo. Editora UNESP, 2003.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DANIEL, Cesar Augusto. Ação política e diversidade de atores no universo social urbano. In: GONÇALVES, M. F.; BRANDÃO, C. A.; GALVÃO, A. C. **Regiões e cidades, cidades nas regiões: o desafio urbano-regional**. 1.ed. São Paulo. Editora UNESP, 2003.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **Pesquisa em turismo: planejamento, métodos e técnicas**. 9. ed. São Paulo: Futura, 1998.

DINIZ, E. Governabilidade, governance e reforma do Estado: considerações sobre o novo paradigma. **Revista do Serviço Público**, Ano 47, n. 2, Mai-Ago. 1996.

DÜRR, J. A comercialização da produção familiar rural: o caso de Cametá. **Novos Cadernos do NAEA**, Belém, v.4, n.2, p. 27-82, 2001. ISSN 1516-6481.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. **Agricultura Urbana**. Documento 48: Embrapa Cerrados. Planaltina, 2002. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/565842/agricultura-urbana>> Acesso em: 25 mar. 2017.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. O estado atual dos conhecimentos de clima da Amazônia brasileira com finalidade agrícola. In: SIMPÓSIO DO TRÓPICO ÚMIDO, v. 1, p. 19-36, **Anais...** Belém. EMBRAPA-CPATU, 1986. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/394702/o-estado-atual-dos-conhecimentos-de-clima-da-amazonia-brasileira-com-finalidade-agricola>> Acesso em: 24 mar. 2017.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. **Mapas de solos e de aptidão agrícola das áreas alteradas do Pará**. EMBRAPA-Amazônia Oriental, 2016. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/amazonia-oriental/mapa-de-solos-e-aptidao>> Acesso em: 24 mar. 2017.

EMPRESA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL DO ESTADO DO PARÁ. **Emater comemora data dedicada aos produtores rurais**. Belém, 23 jun. 2015. Disponível em: <<http://www.emater.pa.gov.br/noticia/1022>> Acesso em 06 abr. 2017.

EMPRESA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL DO ESTADO DO PARÁ. **Emater realiza primeira exposição de flores de Benfica**. Belém, mai. 2012. Disponível em: <<http://www.emater.pa.gov.br/destaque/218>> Acesso em 06 abr. 2017.

EMPRESA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL DO ESTADO DO PARÁ. **Festival de flores de Benevides encerra com programação** variada. Belém, 06 mai. 2012. Disponível em: < <http://www.emater.pa.gov.br/noticia/206>> Acesso em 06 abr. 2017.

EMPRESA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL DO ESTADO DO PARÁ. **Agrifal destaca a produção integrada de frutas e flores**. Belém, 23 mai. 2012. Disponível em: < <http://www.emater.pa.gov.br/noticia/226>>. Acesso em 06 abr. 2017.

EMPRESA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL DO ESTADO DO PARÁ. **Emater promove capacitação em arranjos florais**. Sem informação. Disponível em: < <http://www.emater.pa.gov.br/destaque/75>>. Acesso em 06 abr. 2017.

EMPRESA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL DO ESTADO DO PARÁ. **Projeto Cultivando Flores e Vida capacita ex-detentos para trabalho com floricultura**. Belém, 20 dez. 2011. Disponível em: <<http://www.emater.pa.gov.br/noticia/125>>. Acesso em 06 abr. 2017.

FACHINI, C., OLIVEIRA, R., NOGUEIRA, N. T. C. Incubadora de Agronegócios: empreendedorismo como alternativa à pequena produção rural. **Revista Técnica do Instituto de Economia Agrícola - IEA**, São Paulo, v. 36, n. 12, p. 37-44, 2006. ISSN 0100-4409.

FEDERAÇÃO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA DO PARÁ (FAEPA). Disponível em: <<http://www.faepanet.com.br/>>. Acesso em 16 abr. 2017.

FLECK, Marcelo Pio de Almeida. O instrumento de avaliação de qualidade de vida da Organização Mundial da Saúde (WHOQOL-100): características e perspectivas. **Ciênc. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 33-38, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232000000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 11 Jun. 2017.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS. **Cut flower production in Asia**. Regional office for Asia and The Pacific. China Horticultural Business Services. 1998. Disponível em: <<http://www.fao.org/docrep/005/ac452e/ac452e0c.htm>>. Acesso em: 19 mar. 2017.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS. **Urban agriculture**. Disponível em: <<http://www.fao.org/urban-agriculture/en/>>. Acesso em: 23 mar. 2017.

FRANÇA, C. A. M.; MAIA, M. B. R. Panorama do agronegócio de flores e plantas ornamentais no Brasil. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA RURAL, 46, Rio Branco, **Anais...** 2008. Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/9/761.pdf>>. Acesso em: 09 abr. 2017.

FUNDAÇÃO AMAZÔNIA DE AMPARO A ESTUDOS E PESQUISAS. **Estatísticas municipais paraenses**: Benevides. Belém: Diretoria de Estatísticas e de Tecnologia e Gestão da Informação, 2016. Disponível em: <http://www.fapespa.pa.gov.br/upload/Arquivo/anexo/1302.pdf?id=1502808203>. Acesso em: 05 ago. 2017.

FUNDAÇÃO AMAZÔNIA DE AMPARO A ESTUDOS E PESQUISAS. **Relatório do emprego formal no estado do Pará**. 2015. Disponível em: <<http://www.fapespa.pa.gov.br/>>. Acesso em: 30 nov. 2016

FUNDAÇÃO AMAZÔNIA DE AMPARO A ESTUDOS E PESQUISAS. **Diagnósticos para PPA - 2016 / 2019**: Perfil Região de Integração Metropolitana. 2015. Disponível em: <<http://www.fapespa.pa.gov.br/>> Acesso em: 25 abr. 2017

FUNDAÇÃO AMAZÔNIA DE AMPARO A ESTUDOS E PESQUISAS. **Anuário estatístico do Pará 2017**. Disponível em: <<http://www.fapespa.pa.gov.br/>> Acesso em: 26 mar. 2017

FARAH, Marta Ferreira Santos. Gestão Pública Local, novos arranjos institucionais e articulação urbano-regional. In: GONÇALVES, M. F.; BRANDÃO, C. A.; GALVÃO, A. C. **Regiões e cidades, cidades nas regiões**: o desafio urbano-regional. 1.ed. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

FERRAZ, J. C.; TORRES FILHO, E. T.; COUTINHO L.; WADDINGTON, S.; SCHERER, M. P. Análise de políticas para arranjos produtivos locais no Brasil. In: APOLINÁRIO, Valdênia; SILVA, Maria Lussieu da. **Políticas para arranjos produtivos locais**: análise em Estados do Nordeste e Amazônia Legal. Natal: EDUFRN, 2010.

FIGUEIREDO, Raul Batista. Elementos para uma economia política da mandioca: estratégias e proposições orientadas para o desenvolvimento local e regional. **Novos Cadernos do NAEA**, Belém, v.4, n.1, p.103-142, 2001. ISSN 1516-6481.

GARCEZ, C.; KAPLAN, E.; MAGALHÃES, W.; LEMOS, C.; LASTRES, H. M. Análise de políticas para arranjos produtivos locais no Brasil: uma introdução. In: APOLINÁRIO, Valdênia; SILVA, Maria Lussieu da. **Políticas para arranjos produtivos locais**: análise em Estados do Nordeste e Amazônia Legal. Natal: EDUFRN, 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar um projeto de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HERCULANO, S. C. A qualidade de vida e seus indicadores. **Ambiente & Sociedade**. Ano I, n. 2, 2000.

HERNÁNDEZ, H. U. B.; MÉNDEZ, R. M.; BEUTELSPACHER, A. N.; SOLÍS, J. D. A.; DOSAL, A. T.; PORTUGAL, C. H. Factores socioeconómicos y tecnológicos en el uso de agroquímicos en tres sistemas agrícolas en los Altos de Chiapas, México. **Interciencia** [en

linea] 2016, 41. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=33945816003>> ISSN 0378-1844. Acesso em 03 set. 2017.

HOMMA, A. K. O. Agricultura na Amazônia: oportunidades de mercados e desenvolvimento rural. In: SANTANA, A. C. **Mercado, cadeia produtiva e desenvolvimento rural na Amazônia**. Belém: UFRA, 2014, p. 55-78.

IBRAFLOR – INSTITUTO BRASILEIRO DE FLORES. **Números do setor**. Disponível em: <http://www.ibraflor.com/ns_mer_interno.php>. Acesso em 21 de out. 2016.

INCRA, 2017. CLASSIFICAÇÃO DOS IMOVEIS RURAIS. Disponível em: <<http://www.incra.gov.br/tamanho-propriedades-rurais/>>. Acesso em 27 set. 2017

INCRA, 2013. SISTEMA NACIONAL DE CADASTRO RURAL. Tabela com módulo fiscal dos municípios, Índices Básicos de 2013. Disponível em: <<http://www.incra.gov.br/tabela-modulo-fiscal>>. Acesso em 27 set. 2017

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Caracterização do setor produtivo de flores e plantas ornamentais no Brasil 1995-1996. Estudos e pesquisas, informação econômica, n. 2. Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=24257>> Acesso em 24 de out. 2016.

JARDIM, A. Prefácio 1. In: NEVES, M. F.; PINTO, MJA. **Mapeamento e quantificação da cadeia de flores e plantas ornamentais do Brasil**. São Paulo, SP: OCESP, 2015. Disponível em: <<http://app.fearp.usp.br/documentos/arquivos/imprensa/8078/8078.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

JENNINGS, C.; SANCHEZ-PAGES, S. Social capital, conflict and welfare. **Journal of Development Economics**, v.124, p.157–167, 2017. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0304387816300785?via%3Dihub>>. Acesso em 10 out. 2017.

JUNQUEIRA, A. H.; PEETZ, M. S. **Perfil da cadeia produtiva das flores e plantas ornamentais do Distrito Federal**. Brasília: SEBRAE/DF. 2005.

_____. **Perfil da cadeia produtiva de flores e plantas ornamentais no estado do Pará**. Belém: SEBRAE PA, 2006.

_____. O setor produtivo de flores e plantas ornamentais do Brasil, no período de 2008 a 2013: atualizações, balanços e perspectivas. **Revista Brasileira de Horticultura Ornamental**, v. 20, n. 2, p. 115-120, 2015. Disponível em: <http://www.uesb.br/flower/wa_files/florbrasil2.pdf>. Acesso em 22 de out. 2016.

KAMPF, Atelene Normann; DAUDT, Rafael Schüür. Diagnóstico da floricultura no Rio Grande do Sul. **Cienc. Rural**, Santa Maria, v. 29, n. 3, p. 561-563, set. 1999. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-

84781999000300031&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 23 mar. 2017.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-84781999000300031>.

KLUTHCOVSKY, A. C. G C; KLUTHCOVSKY, F. A. **O WHOQOL-bref, um instrumento para avaliar qualidade de vida: uma revisão sistemática.** JORNADA DE PEDAGOGIA E PSICOLOGIA DA FACULDADE GUAIRACÁ, 1. Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, PR, ago. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rprs/v31n3s0/v31n3a07s1.pdf>> Acesso em 02 jun 2017.

LANDGRAF, Paulo Roberto Correa; PAIVA, Patrícia Duarte de Oliveira Paiva. Exportação de flores e plantas ornamentais pelo estado de Minas Gerais. **Ornamental Horticulture**, [S.l.], v. 16, n. 2, dec. 2010. ISSN 2447-536X. Disponível em: <<https://ornamentalthorticulture.emnuvens.com.br/rbho/article/view/557/424>>. Acesso em: 03 set. 2017. doi:<http://dx.doi.org/10.14295/rbho.v16i2.557>.

LIMA JÚNIOR, J. C.; NAKATANI, J. K.; MONACO NETO, L. C.; LIMA, L. A. C. V.; KALAKI, R. B.; CAMARGO, R. B. 2015. **Mapeamento e quantificação da cadeia de flores e plantas ornamentais do Brasil.** São Paulo: OCESP. Disponível em: <www.ibraflor.com>. Acesso em: 01 out. 2017.

LOPES, I. V.; ROCHA, D. de P. Agricultura familiar: muitos produzem pouco. **Conjuntura Econômica**, Rio de Janeiro, v.59, n.2, p.30-34, 2005.

LOURENÇO, T. 2007. **Sebrae divulga levantamento do setor de flores do Espírito Santo.** Disponível em: <<http://www.es.agenciasebrae.com.br/sites/asn/uf/ES/sebrae-divulga-levantamento-do-setor-de-flores-do-espirito-santo,da7b6c3e2e736410VgnVCM1000003b74010aRCRD>> . Acesso em: 12 set. 2017.

MACHADO, Lia Osório. Região, cidades e redes ilegais: geografias alternativas na Amazônia Sul-americana. In: GONÇALVES, M. F.; BRANDÃO, C. A.; GALVÃO, A. C. **Regiões e cidades, cidades nas regiões: o desafio urbano-regional.** 1. ed. São Paulo. Editora UNESP, 2003.

MACHADO, S. F. Agricultura e reestruturação espacial na interface rural-urbana: questões teórico-metodológicas centrais à pesquisa. **Revista de Geografia Agrária**, v. 9, n. 17, p. 194-229, Abr. 2014. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/view/22684>> Acesso em: 18 mar. 2017.

MAGRI, C.; KLUTHCOVSKY, A. C. G C. Qualidade de vida no trabalho: uma revisão da Produção científica. **Revista Salus**, Guarapuava – PR, v. 1, n. 1, jan./jun. 2007. Disponível em: <<http://revistas.unicentro.br/index.php/salus/article/view/675/785>> Acesso em 02 jun. 2017.

MARTINS, G. A.; THEÓPHILO, C. R. **Metodologia na investigação científica para ciências sociais aplicadas.** São Paulo: Atlas, 2009.

MATTOS, C. A. C. de. **Organização agroindustrial e competitividade de empresas de laticínios no estado do Pará**. 2012. Tese (Doutorado em Ciências Agrárias) - Universidade Federal Rural da Amazônia, Belém, 2012.

MATTOS, C. A. C.; SANTANA, A. C. As contribuições da pecuária leiteira para os agricultores familiares: um estudo no sudeste no Estado do Pará. **Revista Extensão Rural**, v. 20, n. 1, p. 56-71, Santa Maria, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5902/231817967780>>. Acesso em: 20 maio 2017.

MENDES, F. A. T. Descrição da cadeia produtiva do cacau na Amazônia. In: SANTANA, A. C. **Mercado, cadeia produtiva e desenvolvimento rural na Amazônia**. Belém: UFRA, 2014, p. 113-139.

MINAYO, M. C. S.; HARTZ, Z. M. A.; BUSS, P. M. Qualidade de Vida e saúde: um debate necessário. **Ciência & Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v. 5, n.1, p. 7-18, 2000. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232000000100002>>. Acesso em: 21 ago. 2017.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO. **Agenda estratégica: flores e plantas**. Brasília, 2011. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/assuntos/camaras-setoriais-tematicas/agendas/arquivos/flores.pdf>>. Acesso em 10 abr. 2017.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO. As Câmara do MAPA. Brasília, 2016. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/assuntos/camaras-setoriais-tematicas/documentos/camaras-tematicas/negociacoes-agricolas/as-camaras-do-mapa-16.pdf/view>>. Acesso em: 11 abr. 2017.

MOUGEOT, L. J. A. Urban agriculture: definition, presence, potentials and risks. In: BAKKER, N.; DUBBELING, M.; GÜNDEL, S.; SABEL-KOSCHELLA, U.; ZEEUW, H. (Ed.). **Growing cities, growing food: urban agriculture on the policy agenda**. Faldafing: Deutsche Sitffung für Internationale Entwicklung, 2000. p.1-42.

MOUGEOT, L. J. A. **Agropolis – the social, political and environmental dimensions of urban agriculture**. Earthscan and the International Development Research Centre (IDRC). UK, USA; Canadá, 2005.

MURARO, D.; NEGRELLE, R. R. B.; CUQUEL, F. L.; ANACLETO, A. Market management: the impact on the development of an ornamental plants supply chain in Curitiba, Brazil. **Ciencia e Investigación Agraria**, Santiago, v. 42, n. 3, p. 453-460, dez. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-16202015000300013&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 20 mar. 2017. <http://dx.doi.org/10.4067/S0718-16202015000300013>.

OLIVEIRA, C. M.; MATTOS, C. A. C.; SANTANA, A. C. A cadeia de valo da pecuária bubalina em Salvaterra e Soure no Marajó, Estado do Pará. In: SANTANA, A. C. **Mercado, cadeia produtiva e desenvolvimento rural na Amazônia**. Belém: UFRA, 2014, p. 285-303.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Agenda 2030**. Rio de Janeiro, 13 out. 2015. Disponível em: < <https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **The WHOQOL Group 1995. The World Health Organization quality of life assessment (WHOQOL)**: position paper from the World Health Organization. Social Science and Medicine.

PACHECO, N. A.; SANTIAGO, A. V.; BASTOS, T. X.; CORDEIRO, A. H. F. **Boletim Agrometeorológico de 2009 para Belém**. Belém, PA: Embrapa Amazônia Oriental, 2011. 41 p. (Embrapa Amazônia Oriental. Documentos, 371). Disponível em: <<https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/44214/1/Doc-371.pdf>>. Acesso em: 09 abr. 2017.

PÁGINA RURAL. **Sagri mostra que o Pará pode produzir crisântemo**. 09 nov. 2005. Disponível em: <<http://www.paginarural.com.br/noticia/28313/sagri-mostra-que-o-para-pode-produzir-crisantemo>>. Acesso em: 05 abr. 2017.

PARÁ. Governo do Estado do Pará. **Pará estratégico 2030: O Desenvolvimento que queremos**. Belém, 2016.

PARÁ. Governo do Estado do Pará. **Pará estratégico 2030: Crédito produtor**. Belém, 2016. Disponível em: < <http://para2030.com.br/credito-produtor/>>. Acesso em: 05 abr. 2017.

PIAIA, T. C. Instituições, organizações e mudança institucional: análises e perspectivas. **Justiça do Direito**, v. 27, n.2, p. 257-274, jul./dez. 2013.

PORTO, M. F.; MILANEZ, B. Eixos de desenvolvimento econômico e geração de conflitos socioambientais no Brasil: desafios para a sustentabilidade e a justiça ambiental. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.14, n.6, 1983-1994, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v14n6/06.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2017.

REETZ, E. R.; SANTOS, C; RIGON, L; CORRÊA, S; LINDEMANN, C; BELING, R. R. **Anuário brasileiro de flores**. Santa Cruz do Sul. Editora Gazeta, Santa Cruz, 2007.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, M. P. B. **Metodologia de pesquisa**. São Paulo: Penso, 2013.

SANTANA, A. C. A indústria de madeira no Estado do Pará: análise de competitividade. **Novos Cadernos do NAEA**, Belém, v.4, n.2, p. 83-114, 2001. ISSN 1516-6481.

_____. A integração sistêmica entre APL e cadeia produtiva. In: SANTANA, A. C. **Mercado, cadeia produtiva e desenvolvimento rural na Amazônia**. Belém: UFRA, 2014, p.335-343.

_____. Apresentação. In: SANTANA, A. C. **Mercado, cadeia produtiva e desenvolvimento rural na Amazônia**. Belém: UFRA, 2014.

_____, SANTANA, A. L. O arranjo produtivo local de pesca de Bragança e Santarém no estado do Pará. In: SANTANA, A. C. **Mercado, cadeia produtiva e desenvolvimento rural na Amazônia**. Belém: UFRA, 2014, p.345-389.

SANTOS, D. H. Agricultura urbana e segurança alimentar. **Revista Saber Acadêmico**, n. 11, p. 172 - 182, jun. 2011. Disponível em: <<http://www.uniesp.edu.br/revista/revista11/pdf/artigos/15.pdf>> Acesso em: 18 mar. 2017.

SANTOS, P. P. dos; SENA, A. L. dos S. Perfil tecnológico e socioeconômico da floricultura na região Metropolitana de Belém: Estudo de caso no Município de Benevides. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA RURAL, 44., 2006, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: SBER, 2006. Disponível em: <www.sober.org.br/palestra/5/649.pdf>. Acesso em: 09 abr. 2017.

SAUER, Sérgio. **Agricultura familiar versus agronegócio**: a dinâmica sociopolítica do campo brasileiro. Texto para discussão. Embrapa Informação Tecnológica, Brasília, 2008. Disponível em: <<https://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/bitstream/doc/123017/1/sgetexto30.pdf>> Acesso em: 10 mar. 2017.

SCHWAB, Natalia Teixeira et al. Diversidade florística do bairro Nossa Senhora das Dores em Santa Maria, RS. **Ornamental Horticulture-** Revista Brasileira de Horticultura Ornamental, v. 20, n. 2, p. 155-162, nov. 2014. ISSN 2447-536X. Disponível em: <<https://ornamentalthorticulture.emnuvens.com.br/rbho/article/view/563/540>>. Acesso em: 03 set. 2017. doi:<http://dx.doi.org/10.14295/rbho.v20i2.563>.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS (SEBRAE). **Flores e Plantas Ornamentais do Brasil**. Estudos mercadológicos, v. 1. Brasília, DF: SEBRAE/DF, 2015.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS (SEBRAE). **Flores e Plantas Ornamentais do Brasil**. Estudos Mercadológicos, v. 2. Brasília, DF: SEBRAE/DF, 2015.

SECRETARIA ESPECIAL DE AGRICULTURA FAMILIAR E DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO (SEAD). **Agricultura familiar**. 2017. Disponível em: <<http://www.mda.gov.br/sitemda/noticias/o-que-%C3%A9-agricultura-familiar>> Acesso em: 28 fev. 2017

SILVA, S. S.; COTO, G. C. Redes públicas de cooperação e o desenvolvimento local: a experiência do Programa Nacional de Habitação Rural (PNHR) no Alto Vale do Itajaí. **Revista de Ciências da Administração**, Florianópolis, p. 165-182, dez. 2015. ISSN 2175-8077. Disponível em: <<https://journal.ufsc.br/index.php/adm/article/view/42216>>. Acesso em: 23 mar. 2017. doi:<http://dx.doi.org/10.5007/%x>.

SIQUEIRA, D. F.; MOURA, R. M.; LAURENTINO, G. E. C.; SILVA, G. P. F.; SOARES, L. D. A.; LIMA, B. R. D. A. 2012. Qualidade de vida de trabalhadores rurais e agrotóxicos: uma

revisão sistemática. **Revista Brasileira de Ciências da Saúde**, v. 16, n.2, p. 259-266. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/rbcs/article/view/11674>>. Acesso em: 21 ago. 2017.

SOUZA, M. P. **Governança no agronegócio: enfoque na cadeia produtiva do leite**. Porto Velho, EDUFRO, 2007.

TOLEDO, J. C.; BORRÁS, M. A. A.; SCALCO, A. R.; LIMA, L. S. Coordenação da qualidade em cadeias de produção: estrutura e método para cadeias alimentares. **Gestão & Produção**, São Carlos, SP, v. 11, n. 3, p. 355-372, dez. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/gp/v11n3/a09v11n3.pdf>>. Acesso em: 13 abr. 2017.

TRIGO, L. G. G. Prefácio. In: ALMEIDA, M. A. B.; GUTIERREZ, G.L.; MARQUES, R. **Qualidade de vida: definição, conceitos...** Escola de Artes, Ciências e Humanidades - EACH/USP. 2012. Disponível em: <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&src=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwjQ3N6m1vLVAhWFgZAKHeULAIgQFggnMAA&url=http%3A%2F%2Feach.uspnet.usp.br%2Ffedicoes-each%2Fqualidade_vida.pdf&usq=AFQjCNHoo23UqyxDOuM0gSDtj4-lz-viYw> . Acesso em: 21 ago. 2017.

TROIAN, A.; DALCIN, D.; OLIVEIRA, S. V.; TROIAN, A. Jovens e a tomada de decisão entre permanecer ou sair do meio rural: um estudo de caso. **Revista de Extensão e Estudos Rurais**, v. 1, n. 2, p. 349 – 374, jul. / dez. 2011. Disponível em: <<http://www.revistarever.ufv.br/index.php/rever/article/view/17>>. Acesso em 18 mar. 2017.

TSUBOI, N.; TSURUSHIMA, H. **Introdução à história da indústria de flores e plantas ornamentais no Brasil**. São Paulo: Comissão Editorial da História da Indústria de Flores no Brasil, 2009.

VALE, G. M. V.; CASTRO, J. M. Clusters, arranjos produtivos locais, distritos industriais: reflexões sobre aglomerações produtivas”. **Análise Econômica**, Porto Alegre, v. 28, n. 53, p. 81-97, 2010. Disponível em: <seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/download/6760/9657>. Acesso em 13 abr. 2017.

VASCONCELLOS SOBRINHO, M.; VASCONCELLOS, A. M. de A.; HEIDTMANN NETO, H. G.; SOUSA, Y. M. de. Learning by Doing: a critical analysis about partnership between University, Local Government and Civil Society. **Revista de Ciências da Administração-CAD/UFSC**, v. 1, p. 183-196, 2015.

VÁZQUEZ BARQUERO, A. **Desenvolvimento endógeno em tempos de globalização**. Tradução de Ricardo Brinco. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

VIDAL, J. **Continuidade e mudança na gestão pública do estado do Pará**. São Paulo: Ed. Paco, 2011.

VILARTA, Roberto; GONÇALVES, Aguinaldo. Qualidade de vida – concepções básicas voltadas à saúde. In: GONÇALVES, Aguinaldo; VILARTA, Roberto (orgs.). **Qualidade de Vida e atividade física**: explorando teorias e práticas. Barueri: Manole, 2004, p.27-62.

VILLAÇA, Flávio. Um ângulo de síntese: a análise do espaço. In: GONÇALVES, M. F., BRANDÃO, C. A., GALVÃO, A. C.: **Regiões e cidades, cidades nas regiões**: o desafio urbano-regional. 1. Ed. São Paulo. Editora UNESP, 2003.

YIN, R. K. **Pesquisa qualitativa**: do início ao fim. 1. ed. Porto Alegre: Penso, 2016.

YONG, A. La biodiversidad florística en los sistemas agrícolas. (Revisión bibliográfica). In: **Cultivos tropicales**, v. 31, n. 4. 2010. Disponível em: <<http://scielo.sld.cu/pdf/ctr/v31n4/ctr12410.pdf>> Acesso em: 19 mar. 2017.

APÊNDICE

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA PRODUTORES

CARACTERIZAÇÃO DO ENTREVISTADO E PROPRIEDADE:

Nome:

Telefone:

Idade:

Escolaridade:

Função na atividade (produtor/familiar/...):

Município:

Data:

Tamanho da propriedade:

CARACTERIZAÇÃO DA ATIVIDADE:

01. Quando e por que o (a) senhor (a) decidiu cultivar flores e plantas ornamentais?
02. Qual é a importância da atividade para o desenvolvimento local?
03. Como é a relação dos produtores no mercado? A concorrência é acirrada? Os principais concorrentes são locais?
04. Além do senhor (a) outras pessoas da família trabalham também na atividade? Se sim, o que cada um faz?
05. Existe algum programa de capacitação para trabalhar na produção de flores e plantas ornamentais?
06. Quais são os entraves que limitam a expansão da atividade na região? Como podem ser superados?
07. Quais são os pontos fortes da atividade no município? Eles estão se refletindo especificamente na sua atividade? Como?
08. O cultivo de flores e plantas ornamentais é sua principal fonte de renda? Quanto ela representa na renda total?
09. O (A) senhor (a) considera houve melhoria na sua qualidade de vida em decorrência da atividade?
10. O senhor considera que o retorno financeiro da atividade é satisfatório? Desde que começou o rendimento tem melhorado? Piorado? Ou ficou estável?

11. Existe alguma articulação entre os produtores como: associações, cooperativas, etc..? O senhor participa ou já participou? Se não participa, por quê?
12. Qual sua avaliação do incentivo a atividade por parte do poder público (Emater, SEDAP, Prefeitura)? O que poderia melhorar?
13. A localização do município contribui de alguma forma para a atividade? Qual?
14. A infraestrutura (estradas, energia elétrica, telecomunicações, etc) é adequada para facilitar a produção?
15. Qual sua avaliação da oferta de crédito (Pronaf, FNO, outros)? O senhor utiliza? Já utilizou?
16. Como o senhor avalia a contribuição do cultivo de flores e plantas ornamentais para o desenvolvimento econômico, social e cultural do município?
17. O senhor fez alguma inovação no processo de plantio, comercialização, ou na gestão desde o início das atividades? Qual foi? Tem alguma que gostaria de fazer?
18. Nos próximos anos o senhor pretende aumentar, diminuir ou manter a área plantada?
19. Qual sua avaliação da relação dos produtores de flores e plantas ornamentais com os compradores?
20. Quem são seus os principais clientes?
21. Como o (a) senhor (a) vê o futuro da produção de plantas ornamentais? Por quê?
22. Se o senhor fosse escolher aspectos positivos e negativos da atividade, quais seriam?

Obrigada pela sua participação!